NA PÁGINA CENTRAL: «GUILHERME TELL, SOLDADO» POR JOÃO MEDINA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1969 N.º 16 722 ANO 49.º UM ESCUDO

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

AS RELAÇÕES ENTRE BONN E MOSCOVO

MUNIQUE, 10 — (R.) — As relações entre a Alemanhã Ocidental e a União Soviética estão a aproximar-se, pela primeira vez, do seu normal — segundo afirmou a noite passada o ministro dos Negócios Estrangeiros Willy Brandt.

Na edição de hoje do «Sudeutsche Zeitung», Brandt declara que o novo elemento entra num diálogo entre a Alemanha Ocidental e a União Soviética com a recente nota de Bon a Moscovo repetindo uma oferta de permuta de declarações de não agressão com a U. R. S. S.

O prof. Marcello Caetano, em S. Paulo, rodeado por populares. (Telefoto)

A IMPORTÂNCIA POLÍTICA DA VISITA DE MARCELLO CAETANO AO BRASIL

é posta em relevo por comentadores internacionais

RIO DA JANEIRO, 10 — (F. P.) — A transformação da Comunidade Luso-Brasileira num instrumento dinâmico de defesa das principais reivindicações dos países em vias de desenvolvimento, em face da cobiça dos países industrializados parece ser um dos principais temas focados pelo prof. Marcello Caetano na sua visita ao Brasil. Algumas passagens dos discursos pronunciados em Brasília pelo Presidente brasileiro, marechal Costa e Silva, e pelo prof. Marcello Caetano chamaram a atenção dos comentadores.

O Presidente do Conselho de Ministros de Portugal pôs em destaque três temas principais, que constituirão as linhas-mestras da nova política externa portuguesa: 1.º — a luta pela aceleração do desenvolvimento; 2.º — recusa à expansão das armas atómicas, mas reivindicação do livre uso da energia nuclear para fins pacíficos; 3.º — reivindicação de uma revisão do comércio internacional sobre bases mais equitativas.

Estas três teses constituem o essencial da «Nova Diplomacia» preconizada pelo chanceler brasileiro em todas as conferências e instâncias internacionais.

Comunidade de acção

É, aliás, neste contexto que se deve compreender

(Continua na 18.ª página)

Centenas de pessoas juntam-se, (melhor dizendo), amontoam-se desordenadamente numa pequena sala em plena Lisboa dos nossos dias. Vão em busca da saúde. Quantas virão de lá sem ela?

(Ler na página central)

Uma hipótese do «Washington Post»

A crise na Itália terminará no caos

NOVA YORK, 10 — (R.) — O «Washington Post» afirma hoje que a crise governamental italiana é um indício de uma «possível desintegração» do país.

Num editorial, o jornal afirma que a tensão social poderá finalmente encravar as engrenagens da antiquada maquinaria política italiana, podendo resultar daí o caos, a guerra civil ou um golpe de Estado, na opinião de muitos italianos.

O artigo afirma que a origem do problema está nos moldes do século XIX do sistema educacional italiano, da estrutura fiscal, dos padrões sociais e da distinção de classes.

IMPULSO AO CENTRO-ESQUERDA

ROMA, 10 — (F. P.) — Impulso ao centro-esquerda e reforço da unidade

(Continua na ultima página)

JOAQUIM AGOSTINHO APAIXONADO:

VAI SER DIFÍCIL DEDICAR OUTRA VITÓRIA À ANA MARIA (A TAL «LOIRINHA» DE TORRES VEDRAS)

DIGNE, 10 — É um homem marcado, carne rasgada, coxear no andar penoso. Mas é um homem de sorriso aberto e moral forte que eu vejo entrar pelo meu quarto dentro. Todo ele é alegria e satisfação por estar entre compatriotas, por falar a sua língua, por poder desabafar. Tem o braço esquerdo — de alto a baixo — em carne viva: na perna uma larga mancha cor-de-rosa.

Mas ele ri. Pede licença para se deitar numa das camas.

Fala pelos cotovelos, bem disposto, a rir com as piadas, neste hotelzinho familiar e provinciano onde vai parar por algumas horas. Nem fala das dores, nem do tratamento que o espera, nem das torturas da estrada que o aguardam gulosamente. E só faz uma pergunta:

— *Aquilo de bacalhau não era «barrete» pois não?*

Um homem inteiro e

(Continua na 24.ª página)

Apreendidas duas toneladas de cigarros (VALOR DE QUINHENTOS CONTOS)

SABUGAL, 10 — A Guarda Fiscal fez a importante apreensão de 62 000 maços de cigarros americanos, de marcas diversas, com o peso superior a duas toneladas e no valor de mais de quinhentos contos.

O tabaco estava escondido num palheiro, nas proximidades desta localidade

(Continua na ultima página)

Do nosso enviado especial **AMADEU JOSÉ DE FREITAS**

com o patrocínio do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

A UM PASSO DA LUA

O ASTRONAUTA JOHN YOUNG DESCREVE-NOS A SUA VIAGEM NA «APOLO 10»

(Ler na pág. 12)

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

CONVITE PARA O JAPÃO

As concorrentes não devem demorar o envio do cupão e das fotos que as habilitam à iniciativa

Tudo se conjuga para que a eleição da representante portuguesa ao Concurso Internacional de Beleza, no Japão, constitua um verdadeiro acontecimento. Como temos noticiado, Portugal estará presente pela primeira vez na grande realização por iniciativa do «Diário de Lisboa».

A oportunidade duma maravilhosa viagem ao Japão, com escala pelas cidades de Kyoto, Osaka, Nagoya e Tóquio, é oferecida às jovens portuguesas que tenham nascido depois de 1 de Setembro de 1951 e sejam cidadãs portuguesas, pelo menos a partir de 1 de Março do ano corrente.

O Concurso Internacional de Beleza, no Japão, é uma iniciativa anual, realizada com o patrocínio do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Governo do Japão, da Associação Japonesa para a Exposição Mundial de 1970 e do Congresso de Beleza do Japão. A edição deste ano destina-se á Selecção da Rainha Internacional de Beleza 1969, que conquistará nada menos de dois milhões de «yen», o correspondente a 10 contos, na nossa moeda.

Evidentemente, outros prémios também valiosos aguardam as jovens representantes de inúmeros países que vão estar no Japão de 28 de Agosto a 17 de Setembro. Com elas, a representante portuguesa eleita por um juri constituido para o efeito.

Para concorrer, basta preencher, cuidadosamente, o cupão que publicamos e remetê-lo para os nossos serviços, acompanhado de duas fotografias (uma de busto e outra de corpo inteiro), formato grande, para permitir a selecção inicial.

Embora não esteja ainda fixada a data de encerramento da inscrição, pede-se ás concorrentes que não demorem o envio do cupão e das fotografias, a fim de facilitar os trabalhos do júri.

Não há soro antiofídico no hospital de Viseu

VISEU, 10. — Mordido por uma víbora, veio da sua terra, Castelhão de Castro Daire, para aqui e recolheu ao Hospital da Misericórdia, a sr.ª D. Maria Lúcia Ferreira da Costa, de 25 anos, casada.

Naquele hospital não havia, porém soro, e a paciente teve de ser levada para os Hospitais da Universidade de Coimbra.

DE ONTEM PARA HOJE

A AMAZÓNIA EM LISBOA

É um dos reservatórios do futuro essa Amazónia grande, toda gigante nos seus rios, nas suas árvores e no território imenso. A Amazónia que há quase meio século dava a Ferreira de Castro, depois de nela ter sentido a dureza do trabalho e o travo amargo de não ter amanhã, «A Selva», hoje universalizada e concorrendo para a universalização dos problemas da Amazónia, com seus seringais e jacarés, está agora presente em Lisboa na pessoa do seu governador, filho de portugueses. É o dr. Daniel Areosa, que ontem foi recebido na Sociedade de Geografia que visitou demoradamente. A casa tem tradições luso-brasileiras altas e o dr. Daniel Areosa lá esteve horas, visitando tudo, por tudo se interessando. Acompanhavam-no o dr. Emídio Vaz de Oliveira e o conselheiro Horácio Pinto Coelho. Depois, foi o presidente da Sociedade de Geografia, dr. Adriano Moreira que o homenageou com um banquete. Presentes também os conselheiros da União das Comunidades de Cultura Portuguesa e esposas, e ainda o general Luís da Câmara Pina, prof. António de Almeida e coronel António José Caria. No final foi entregue ao governador Areosa o colar da União das Comunidades de Cultura Portuguesa, em virtude dos relevantes serviços que tem prestado aos interessados lusíadas no mundo.

PRISÃO MAIOR

No tribunal de Guimarães, findou o julgamento de Maria Arminda Monteiro, de 33 anos, operária fabril, moradora no lugar da Seara, freguesia de Lordelo, acusada de envenenar o marido, Fernando Pereira da Silva, de 35 anos, recelão, utilizando arsénico. O casal tinha três filhos, um de 8 meses, outro de 2 anos e um de 7. Foi condenada em 20 anos e 30 dias de prisão maior, imposto de justiça e 70 contos de indemnização a quem se mostrar com direito a ela.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social; brigadeiro José Pereira do Nascimento, secretário de Estado da Aeronáutica; Flávio António de Sousa Lara; António de Medeiros e Almeida; João Nogueira de Brito e Alberto Nogueira de Brito e a sr.ª dr.ª D. Maria Fernanda de Brito; e, ainda, o conselho de administração da Rádio Marconi.

ORDEM DE BENEMERÊNCIA

Em audiência especial, o Chefe do Estado recebeu ontem á tarde, no Palácio Nacional de Belém, a sr.ª D. Maria do Carmo Fernandes Formigal de Arriaga, presidente do Nucleo Regional do Sul da Liga Portuguesa contra o Cancro, a quem impôs as insígnias da comenda da Ordem de Benemerência, com que a distinguiu, conforme já noticiámos, tendo em consideração os elevados méritos da acção desenvolvida naquela instituição.

JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

O dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio, reuniu-se ontem, na Junta Nacional das Frutas, com o presidente e os vice-presidentes daquele organismo, respectivamente os srs. eng.º José Duarte Amaral, dr. Sebastião Atalaia e eng.º Armando Candido Ferreira. Concluiu-se pela necessidade de construção de armazéns polivalentes e ampliação dos já existentes, assim como pela intervenção da J. N. F. no mercado das frutas e dos produtos hortícolas, a qual vai iniciar-se através dos postos de venda daquela Junta.

NOVE FERIDOS

Na Marginal, junto do forte da Giribita, um automóvel que ia de Lisboa foi chocar com um poste. Feridas ficaram nove pessoas que seguiam no carro. Levadas ao Hospital de São José ficaram ali internadas oito delas: António Morais Bernardo, de 28 anos, escriturário da Academia Militar, que conduzia, sua mulher, Cordália Almeida Bernardo, de 21 anos, residentes na Estrada da Portela, 128, os cunhados José Mário da Costa, de 39 anos, maquinista, a mulher, Nazaré Monteiro da Costa, de 30 anos, e os filhos Abel de 5 anos, e Américo Monteiro da Costa, de 7, residentes em Outeiro da Polim, São Domingos de Rana, e Marciano Cardoso, de 44 anos, servente, a mulher, Isaura Morgado Ferreira, de 37 anos, e a filha do casal Maria Rosa, de 1 ano.

FUNDAÇÃO SALAZAR

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem no Palácio de Belém o eng.º Basílio Caeiro da Mata que ali foi comunicar que, na qualidade de presidente das Industrias Lusitanas Renault, ali foi comunicar ter a empresa decidido oferecer um carro á Fundação Salazar.

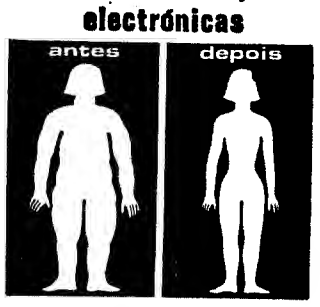
A MULHER ESTRANGULADA

Foi em Silvã de Cima perto de Satão que Filomena do Rosário Ferreira, de 66 anos, doméstica, solteira, foi estrangulada por um diminuído mental. Trata-se de Alberto de Jesus Gomes, de 36 anos, solteiro. Este depois da triste façanha, despiu a vítima, cobriu o corpo com rama de pinheiro e enterrou a trouxa que a vítima levava para lavar. Depois levou para a povoação as roupas que tirara, sendo esse o indício que revelou o acto. A G. N. R. prendeu o Alberto Gomes e tomou conta das investigações.

Torne-se Ainda Mais Bela e Atraente e CONCORRA...

se nisso tiver necessidade

Emagreça 2K por semana através das vibrações electrónicas



Agora com o aparelho «COUSSIN ELECTRONIC» poderá eliminar gorduras e celulite ou enrijar carnes flácidas em qualquer parte do corpo.

DEPARTAMENTO DE VENDAS E REPRESENTAÇÕES, LDA.
Praça do Chile, 15-1.º — Lisboa

Assinale com uma cruz o aparelho sobre o qual deseja receber literatura

ou elimine para sempre os pêlos inestéticos através de depilação eléctrica

Apenas por 387$50 com o depilador

«ELECTRONIC PENCIL»

O mais pequeno aparelho eléctrico de depilação
Recorte ou copie este cupão e receberá literatura grátis e sem compromisso, enviando-o ao

- [ ] Erkostrong (G)
- [ ] Coussin electronic
- [ ] Electronic Pencil

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

Exc. D. L.

O Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra no Norte do País e na Madeira

A peça de Marivaux «A Ilha dos Escravos», constitui o programa que o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra apresentará na sua digressão pelo Norte do País, á qual sucederá outra, pela ilha da Madeira.

O grupo estará em Guimarães, no próximo dia 19; em Vila Nova de Famalicão, a 21; em Braga, a 23; em Vila do Conde, a 25, e na Guarda, a 28. A digressão pela Madeira decorrerá em Agosto.

A «tournée» é subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Ministério da Educação Nacional.

COLORAÇÃO VERMELHA NO PETRÓLEO

para pesquisar a existência de petróleo na gasolina

Um despacho do secretário de Estado do Orçamento, dr. Augusto Vítor Coelho, hoje exarado na folha oficial, determina que passe a empregar-se na coloração do petróleo importado, «um novo produto, de cor vermelha, contendo revelador especial que permita pesquisar a existência de petróleo na gasolina».

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

CONVITE PARA O JAPÃO

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____
DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____ DE 19 _____
PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este cupão, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores, em formato grande), e envie para «DIÁRIO DE LISBOA» — Selecção da Rainha Internacional de Beleza - 1969 — Rua Luz Soriano, 44 — LISBOA - 2.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

JERUSALÉM, CIDADE SANTA

Uma das mais antigas cidades é agora a capital de um dos mais jovens e dinâmicos países. John Gunther revisita Jerusalém — mosaico de povos, religiões e costumes. Leia este artigo no número de Julho de «Selecções», distribuição da Livraria Bertrand.

O NOVO GOVERNO DO SUDÃO JOGA NO PAN-ARABISMO

KHARTUM (Julho) — Os novos governantes do Sudão parecem africanos, mas falam, agem e consideram-se a si próprios como árabes. Como a maioria dos muçulmanos do Sudão do Norte, que constituem três quartos da população, os novos dirigentes podem orgulhar-se de uma reduzida ancestralidade árabe. Os sudaneses trabalham geralmente como criados no Egipto e outros

Por Stanley Meisler

países do mundo muçulmano, e muitos árabes utilizam a palavra escravo **para os designar. No entanto, apesar disso (ou por causa disso) os sudaneses gostam de mostrar que são árabes tão militantes como quaisquer outros(ou mais militantes que os outros).**

Desde o golpe militar em consequência do qual foi derrubado um Governo civil legalmente eleito, que a retórica do novo Governo de Khartum se revela claramente inspirada no pan-arabismo e **slogans** anti-israelitas.

«O nosso arabismo não exclui o nosso africanismo», declarou o primeiro-ministro Babiker Awadalla logo após o golpe de Estado. Mas nos primeiros dias poucos sinais de africanismo pareciam existir.

O presidente do Conselho Revolucionário, general Gafaar El Nimeri, afirmou que o seu Governo tencionava **«acabar com a existência de Israel em solo árabe».**

Apesar de o Governo anterior ter cortado relações com a Inglaterra e os Estados Unidos, e haver enviado algumas tropas para o Egipto durante a guerra dos seis dias, Nimeri acusou os antigos governantes de não se terem **«oposto ao países imperialistas e não terem detido a infiltração sionista em África».**

O primeiro-ministro sublinhou que o Sudão iria basear as suas relações com os outros países na política israelita por eles adoptada. O primeiro acto diplomático oficial da nova equipa foi o reconhecimento do Governo da Alemanha do Leste, com a explicação de que o regime de Berlim nunca apoiou Israel.

É claro que esta retórica anti-israelita é um meio fácil de atrair as massas para o novo Governo, distraindo-as dos problemas internos mais próximos e de resolução muito difícil.

O ISLAMISMO DO SUDÃO

Os geógrafos medievais deram ao país o nome de «terra dos pretos», derivado da cor da pele dos autóctones. A conquista árabe começou, sob a forma de infiltração, no século VII, e 700 anos depois soava a hora da conversão. O processo de conquista e conversão ganhou raízes por meio dos casamentos mistos, entre os árabes e as tribos africanas vencidas.

Com o andar dos anos os africanos acomodaram-se plenamente ao estilo de vida árabe. Duas razões de peso contribuíram para isso: a tolerância islâmica, que não impõe, ao contrário do cristianismo, a renúncia aos deuses e aos costumes tribais; e a fraqueza das civilizações africanas quando confrontadas com a cultura árabe.

Ao cabo de alguns séculos, os muçulmanos do Sudão, que provàvelmente não chegam a ter um quarto de sangue árabe nas veias, identificaram-se com os árabes. Começaram a praticar o Islão, a trajar as longas vestes árabes e a falar a língua do vencedor. O seu olhar virou-se decididamente para o norte em vez de se internar na África.

Esta identificação, no entanto, não tem sido um mar de rosas. No século XIX um movimento nacionalista pôs termo ao domínio egípcio. Os longos anos que este durou criaram uma situação ainda hoje existente: os sudaneses, mal chegam ao Cairo, sentem-se vítimas de um tratamento nada fraterno...

Mas a força do pan-arabismo e a propaganda egípcia têm vindo a sobrepor-se a todos os ressentimentos. Existe igualmente uma grande influência do Egipto no Sudão: os sudaneses ouvem a Rádio Cairo, as escolas têm dois mil professores egípcios, a Universidade do Cairo estendeu uma secção a Khartum.

UM SEGUNDO EGIPTO

Os novos governantes sudaneses deixaram bem expresso que pretendem seguir o modelo egípcio. Na sua primeira mensagem radiodifundida, o primeiro-ministro descreveu o Egipto como **«um minarete de aprendizagem e conhecimento através de séculos de escuridão, e a esse minarete nos ligam a unidade geográfica, a comunidade de sangue, história, língua, sofrimento e objectivos».**

A história política do país reforça o pan-arabismo que o novo Governo pretende seguir. De certo modo, desde a independência em 1956, sempre os pan-arabistas têm sido identificados como a força progressista e esquerdista da nação, enquanto os nacionalistas sudaneses se têm identificado com a força conservadora e tradicionalista. A classificação pode ser simplista e exagerada, mas é a que subsiste nos espíritos sudaneses.

OS SUDANESES DO SUL

O novo regime pode encontrar no pan-arabismo militante um difícil escolho par a compreensão e solução inteligente do problema político nacional mais importante — a guerra civil no Sul.

Na última década tem havido uma rebelião entre as tribos das três províncias do Sul: Equatoria, Bahr el Ghazal e Nilo Superior. Quatro milhões de habitantes vivem ali (a população sudanesa total é de 14 milhões). Quase todos eles são pagãos ou cristãos. E todos se consideram africanos, não árabes.

Os sudaneses negros que se consideram árabes têm tentado reprimir esta rebelião dos sudaneses negros que se consideram africanos. As perdas calculam-se

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

em centenas de milhar de vidas. Mais de 160 mil sudaneses do Sul fugiram e refugiaram-se em países vizinhos.

O novo Governo prometeu que iria conseguir o que o outro Governo foi incapaz de obter: terminar com a guerra. Mas não forneceu muitos pormenores do plano que para tal terá concebido.

Numa conferência de Imprensa, o general Nimeri declarou: **«Não acreditamos na secessão e consideramos essa eventualidade como um crime imperdoável. Contudo, quando chegarmos a uma solução política do problema do Sul, tomaremos em consideração o facto de o Sudão do Sul ter características muito peculiares».**

Estas palavras talvez confortem o Sul e lhe façam nascer a esperança num estatuto federal, com autonomia local.

Nota do dia

ESTRATÉGIA GLOBAL

NÃO É POSSIVEL SUPOR, numa política pensada e ordenada, que o jogo das meras coincidências seja interpretação de admitir. Pelo contrário, é necessário admitir que cada decisão que se toma ou cada orientação que se adopta resultam de um esquema preestabelecido, sem que isto envolva, necessàriamente, um «bill» a favor de toda a decisão ou de toda a orientação. Mas, julgando-as os críticos como correctas ou como viciosas, elas hão-de ser a resultante de um pensamento. E até quase apetece preferir um erro por via de um raciocínio direito ao acerto por obra e graça do acaso.

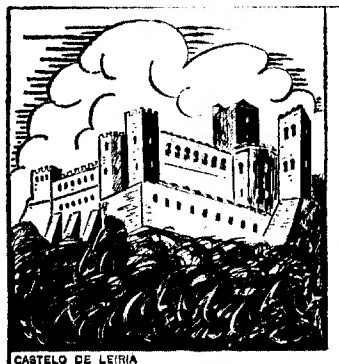
Põe-se isto como preâmbulo, que nos parece adequado, à designação do general Kaulza de Arriaga para o posto de comandante militar de Moçambique, funções que vai exercer sem se desligar da posição, que vem há dois anos exercendo, na Junta de Energia Nuclear. O militar que tem sido capaz de fazer ao mesmo tempo carreira na administração pública vai agora ter oportunidade de aplicar alguns conceitos, de que se tem feito arauto, no que diz respeito a uma experiência de estratégia integrada.

O primeiro passo dessa integração foi dado pelo recente diploma legal que alargou a Angola e Moçambique a esfera de acção e a competência da Junta de Energia Nuclear, até então abrangendo apenas a área da metrópole. O envio para Angola e Moçambique de altos funcionários da Junta, escolhidos entre alguns dos técnicos mais qualificados de que o País dispõe, é o segundo passo, significativo do começo de execução. A partida do general Kaulza é a «coincidência» cujos preliminares se registaram.

Embora a escolha do novo comandante militar de Moçambique estivesse decidida há meses (chegou a ser noticiada na Imprensa, mas logo foi oficialmente classificada de «prematura») só agora ela se efectiva. Entretanto, o actual novo comandante fez uma longa viagem por Angola e Moçambique, com visita também à União Sul-Africana. Foi, como se diz em linguagem geológica, a primeira «prospecção do terreno», o conhecimento das condições locais, a observação das possibilidades. Foi o preliminar da integração.

A guerra moderna, aliás a sua condução, não se limita às operações militares. Envolve efectivamente todo um conjunto de circunstâncias políticas, económicas e até psicológicas que não podem estar ausentes nem desligadas. Ao comando militar, porém, não cabe definir qualquer política, mas escolher as linhas de execução da política que lhe tiver sido definida. O antigo director do Centro de Estudos Estratégicos dos Altos Estudos Militares tem ideias assentes sobre tudo isto. Sentir-se-á feliz, porventura, pela oportunidade que lhe foi oferecida de lhe dar aplicação.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO


CASTELO DE LEIRIA

EXCURSÃO DA
DOMINGO 13 DE JULHO

LISBOA a VALADO, NAZARÉ, S. PEDRO DE MUEL, PRAIA DA VIEIRA, MONTE REAL, LEIRIA e volta

COMPREENDENDO O TRANSPORTE EM COMBOIO FIAT (1ª CLASSE COM AR CONDICIONADO), PEQUENO ALMOÇO, ALMOÇO E CIRCUITO TURISTICO RODOVIÁRIO

EXCURSÃO COMPLETA ..... 210$00

SÓ TRANSPORTE EM CAMINHO DE FERRO
(COM PEQUENO ALMOÇO NO COMBOIO INCLUIDO NO PREÇO) (IDA E VOLTA)

LISBOA a TORRES VEDRAS ..... 46$50
LISBOA a CALDAS DA RAINHA ..... 67$50
LISBOA a S. MARTINHO DO PORTO ..... 73$50
LISBOA a VALADO ..... 81$50
LISBOA a LEIRIA ..... 95$50

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (SANTA APOLÓNIA), NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, RUA DO ARSENAL, 124, NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS E NOS DESPACHOS CENTRAIS DE LISBOA

MUNDUS
CIMBRES E TORRES

RECTÂNGULOS DA VIDA

O VELHO

Os filhos e principalmente os netos riam à socapa só porque ele dizia às vezes: «Vou morrer». Não vinha a propósito e isso é que era estranho e causava hilariedade. Havia um silêncio qualquer e ele quebrava-o para pronunciar a sua eterna frase: «Vou morrer». — «Ora, avô!», disse um dia o neto mais novo, que não tinha papas na língua e se julgava esperto. «Ora, avô! Passa o tempo a dizer isso mas nunca morre!» Os pais repreenderam o mocinho, mas o avô apreciou a interferência e foi a ele, ao neto, que se dirigiu: «Vais ver que não demora muito. Eu é que sei. Eu é que sinto. Não é sempre, não. Às vezes. Como se me dissessem «vais morrer.»

«É uma voz?», interessou-se o neto, delicado.

«Não, não é uma voz.»

Ninguém o compreendeu. Como havia de ser, se todos à sua volta eram novos e saudáveis? Aconselharam-no a chamar o médico, a filha perguntou mesmo (era o mais que podia fazer), se queria que lhe telefonasse.

O velho encolheu os ombros. O médico! Como se o médico pudesse fazer alguma coisa, como se «aquilo» fosse uma gripe ou um ataque de fígado. Que não, que não queria médico nenhum. Mas que podiam acreditá-lo. Ia morrer.

Havia sempre uma causa próxima para as comunicações do velho. Ou sentira que estava a ver pior, ou não ouvira o que lhe tinham dito, ou as pernas andavam perras ou adormecia de chofre após as refeições. Então participava: «Vou morrer». Porque ele lá sabia. Era como se fossem luzinhas dantes muitos vivas que se iam apagando. Dantes houvera milhares delas. Agora...

Um dia apagou-se a última. Havia meses que o velho não fazia o seu anúncio. A coisa tornara-se perigosamente óbvia, ou — quem sabe — demasiado iminente.

por **MARIA JUDITE DE CARVALHO**

OBRAS DE ARTE INDO-PORTUGUESA NA ILHA TERCEIRA

ANGRA DO HEROÍSMO, 9 — Na Ilha Terceira são muitas as obras de arte indo-portuguesa, como aliás também da arte flamenga Muitos dos navios que vinham da carreira das Índias aportavem aos Açores. Até os navios de Vasco da Gama fizeram escala nas ilhas, antes do seu regresso a Lisboa; e nos Açores se finou Paulo da Gama, irmão do capitão-mor.

Esses navios deixavam nos Açores muitas obras de arte vindas do Oriente. As estatuetas de marfim têm relevo especial e são frequentes nas colecções de arte dos Açores Há muitas e boas colecções de arte, aliás, nas Ilhas.

Na Vila Praia da Vitória existem coleccionadores com verdadeiras preciosidades de estatuetas de marfim; hoje em dia estão a ser muito cobiçadas em todo o mundo. ReRproduzimos uma dessas estatuetas representando Nossa Senhora da Conceição. É dos temas mais frequentes dos artistas indo-portugueses a Imaculada.

Estatueta indo-portuguesa de marfim pertencente ao sr. Ivo Mendes dos Santos, de Vila Praia da Vitória

A repercussão dos nossos artigos «Vender gasolina é fraco negócio»

Entre as manifestações de apoio e agradecimento que temos recebido de todo o País pela publicação dos artigos «Vender gasolina é fraco negócio», registamos hoje telegramas da Farauto e de A. F. Bota Limitada, ambos de Faro; e de José Alberto Junior.

O sr. Alberto Eiras Gomes dos Santos, proprietário de um posto duplo junto da Póvoa de Varzim, enviou-nos uma carta em que, a certa altura, afirma:

«As razões que tornam fraco este negócio, ou com mais precisão, *ruinoso*, foram já muito bem expostas no conceituado jornal que V. dirige. Entendo, no entanto, que deveria ser acrescentado ainda um artigo sobre as consequências da proliferação de postos e a concorrência desenfreada que entre si fazem. Em minha opinião *não deveriam ser autorizados novos postos senão em locais que o justifiquem plenamente* e nunca distanciados a menos de uns dez quilómetros dos já existentes.»

Também da empresa Rio Alto, de Estela, Póvoa de Varzim, recebemos uma carta de que extraímos as seguintes passagens:

«É mais uma feliz iniciativa do «Diário de Lisboa» que veio alertar o País e os responsáveis intervenientes (Deus o permita) para uma situação injusta que é urgente remediar. Injusta no plano de vencimentos basta comparar os vencimentos e regalias dum abastecedor de posto com os dos empregados das grandes companhias concessionárias (apreciando aqui todos os vencimentos e regalias, desde os do mais modesto servidor até ás regalias e vencimentos da administração). E o que é mais grave é que o empresário abastecedor não pode suportar melhoria de salários.

Injusta no plano dos lucros (ou prejuízos) do empresário abastecedor: basta atender a que a maioria dos postos abastecedores que custaram ao próprio empresário muitas centenas de contos têm uma exploração deficitária, enquanto que companhias há que, nos ultimos três anos, ganharam uma média superior a 160 000 contos por ano, a concluir pela rúbrica «Ganhos e Perdas» dos seus balanços publicados na III série do «Diário do Governo».

Efectivamente não há partilha equitativa dos lucros que o sector arrecada: estes praticamente não chegam aos abastecedores. Parece que que as duas circunstâncias apontadas são eloquentes e a segunda evidencia que a melhoria de condições dos abastecedores não carecerá de ser suportada pelo consumidor».

VIDA MUSICAL

Concerto na Estufa Fria

O programa cora. do ano, promovido pelo Município, prosegue amanhã á noite, com um concerto gratuito na Estufa Fria, que se iniciará ás 21 e 45. A audição está a cargo do Coro Polyphonia e compreende duas partes, a primeira das quais constituída por musica de palácio e religiosa, esta de autores portugueses, e a segunda dividida em musica galante do século XVI e popular portuguesa (em harmonizações de M. de Sampaio Ribeiro), sendo cantor-mor José Augusto Alegria.

DIÁRIO DE LISBOA

Do sr. Celestino Graça, secretário-geral da Feira Nacional de Agricultura, de Santarém, recebemos um ofício de agradecimento pelas referências feitas á realização.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na província de Angola, o soldado n.º 13580668, José Luís Gomes, natural de Ponte Rol (Torres Vedras), filho de António Gomes e de Hermínia de Jesus.

SALDOS DE LIVROS

ÚLTIMOS DIAS

Grande variedade de livros nacionais e estrangeiros de todos os géneros em saldo na LIVRARIA BERTRAND — Rua Anchieta, 23.

ora diga-nos...

— Faz a barba todos os dias?

Como em tudo, os que dizem sempre, por via de regra, querem dizer quase sempre...

● *O sr. Artur Augusto Campos, empregado da Editorial Minerva, tem barba tão forte que...*

— Faço a barba todos os dias.

— Desde quando?

— Para não exagerar, desde os 16 anos.

— Quantos tem hoje?

— Tenho 54, quase 55.

Mas, voltando á barba:

— Fá-la á navalha, á gilete ou á máquina?

— A gilete, mas olhe que ainda tenho a navalha com que fiz a primeira barba.

(Na verdade, o que se há-de fazer a uma navalha fora de uso senão guardá-la!).

● *O sr. Francisco Martins Manso, comerciante, tem tanta barba que...*

— Faço-a todos os dias.

— Desde que idade?

— Desde os 15 e já tenho 37.

— Como é que faz a sua barba?

— Agora, á máquina, uns dias, e á gilete, outros. Mas já fiz com tudo, até com navalha.

(Na verdade, há barbas que não são selectivas).

● *O Luís António Português Campos, empregado de comércio, tem apenas 16 anos e por isso...*

— Só fiz a barba umas quatro vezes.

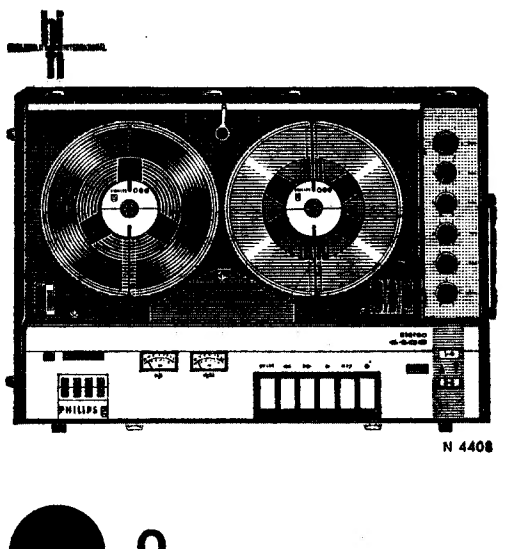
— Com quê?

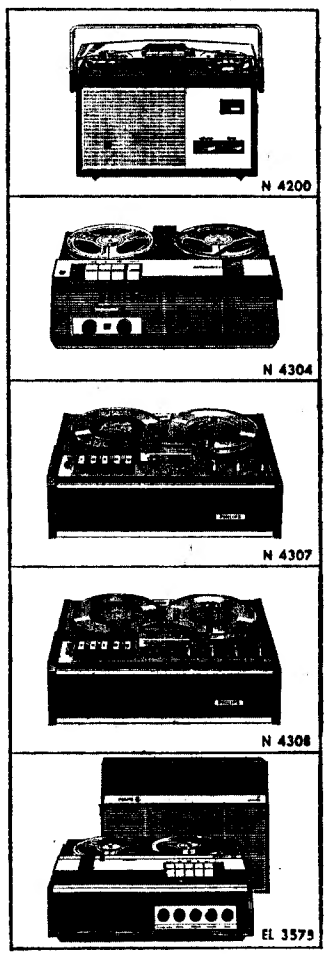
— Com máquina.

— Sua?

— Não. Emprestada. É que, primeiro, tenho que ganhar massas para, depois, poder ter uma máquina minha. Por acaso, ainda tenho pouca barba, mas um dia tem que ser: tenho que arranjar máquina própria.

(Na verdade, uma barba nova não custa só a fazer, custa também a poder fazer!)





N 4200

N 4304

N 4307

N 4308

EL 3575

o máximo em gravadores!

Diversidade de modelos e de características. De uma a quatro velocidades. De duas a quatro pistas. "Duoplay" e "Multiplay". Gravação monoral e estereofónica; em bobinas ou pelo INSTANTÂNEO SISTEMA "COMPACT CASSETTE".

PHILIPS

TODOS OS GRAVADORES PHILIPS SÃO EQUIPADOS COM FITA MAGNÉTICA DE ALTA FIDELIDADE "LOW NOISE"

ARTIGOS SELECCIONADOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

SECÇÃO TÉCNICA DE REPARAÇÕES

FOTOGRAFIA Filmarte CINEMA

FILIAL

RUA DAS PRETAS, 45 — LISBOA 2
TELEFONE 34633

Estabelecimento: 249, Rua Augusta, 251
Experiência: Rua do Carmo, 74-3.º e 4.º

Laboratório Preto e Branco: Rua do Carmo, 74-3.º e 4.º
Laboratório a cores: Rua do Carmo, 98-3.º

RETRATOS DE ARTE NA SUA FILIAL

1967 — 2.º ANIVERSÁRIO — 1969

10 DE JULHO

2.º ANIVERSÁRIO 1967-1969

A Gerência de Filmarte, Lda., vem gostosamente agradecer o apoio dado no 2.º ano de actividade comercial, pelos Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores.

Filmarte, L.da
A GERÊNCIA

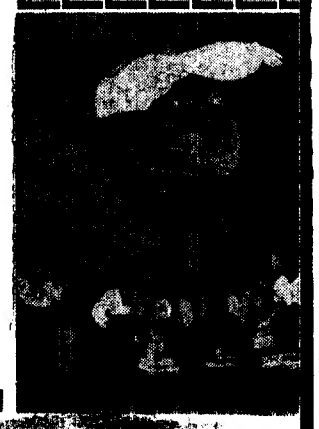
LABORATÓRIOS PRETO E BRANCO E CÔRES MONTADOS SEGUNDO A MAIS MODERNA TÉCNICA

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

Hoje, em estreia

BALLET RUSSO DE IRINA GRJEBINA



Apoteose de danças e cantares da antiga RÚSSIA

Natércia da Conceição

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — ao wonder bar à 1.00h m/21anos

CASSANDRA

SÓ NO WONDER BAR

No cinema às 17 e 21.30 h.

A GUERRA SECRETA DE HARRY FRIGG

(M. 12 anos)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO AVIS

TÍTULO — «Tom Dollar».
REALIZAÇÃO — Frank Red.
INTÉRPRETES — Maurice Poli, Giorgia Moll.

Tom Dollar é agente da C.I.A., como o seu belo nome já parecia indicar. Os Estados Unidos da América, no seu admirável programa de auxílio aos países subdesenvolvidos, propunham-se explorar importantes jazigos de urânio na Pérsia. Pertenciam eles, os jazigos, a um nobre persa que foi assassinado. Resta a sua filha, princesa de profissão, com a vida agora em perigo. Porquê? Porque o assassínio do nobre prova que a assinatura do contrato com os americanos desagrada a alguém. E a princesa só pode assinar esse contrato dentro de vinte e dois dias, data em que adquire a maioridade e passa a ser uma mulherzinha. Por tudo isto, Tom Dollar intervém. Ele possui um japonês que herdou do seu pai samurai, com quem treina todas as manhãs em lutas exóticas (com o japonês herdado, claro está, e não com o pai).

É este o núcleo temático em que se baseia o filme ontem estreado no Aviz. O seu desenvolvimento contém: muitas lutas, sobretudo as exóticas; poucos confrontos eróticos; uma certa violência excessiva (estrangulamentos, lançamentos ao fogo, etc.); alguns beijos (de salientar o último, que tem por fundo a bandeira americana); e muito mais coisas que por agora se não dizem. Frank Red deve ser um pseudónimo com que se oculta o realizador desta produção italiana. O filme, um pouco monótono, tem contudo uma certa correcção que não é inteiramente de desprezar. Contudo, trata-se da pura e simples utilização dos ingredientes comerciais do costume.

EM COMPLEMENTO: Depois de um razoável Jornal de Actualidades Espanholas (No-Do), tivemos uma curta-metragem de Jean Manzon sobre «Câmara de Deputados». No Brasil, é claro. Nós sabíamos tudo o que Jean Manzon nos vem dizer. Mas é agradável ver que um cineasta tão «honesto e independente» como Jean Manzon o vem exprimir por imagens. O melhor é ver (para não crer).

E. P. C.

AMÁLIA EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 10. — (F. P.) — Amália Rodrigues foi recebida, esta noite, no aeroporto de Lourenço Marques, por uma multidão considerável e sob uma tempestade de aplausos.

«Estou radiante com a ideia de cantar para um publico português», declarou Amália. Interrogada sobre a sua temporada no «Olympia», de Paris, a fadista sorriu, modesta como sempre, dizendo: *«No «Olympia» como em toda a parte, faço o que posso»*.

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Doce Novembro» («Sweet November»).
REALIZADOR — Robert Ellis Miller (1967).

1. Robert Ellis Miller, revelação do ano de 1968 com *«The Heart is a Lonely Hunter»* («Um coração solitário»), nasceu em Nova York a 18 de Julho de 1927. Depois de ter passado pela TV e pelo Teatro (onde encenou nomeadamente *«O balcão»* de Jean Genet), estreou-se no Cinema, pode dizer-se que pela mão de Jane Fonda, em 1965, dirigindo *«Any Wednesday»* («Livre á Quarta-Feira»). Entre esta comédia de *boulevard* e o seu filme extraído do romance de Carson McCullers, Robert Ellis Miller realizou *«Sweet November»*, obra baseada num argumento original de Herman Raucher que, no entanto, se revela profundamente teatral na sua contextura.

2. *«Sweet November»* fala-nos de Sara Deever, nova-iorquina de Brooklyn, jovem que se sabe irremediável-

(Continua na página seguinte)

CHAMEM A POLÍCIA!

VOLTOU O INSPECTOR CLOUSEAU

DEPOIS DO ESCÂNDALO DA "PANTERA COR DE ROSA" E "UM TIRO ÀS ESCURAS"

COMO PODERAM ELES ENTREGAR-LHE UM NOVO CASO?

THE MIRISCH CORPORATION apresenta Alan Arkin

LEMBRAM-SE? É O TAL CAPITÃO DE "VEM AÍ OS RUSSOS... VEM AÍ OS RUSSOS"

O Inspector Clouseau

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA HOJE ÀS 21.30 UM AUTÊNTICO «ESTOIRO» POLICIAL!

Maiores de 12 anos

com FRANK FINLAY BARRY FOSTER / PATRICK CARGILL / BERYL REID / CLIVE FRANCIS DELIA BOCCARDO

Bds. nos pers. creados por BLAKE EDWARDS e MAURICE RICHLIN

Argumento de TOM WALDMAN e FRANK WALDMAN

Produção de LEWIS J. RACHMIL

Realiz. de BUD YORKIN

COLOR DeLuxe PANAVISION

LIVROS DE SALDO

PARA REVENDA – GRANDE SORTIDO

★ COW-BOYS ★ POLICIAIS ★ LITERATURA FEMININA

Rua Luciano Cordeiro, 123, r/c., Dt.º
Telefone 539024/5 — LISBOA-1

Um filme de cortar a respiração!
O CELEBRE COMISSARIO X
O TERROR DO MUNDO DO CRIME...
E DO SEXO FRACO... ENTRA MAIS
UMA VEZ EM ACÇÃO!

COMISSÁRIO X
No vale das mil montanhas

MAIORES DE 12 ANOS
TECHNICOLOR
FILMES LUSOMUNDO
TONNY KENDALL
BRAD HARRIS
OLLY SCHOBEROVA ● HERBERT FUCHS ● CHRISTA LIMDER

HOJE ESTREIA DE GRANDE «SUSPENSE»
POLITEAMA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pag anterior)

mente condenada a uma morte próxima e que procura aproveitar intensamente os ultimos meses de vida conhecendo pessoas, amando-as, convivendo. Este ponto de partida é, em si mesmo, atraente. Para uma mentalidade machista (como é o caso mais ou menos geral da nossa sociedade) esta situação inicial poderá desde logo chocar. Trata-se de uma mulher que *escolhe* as suas aventuras, quando o que estamos habituados a ver é, na mais *grave* das hipóteses, mulheres que se *deixam escolher*. Não se trata de aventuras *consentidas*, mas de casos *criados* por si própria. Sara não vive com Charlie Blake porque este a tenha seduzido, mas porque ela *quer*. O princípio motor das situações de «*Doce Novembro*» é verdadeiramente Sara e só ela. A seu lado as figuras masculinas adquirem uma tonalidade ligeiramente ridícula, feita de uma passividade que aparentemente procuram disfarçar sem qualquer jeito. Os seus gestos roçam o grotesco, caem no espaço vazio, tornam-se profundamente insignificantes. A unica personalidade em jogo é, evidentemente, Sara.

3. O ponto de partida é em si mesmo sedutor, repetimo-lo. Os resultados do seu desenvolvimento posterior são, no entanto, pouco felizes. Fazendo do seu apartamento uma gaiola com horário fixo, Sara destrói a sua própria razão. Afirmando a sua independência, mais não faz do que negá-la. Recusando uma união mais profunda que lhe permitiria uma experiência verdadeiramente intensa e (sobretudo) *verdadeira*, autêntica, Sara nega os seus próprios princípios, preferindo o falso, o gratuito. Porque gratuito se torna o ritual do fim de Novembro. Gratuito e ridículo. Aliás todo o filme se ressente do esquematismo das situações, do seu suporte vagamente filósofo que se pretende justificar (ou explicar) mercê de algumas cenas que se adivinham forjadas para o efeito. Em «*Doce Novembro*» as situações nunca nascem naturalmente; geram-se no artifício, moldadas por esquemas mentais que aprioristicamente se pretendem exemplificar. Falso, artificial, construído de fora para dentro. «*Sweet November*» perde todo o impacto que poderia assumir se, por acaso, em vez de meras ideias a argumentar, possuísse uma vivência própria, feita de experiência. Infelizmente, á saída de «*Doce Novembro*» a conclusão a extrair é só uma: mais uma vez se perdeu uma boa ocasião de tratar um tema tão actual como o é o da emancipação da mulher (sobretudo da sua emancipação emocional). Robert Ellis Miller teve nas mãos um argumento que a ele mesmo se atraiçoava e não deu pelo logro. Aceitando o encargo, as dificuldades surgiram-lhe de todos os lados: como dar realidade a figuras tão descarnadas? Como encontrar um ritmo de narrativa para situações de tamanha falsidade? Como dar uma tonalidade unitária a uma obra de tal forma desgarrada? E o resultado foi o que ontem se viu: figuras que perdem a solidariedade do espectador, situações que se destroem pelo ridículo, filme que se esfrangalha entre a sátira e o drama. Até mesmo Sandy Dennis naufraga neste oceano de artifício. E bastaria talvez terem sido menores as ambições para os resultados surgirem bem mais compensadores. Bastaria talvez que, antes de dizerem o que quer que fosse, os autores aprendessem a amar (ou compreender) as personagens criadas. Se eles não o conseguiram, não seremos nós a fazê-lo.

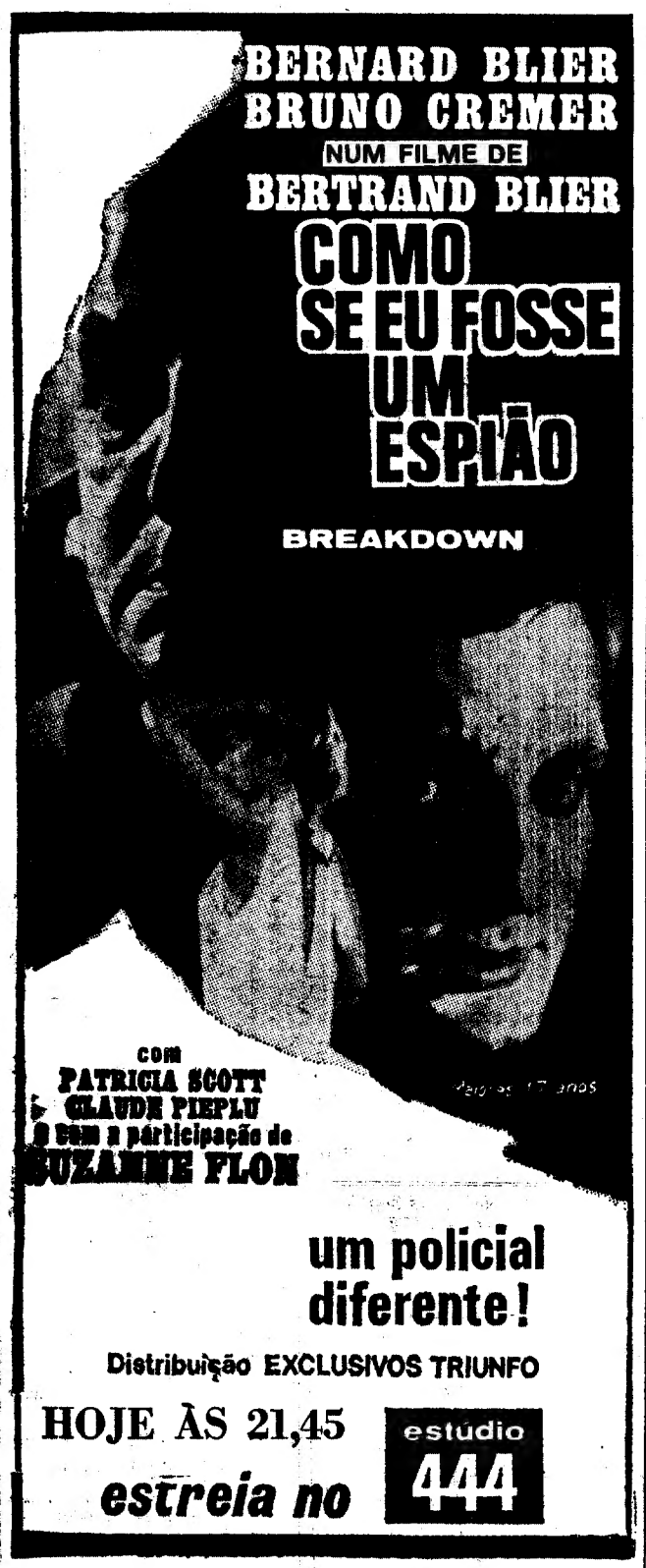
LAURO ANTÓNIO

MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO, 13 de Julho
ÀS 17.30 H. ——— M/ 6 ANOS
A MAIS FABULOSA CORRIDA DA ÉPOCA
Esta corrida não será televisionada
CAVALEIROS
JOSÉ LÚPI - LUÍS MIGUEL DA VEIGA
SENSACIONAL COMPETIÇÃO ENTRE OS MAIS DISCUTIDOS TOUREIROS DO MUNDO
«EL CORDOBÉS»
PALOMO
LINARES
FORCADOS AMADORES DE LISBOA
DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO

4 TOIROS
DE JOSÉ LÚPI
E
4 TOIROS
DE HERDEIROS
DE PAULINO
DA CUNHA E SILVA
TRIUNFADORES
DA ÉPOCA

BILHETES À VENDA
NA AG. ABEP — RESTAURADORES — TABAC. FREITAS R. 1.º DE DEZEMBRO, 85 E EM CASCAIS NOS LOCAIS DO COSTUME
OS MELHORES PREÇOS PARA AFICIONADOS
SOL, DESDE 50$00 — S/SOL, DESDE 100$00 — SOMBRA, DESDE 120$00 — JUVENTUDE, 30$00



BERNARD BLIER
BRUNO CREMER
NUM FILME DE
BERTRAND BLIER
COMO SE EU FOSSE UM ESPIÃO
BREAKDOWN
COM
PATRICIA SCOTT
CLAUDE PIEPLU
E COM A participação de
SUZANNE FLON
um policial diferente!
Distribuição EXCLUSIVOS TRIUNFO
HOJE ÀS 21,45
estreia no estúdio 444

TEATRO LAURA ALVES
Tel 864756 (ADULTOS)
HOJE, 2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
2 HORAS DE RISO ABSOLUTO
3.º MÊS
Pepsie
tradução de R Lobato Faria
com IRENE CRUZ
JOÃO LOURENÇO
ANTÓNIO ANJOS
GRAÇA LOBO
DAVID SILVA
DEFINITIVAMENTE SÓ ATÉ DOMINGO

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Casa Violante.

UMA HISTÓRIA CEM POR CENTO ORIGINAL
TURISTAS AMANTES DE SENSAÇÕES FORTES VIVEM A MAIS INESPERADA E EXCITANTE AVENTURA DA SUA VIDA!
OS PROTAGONISTAS
SYLVA KOSCINA ● GABRIELE FERZETTI
JEAN SOREL ● PAMELA TIFFIN ● LOU CASTEL
REALIZAÇÃO DE MARCELLO FONDATO

HOJE ESTREIA DE GRANDE INTERESSE E EMOÇÃO
VOX
Technicolor Techniscope
Maiores de 17 anos
FILMES LUSOMUNDO

Uma carta de Paulo Renato sobre o Prémio de Teatro atribuído a Rogério Paulo

Do actor Paulo Renato recebemos esta carta:

«Não quero deixar de aplaudir, sincera, calorosa e incondicionalmente, o espírito que ditou as tão firmes, justas e serenas palavras com que o meu camarada Rogério Paulo definiu a sua posição relativamente ao Prémio de Interpretação que tão justamente acaba de lhe ser conferido. Palavras que quase diria desnecessárias, porquano são bem do domínio do publico não só o real talento e sentido de ética profissional como a verticalidade de comportamento e integridade de carácter com que Rogério Paulo sempre se tem esforçado por bem servir o Teatro e o que ele representa na sociedade a que pertence.

Só por má fé ou pouco honesta má vontade, alguém poderia pensar que um prémio, e neste caso tão justamente atribuído, viria alterar ou abalar sequer a seriedade com que Rogério Paulo tem sabido servir, quer na sua terra quer no estrangeiro, a profissão que o escolheu para um dos seus maiores.

E, ele bem o sabe, felizmente que com ele está a grande maioria, tão grande que quase se poderia dizer a totalidade dos que agora trabalham no Teatro e para o Teatro. Escritores, actores, encenadores, críticos, artistas plásticos, ensaístas, técnicos que laboriosamente lutam a mesma luta pela dignificação do Teatro Português, onde quer que estejam, seja no Teatro Nacional, onde por mérito absoluto e indiscutível Rogério Paulo conseguiu o seu prémio, quer nos teatros de exploração comercial, ou nos universitários, ou experimentais, ou de amadores, ou até mesmo em ignorados gabinetes de trabalho, sempre em entusiasmo renovado em cada novo dia de luta.

É uma consoladora realidade verificar que ninguém individualmente constitui já uma excepção. Desejamos todos que a todos seja reconhecido o mérito e que cada um o aceite orgulhosamente e sem falsa modéstia, tal como o fez agora Rogério Paulo, porque a certeza temo-la certa de que cada um permanecerá fiel ás suas convicções e coerente com as suas opiniões e atitudes, mesmo depois de distinguido quando o for com justiça.

Ao meu querido camarada Rogério Paulo, toda a admiração que o seu talento e a sua personalidade me merecem, acrescida da muita amizade que lhe dedico».

Atrás do reposteiro

- *A peça «O adorável mentiroso», com Jacinto Ramos e Laura Soveral, estreia-se em Lourenço Marques no próximo dia 15.*
- *A nova peça do Estufa Fria é apresentada no próximo dia 20.*
- *Fala-se que será o actor Henrique Santana quem dirigirá a exploração, na próxima época, do Teatro Variedades.*
- *Antes de partir para o Ultramar, Badaró pensa realizar uma digressão pela província.*
- *A Companhia de Rafael de Oliveira vai representar a peça «Está lá fora o inspector», de Priestley.*

Recintos de diversões

☆ A cançonetista Lilly Tchiumba parte brevemente para Angola, onde vai fazer uma curta digressão.

☆ Actuou durante alguns dias no restaurante «Lisboa á Noite» a cantadeira Ada de Castro.

☆ Está a actuar no «Forcado» o violista Manuel Martins.

☆ Continua a actuar na «Tipóia» a cantadeira Beatriz da Conceição.

Cristina deixou «Los Tops», em cuja sombra gravitou um par de anos. E, já actuando sòzinha, obteve o prémio «Iberia» para a canção «Son San Juan», a melhor de tema turístico no 6.º Festival de Maiorca. Agora, com «Los Mismos» e Conchita Bautista participa na embaixada espanhola que se deslocou ao «Singing Europe 69», na Holanda

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — Comissário X no Vale das Mil Montanhas».
Produção — Alemã.
Realização — Rodolf Zehetgruber.
Intérpretes — Tonny Kendal, Brad Harris, Olly Schoberova e Herbert Feex Crista.
Género — Aventuras.
Distribuição—Filmes Lusomundo.
Processo — Technicolor.
Classificação — 12 anos.

No São Jorge

Título em português — «O inspector Clouseau».
Produção — Americano.
Realização — Bud Yorkin.
Intérpretes — Alan Arkin, Frank Finlay e Bany Foster.
Género — Comédia.
Distribuição—Rank Filmes.
Processo — Panarision.
Classificação — 12 anos.

No Vox

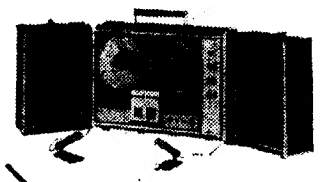
Título em português — «Os Protagonistas».
Produção — Italiana.
Realização — Marcelo Fondato.
Intérpretes — Sylvia Koscina, Gabrielle Ferzetti Jean Sorel, Polmela Tiffini e Loucastel.
Género — Aventura.
Distribuição — Filmes Lusomundo.
Processo — Technicolor — Techniscope.
Classificação — 17 anos.

No Estúdio 444

Título em português—«Como se fosse um espião».
Realização—Bertrand Blier.
Intérpretes—Bernard Blier, Bruno Cremer, Patricia Scott e Claude Pieplee.
Género — Policial.
Distribuição — Exclusivos Triunfo.
Processo — Normal a preto e branco.
Classificação — 17 anos.

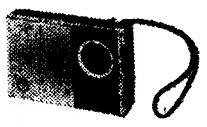
COLISEU
HOJE, às 21.30
(Maiores de 17 anos)
ULTIMA EXIBIÇÃO DO GRANDIOSO FILME
CLEÓPATRA
com Elizabeth Taylor e Richard Burton
AMANHÃ
A obra-prima do cinema
ZORBA, O GREGO
com Anthony Queen

Estes são alguns elementos da internacionalmente famosa colecção SANYO. Toda a requintada técnica japonesa agora ao seu dispor em RÁDIO (portáteis, auto-rádios, rádio-gira-discos, Alta fidelidade-Stéreo) GIRA-DISCOS • GRAVADORES DE SOM (Alta Fidelidade). Peça uma demonstração. Mesmo que já espere alguma coisa de diferente, ficará surpreendido.



MODELO ME 939 GRAVADOR ESTEREOFÓNICO
Inteiramente transistorisado, 4 pistas — 3 velocidades 7 watts por canal.

MODELO 10F 821 — CANTINO
10 transistores — Excelente rádio portátil pelo seu excelente poder de captação em AM e FM.

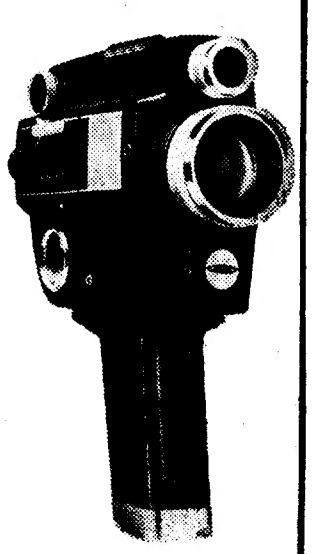


MODELO 6e 368 — MINI-RADIO
6 transistores
Apresentação elegante
Ondas médias com alta poder de captação.

SANYO
UM GIGANTE DA MARAVILHOSA INDÚSTRIA JAPONESA
RÁDIOS • GIRA-DISCOS • GRAVADORES • ALTA FIDELIDADE • STÉREO
DISTRIBUIDOR OFICIAL NO SUL Frigel
LISBOA: AV. INFANTE SANTO, 72
À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

UMA GRANDE REVISTA
DOS PARODIANTES DE LISBOA
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
com
CAMILO e FLORBELA
HOJE À NOITE, 2 SESSÕES, 20.45 e 23 H.
no teatro MONUMENTAL
TEATRO COM AR REFRIGERADO (ADULTOS)
AO PÚBLICO: — Nenhum número será bisado, para que o espectáculo não seja cortado e termine à hora normal.

A tradicional qualidade japonesa a preços de mercado europeu
FUJICA
carregamento instantâneo
Single-8
Z2
A mais completa câmara de filmar. Efeitos profissionais (sobreposição de imagens e fundidos.)



As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.
REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL
HITZEMANN & C.ª, LDA.
PORTO—R. do Sá da Bandeira, 520/526 Telefs. 22135/6 e 36891
LISBOA—R. do Filipe Folque, 2-C e D Telefs. 59788/9

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada, 64
A casa que melhor trabalha

tv pronto
ASSISTÊNCIA OFICIAL ÀS MARCAS:
AUTOVOX EKCO PYE LOEWE OPTA
REPARAÇÕES DE TELEVISORES DE TODAS AS MARCAS
tv pronto
R. DA QUINTINHA, 72-A
TELEF. 368902 / 3
LISBOA

Mais 28 encarregados de construção civil formados pelo Grémio

Hoje, ao fim da tarde, na sede do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Publicas do Sul, na Rua António Enes, 9, 5.º, decorre uma sessão solene para entrega de 28 diplomas a encarregados de construção civil e obras publicas preparados no curso de formação mantido pelo Grémio.

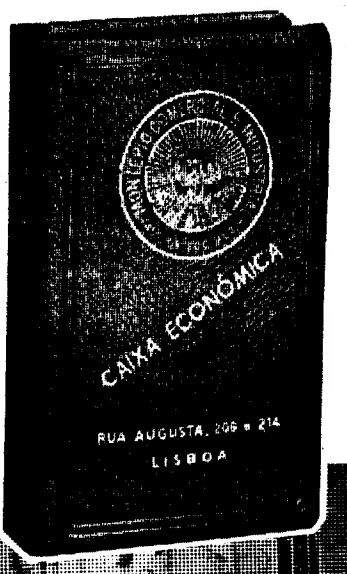
A sessão terá a presença dos formados e de representantes das empresas em que prestam serviço assistindo ainda os membros dos corpos gerentes do Grémio, assim como o delegado do Governo, dr. António Pereira.

Cerimónias do culto

SABUGOSA, 10. — Celebrou-se a comunhão solene das criancinhas da freguesia, numa cerimónia que incluiu sermão, missa cantada e procissão, num ambiente de festiva alegria.

TAXA DE JURO 4,5%

A PRAZO DE 12 MESES E UM DIA



TAXA DE JUROS DOS DEPÓSITOS

À ORDEM (isentos de impostos)

até 30 contos	2 %
de 30 até 100 contos	1 %
de 100 a 500 contos	0,5 %
mais de 500 contos	0,25 %

A PRAZO

3 meses	3 %
6 meses	4 %
mais de 12 meses	4,5 %

ATÉ 15 CONTOS POR DEPOSITANTE ESTÃO ISENTOS DE TODOS OS IMPOSTOS

EMPRÉSTIMOS

CAUCIONADOS POR:

propriedades
títulos de crédito
metais e pedras preciosas

●

compra de coupons
cobrança de juros e dividendos
administração de propriedades
arrecadação de valores nas casas fortes
aluguer de cofres individuais

MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL
Rua Augusta, 206 - Telef. 32 32 24 - LISBOA

Diário de Lisboa

COMPLETA A DIRECÇÃO DO BOAVISTA

No Teatro Sá da Bandeira realizou-se ontem a segunda sessão da assembleia geral extraordinária do Boavista, que tinha sido suspensa na primeira convocatória. Os dois principais pontos da reunião diziam respeito ao preenchimento das vagas existentes nos corpos directivos e ao aumento de cotas.

Estes dois aspectos foram resolvidos. Assim, os dez nomes que faltavam nas listas dos dirigentes foram indicados e houve também o aumento de cotas para o seguinte: bancada, 35$00; senhoras e menores, 20$00; lugares cativos, 200$00 por pessoa, e peão, 20$00.

Na lista dos novos corpos gerentes ficaram a presidir: Assembleia Geral, dr. José Frazão Nazaré; direcção, António da Silva Reis; conselho fiscal, José Cabral Matos.

Pirotécnicos queimados

Numa oficina de pirotecnia no lugar do Carvalho Frazão (Paços de Ferreira), pertencente ao sr. Abílio Teixeira de Matos, quando preparavam pólvora fina, os pirotécnicos, srs. Baltasar Ferreira Dias, de 57 anos, casado, daquele lugar, e Luís da Silva Dias, de 17, solteiro, do lugar de São Domingos do mesmo concelho, ficaram muito queimados, por se ter incendiado a pólvora ateando-lhes o fogo ás roupas.

Vieram, num carro particular, para o Hospital de Santo António, onde ficaram internados.

Conferências

Hoje, ás 21 e 30, no Grupo de Estudos Brasileiros do Porto, o desembargador do Tribunal de Justiça Federal do Rio de Janeiro, sr. dr. Oliveira e Silva fará uma conferência intitulada: «António Nobre, piedade e ternura».

Será, depois, exibido o filme «Três Capitais Brasileiras», cedido pelo sr. Rui Caiola, aqui representante da «Varig».

Cheques sem cobertura

Queixaram-se na Polícia Judiciária os srs. António Lourenço Anjos, sócio-gerente da firma Hernani Pires & C.ª, Rua da Escola Normal, 92 e Manuel de Sousa Neves, do lugar de Gondomarinho, São Cosme (Gondomar), contra uma firma desta cidade, o primeiro e, contra um indivíduo cuja identidade indicou. A acusação é de terem passado cheques sem cobertura de 20 000$00 e 5500$00, respectivamente.

Dirigentes de cooperativas agrícolas

Encerrou-se hoje, nas instalações da Estação Agrária, o curso para dirigentes de cooperativas agrícolas, promovido pela Comissão de Economia da Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal.

A coordenação dos trabalhos esteve a cargo do sr. eng.º Amândio Galvão, da referida comissão.

Instituto de Cultura Alemã

Na sede do Instituto de Cultura Alemã, na Universidade, será exibido hoje, ás 21 e 30, o filme «Abschied von Gestern», interpretado por Alexandra Kluge.

Espectáculos para esta noite

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Raposa e as Uvas» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A volta ao Mundo em oitenta dias» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Assalto á cidade» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Ninguém foge para sempre!» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Por um punhado de dólares» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «A borboleta vermelha» (17 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Bonança & C.ª (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Yojimba», o invencível» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Ricardo Coração de Leão» e «Fome de Vingança» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Os filhos de ninguém» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «José do Telhado» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Do alto do terraço» (17 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «A Volta ao Mundo em oitenta dias» (12 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «O ultimo fica vivo!» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Ninguém foge para sempre!» (12 anos).
ESTUDIO — Às 15 e 30: «Yiojimbo, o Invencível» (17 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «A borboleta vermelha» (17 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Bonança & C.ª» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Cavalgada sangrenta» e «Gladiadores espartanos» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Um punhado de golpes» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Encontro com a vida» (12 anos)

Calendário desportivo

BILHAR — Taça «Francisco Carvalho»: jogos na sala do Café Ceuta, a partir das 21 e 30.

FUTEBOL DE SALÃO — Torneio do Académico: Sporting de Gaia-Atlético do Bom Sucesso, Malhas Amial-Desportivo das Fontainhas, F. C. Lapa-Unidos do Monte Aventino e União do Cerco-Olímpicos de Fernão de Magalhães, jogos no pavilhão do Lima, a partir das 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Taça «Gratidão» (juniores) jogos na sala do F. C. do Porto, ás 21 e 30.

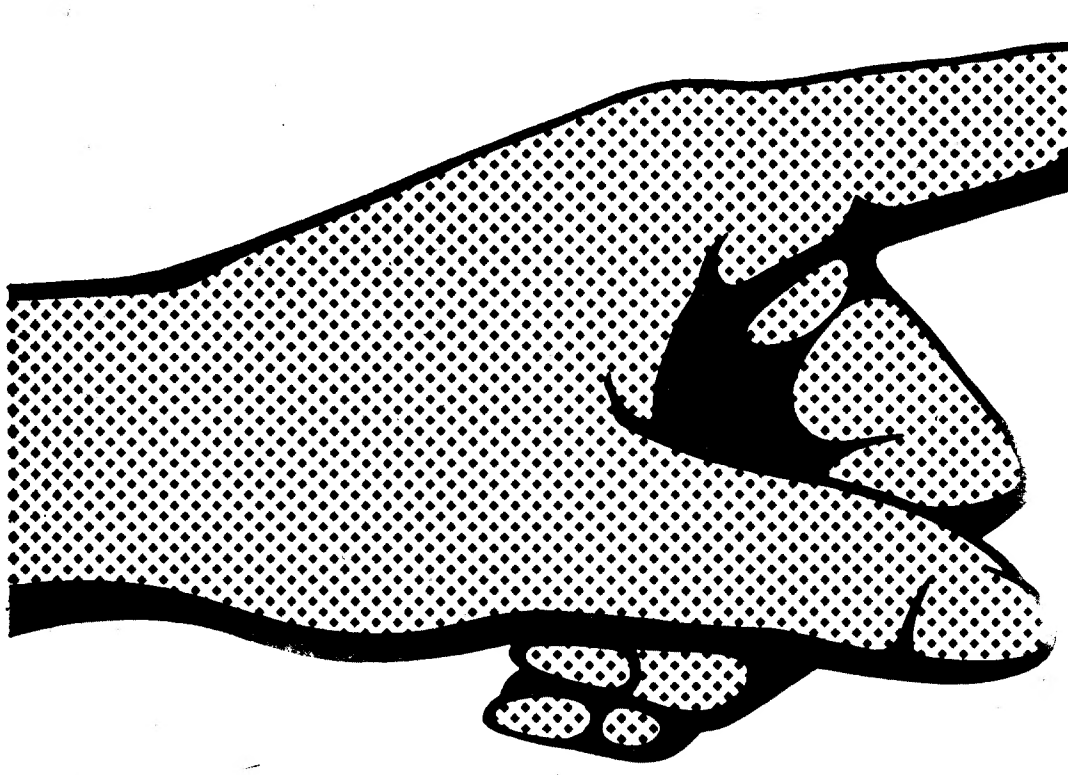
TORNEIO POPULAR DE SENIORES: Desportivo Nau Vitória - Recreativo Aldoar e Iniciadores-Efaceo, nas salas dos primeiros, ás 21 e 15.

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro, 104 (Tel. 3-5075) * **CAMAREIRA**, R. do Heroísmo, 90 (Tel 5-25831) * **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53 (Tel. 6-0754) * **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (Tel 2-2884) * **COSTA CABRAL**, R. de Costa Cabral, 1832 (Tel. 4-0780) * **FIGUEIREDO**, Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 2-1620) * **FONTE DA MOURA**, R. de Tanger, 1468 (Tel. 68-1444) * **MONTE DOS BURGOS**, R. do M. dos Burgos, 802 (Tel. 6-2279) * **MONTE CATIVO**, Rua do Monte Cativo, 444 (Tel. 4-1687) * **NOVA AVENIDA**, Av. Fernando Magalhães, 692 (Tel. 5-2250) * **PADRÃO**, L. do Padrão, 342 (Tel. 5-2149) * **PARENTE**, R. das Flores, 114 (Tel. 2-1611) * **POMBEIRO**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (Tel. 3-1295) * **SÁ DA BANDEIRA**, R. de Sá da Bandeira, 236 (Tel 3-6687) * **NACIONAL**, R. Senhora da Luz, 156 — Foz (Tel. 68-08331).

TORRALTA

A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL dá 8 A 12%



8 a 12% na compra de um apartamento em Alvor, no Algarve.
Os nossos técnicos elaboraram um rigoroso estudo da valorização dos apartamentos nessa zona. Em consequência garantimos, na compra de um apartamento, o rendimento de 8% nos primeiros cinco anos, 10% nos cinco anos seguintes e 12% no período entre os 10 e os 15 anos.
SE JÁ É POSSUIDOR DE ACÇÕES «TÍTULOS DE FÉRIAS» E QUISER COMPRAR UM APARTAMENTO, PODE PARA PAGAMENTO DAR AS SUAS ACÇÕES.

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A
Telefs. 51748, 54479 e 555681
LAGOS — Hotel Golfinho — Telefs. 302 - 481/2
PRAIA DE ALVOR — Telefs 3128, 3211, 3212, 3251, 3252 PORTIMÃO

TORRALTA
CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS SARL

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

2.ª chamada

Cursos de Formação Industrial

(excepto Formação Feminina)

Matemática

N. B. Indique os cálculos e raciocínios que efectuar.

I

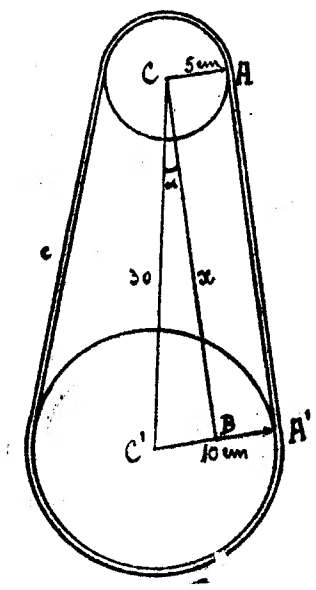
Considere a seguinte fórmula:

$$d = 4t + 2t^2$$

a) Calcule o valor de d para $t = -\frac{3}{2}$.

b) Observando a fórmula, poderemos concluir que a variável d é proporcional a t? Justifique a resposta.

IV



A transmissão de movimento entre os dois tambores cujos eixos se projectam em C e C', no esquema junto, faz-se por meio da correia c

Dados:

1 — Distância entre os eixos: $\overline{CC'} = 30$ cm;

2 — Raios dos tambores: $\overline{AC} = 5$ cm; $\overline{A'C'} = 10$ cm;

3 — O polígono $[AA'BC]$ é um rectângulo.

a) Nestas condições, qual é a distância entre os pontos de tangência A e A'?

b) Determine o [illegible] do ângulo $\alpha = B\hat{C}C'$.

V

As duas expressões

$$2x + \frac{x-10}{2}$$

e

$$3(x-10) + \frac{x}{3}$$

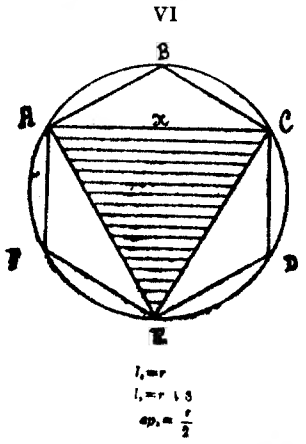
têm o mesmo valor numérico, para um certo valor de x.

a) Determine esse valor de x.

b) Mostre que, efectivamente, as duas expressões têm, nesse caso, o mesmo valor numérico.

c) Que entende por «solução duma equação»?

VI



Na figura junta, traçou-se o esquema dum jardim; os segmentos de recta representam renques de arbustos.

O perímetro do hexágono regular representado por $[ABCDEF]$ é de 180 metros.

a) Qual é a medida, no próprio jardim, do renque $\overline{AC}$?

b) Calcule a área da parte do jardim que se representa a tracejado

Fórmulas que lhe podem ser úteis:

VII

Compraram-se 12 litros de certo tipo de óleo tendo-se verificado, depois, que houve engano na sua escolha.

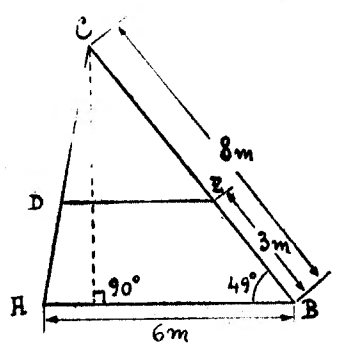
Efectuou-se a troca por óleo de tipo conveniente, recebendo-se 7 litros deste; não foi necessário dar nem receber qualquer quantia, para acerto de contas

Quanto se gastou, afinal, na compra do óleo?

Sabe-se que o do segundo tipo custou mais 6$00 por litro do que o primeiro.

(Ponha o problema em equação e resolva-o)

VIII



A figura junta representa, em escala reduzida, parte duma estrutura metálica:

$DE // AB$; $\overline{BC} = 8$ m; $\overline{BE} = 3$ m; $\overline{AB} = 6$ m; $\hat{B} = 49°$

a) Calcule a medida de $\overline{DE}$.

b) Determine a distância do ponto C à base AB, sabendo que $\cos 41° = 0{,}755$.

c) Que relação há, quanto à forma, entre os triângulos $[ABC]$ e $[DEC]$? Justifique a resposta.

2.ª chamada

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

Cursos de Formação Comercial

Inglês

I

Text

One day, Mrs. Clark walked into a hat shop. The shopkeeper, whose name was John Nixon, smiled and said, «Good afternon, madam».

«Good afternoon», the lady answered. «There is a green hat with red flowers and blue leaves on it in your window. Will you please take it out of there?»

«Yes, madam, the shopkeeper said. «I will be very pleased to do that for you». Usually ladies looked at a lot of hats before they chose one, and the shopkeeper got very tired. «Good», he thought, «I will sell this hat very quickly — and it has been in my window for a very long time.»

«Oh, I don't want it», she madam», he asked, «or will you wear it?»

«Oh, I don't want it», she answered. «I only wanted you to take it out of your window. I pass your shop every day, and I hate to see the ugly thing there.»

A — *Read the above story very carefully and answer the following questions with complete sentences:*

1) Where did Mrs. Clark go into?
2) What did she ask the shopkeeper to do?
3) What did he think?
4) Why wasn't the shopkeeper right?
5) How did he feel after assisting several ladies?
6) How often did Mrs. Clark pass the shop?

B — *Find questions for these answers.*

1) They were red and blue.
2) Their talk took place in the shop.
3) A shopkeeper always smiles at his customers.
4) Because he hated to see it there

C — *Turn to reported speech:*

1) The shopkeeper said, «I will be very pleased to do that for you».
2) And he asked, «Do you want a box?»

3) The lady answered «I only want thant hat ou of your window, because I hate to see the ugly thing.»

D — *Write two sentences about two shops and tell what you buy in them:* (1—, 2—)

E — *1) Begin the following sentence from* «A pretty hat...»

The lady has lost a pretty hat.

2) Turn to progressive form:

Mrs. Clark didn't buy anything.

F — *In accordance with the text copy and complete the following sentences:*

1) This shopkeeper thought that...
2) But Mrs. Clark didn't choose any hat though...
3) And so the shopkeeper was very sorry when...

G — *Fill in the blanks with the suitable degrees of the adjectives in parentheses:*

1) Mrs. Clark's hats were (pretty) —— than her neighbours'.
2) They also were the (expensive) —— of all.
3) Hats cost much money but are not —— (dear) —— winter coats.
4) When these are fur-coats, they are even (expensive) —— but they are (hot) ——

II

Mr Nixon was very much disappointed at Mrs. Clark's words and thought his hats were old-fashioned. Therefore, he decided to renew his hat stock and wrote to a firm established in London—3, Oxford St., — John Winter & Co:

Pretend you are Mr. Nixon (Belfast—53, Harfield Road) and write his letter asking for information concerning the articles you need, their prices, payment, delivery, etc.

Date it from today but don't sign it.

Don't forget the inside address, the salutation and the complimentary close.

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

Exame do Ciclo Preparatório

Ciências Geográfico-Naturais

I

O Sistema Solar faz parte do Universo.

a) Que tipos de astros se encontram no Sistema Solar?

b) Por que razão dizes que Marte é um planeta exterior?

c) Que tipo de astro é a Lua? Porquê?

d) Representa, por meio de um desenho, a posição relativa da Terra, da Lua e do Sol, na fase de Lua Nova.

e) Que astro se pode eclipsar nesta fase da Lua?

II

O mapa da Fig. I representa a América do Sul.

1)

a) Indica o nome dos oceanos assinalados com as letras A e B.

b) Qual é o rio indicado com o n.º 1?

c) Como se chama o círculo máximo situado junto da foz desse rio?

d) Que tipo de vegetação predomina na bacia desse rio?

2):

a) Em que fuso fica situada a cidade do Rio de Janeiro?

b) Quando nessa cidade forem 15 horas, que horas serão em Lisboa?

3): Mede, no mapa, a distância entre Manaus e Rio de Janeiro e calcula a distância real entre as duas cidades.

III

A água e o ar são substâncias necessárias à vida.

1):

a) Em que estado da matéria se encontra a água mais frequentemente?

b) Como caracterizas esse estado?

c) Se submeteres a água à temperatura de 0º centígrados, que sucede?

d) E se a submeteres à temperatura de 100º centígrados?

2):

a) Quais os gases que entram na composição do ar?

b) Qual deles existe em maior quantidade?

c) E qual deles alimenta as combustões?

d) Por que se pintam as pontes metálicas?

e) O que entendes por pressão atmosférica?

f) Como se pode avaliar?

IV

No sub-solo existem rochas e minérios que têm as mais diversas aplicações.

1):

a) Indica algumas rochas usadas como material de construção.

b) A que tipo de rochas pertence o granito?

c) Onde se encontra esta rocha em Portugal?

d) Dá exemplo de uma rocha usada no fabrico da cal.

e) Como se pode reconhecer essa rocha?

2):

a) Quais os principais minérios de ferro que conheces?

b) Cita algumas aplicações deste metal.

c) Onde se encontra, em Portugal, minério de cobre?

V

Como sabes, os órgãos das plantas desempenham várias funções.

1):

a) Em que órgão da planta se faz a absorção dos alimentos?

b) A que chamas seiva bruta?

2): Observa a Fig. II que representa duas funções desempenhadas pelas folhas:

a) Qual a função representada em A?

b) E qual a função representada em B?

c) Qual destas funções se realiza, sòmente, em presença da luz solar?

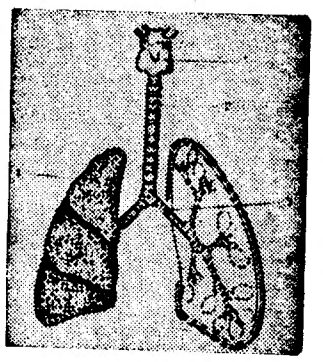
d) Todas as plantas realizam a função indicada em B? Justifica a tua resposta.

3):

a) Indica os órgãos que constituem uma flor completa.

b) Quais desses órgãos intervêm na formação do fruto?

VI



A respiração é uma função necessária à vida.

a) Faze a legenda da figura.

b) Qual o gás que se elimina durante a respiração?

c) Como o podes provar?

d) Como se chama o vaso sanguíneo que recebe o sangue que foi purificado no órgão indicado com o n.º 4?

e) Em que cavidade do coração vai entrar esse vaso sanguíneo?

PROFISSIONAL

Exame do Ciclo Preparatório

Língua e História Pátria

Lê com atenção

Este ano, na tua escola, certamente se comemorou o V centenário do nascimento de Pedro Álvares Cabral. Nesta tua prova de exame, vais estudar um trecho relacionado com essa grande figura da nossa História. Lê-o com a maior das atenções, procurando compreendê-lo devidamente. Depois, e só depois, responde às perguntas que te são feitas. Se não souberes responder a alguma, não te enerves, passa adiante e, antes de entregar ao senhor professor a tua prova, procura a solução dos problemas que deixaste por resolver. Não entregues a tua prova sem primeiramente a ter relido, porque há sempre correcções de última hora a fazer. E só mais um conselho: cuida da caligrafia, da ortografia, da pontuação e da limpeza e asseio da tua prova, pois todos esses elementos são factores que entram na sua classificação.

Para maior e melhor facilidade de consulta, as linhas do texto estão numeradas.

I — O TEXTO

Chegada ao Brasil

Lançaram ferro. Logo acudiram à praia inúmeros indígenas, a quem a aparição das naus devia dar a ilusão de estarem sonhando o mais fantástico dos sonhos. Dois nativos não revelaram relutância alguma em vir a bordo, à presença de Pedro Álvares Cabral.

«O capitão» — conta-nos

(Continua na página seguinte)

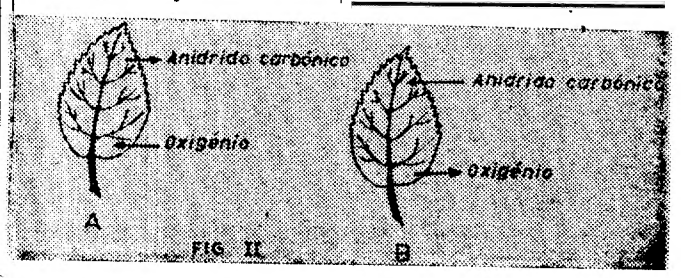


FIG. II

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SÁ DE MIRANDA
EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 E 537532

LICEU-INSTITUTOS
1.º, 2.º E 3.º CICLOS
2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS
CURSOS DE LÍNGUAS
Francês ★ Inglês ★ Alemão
● Escola São Vicente:
— Rua do Paraíso, 28 — T. 86 59 04
● Externato Marquês de Pombal:
— Rua Carrilho Videira, 10 — T. 83 46 58
— Rua Edith Cavel, 8-1.º — T. 82 02 21
CURSOS DE FÉRIAS
Julho, Agosto e Setembro

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

(Continuação da 10.ª página)

«quando eles viram estava sentado em uma cadeira, Pêro Vaz de Caminha — com uma alcatifa aos pés, e bem vestido, com um colar de ouro muito grande ao pescoço.

Acenderam tochas e entraram; e não fizeram nenhuma menção de cortesia, nem de falar ao capitão nem a ninguém. Mas um deles pôs olho no colar do capitão, e começou a acenar com a mão para terra e depois para o colar, como que a dizer-nos que havia em terra ouro.

Mostraram-lhes um papagaio pardo, tomaram-no logo na mão e acenaram para terra, dando a entender que os havia ali. Mostraram-lhes uma galinha. Quase tinham medo dela e não lhe quiseram pôr a mão. Depois tomaram-na espantados. Deram-lhes ali de comer pão e pescado cozido, confeitos, mel e figos passados. Não queriam comer daquilo quase nada. Trouxeram-lhes vinho por uma taça. Não gostaram nada nem o quiseram mais. Viu um deles umas contas brancas de rosário e acenou que lhas dessem. Folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. E depois tornou as contas a quem lhas deu. Então estiraram-se de costas na alcatifa a dormir.»

(Mário Domingues, «D. Manuel I e a Epopeia dos Descobrimentos» adaptado)

II — COMPREENSÃO DO TEXTO

A — *As partes ideológicas*

Se bem reparares, o texto compõe-se de quatro parágrafos, que completam o sentido uns dos outros. Reparando melhor, verás que os três últimos constituem um todo. Assim, é como se o texto se compusesse, tal como um livro, de dois capítulos. Vai resumir num título, de acordo com o seu sentido, cada um desses capítulos.

B — *As ideias principais*

1 — Que fizeram os indígenas, quando as naus «lançaram ferro»?

2 — Porque terá o autor pensado que, ao ver aparecer as naus, os indígenas deviam estar «sonhando o mais fantástico dos sonhos»?

3 — Quando entraram na nau do capitão, como se mostraram os nativos? Dá a tua resposta com base em expressões tiradas do próprio texto.

4 — Depois do encontro com os indígenas, com que conhecimentos ficou o capitão da terra descoberta? Justifica a resposta com expressões do próprio texto.

5 — Há no texto um passo que nos mostra a honestidade dos indígenas. Indica-o.

C — *O resumo*

Agora, que já interpretaste o texto, não te será difícil resumi-lo, numa dezena de linhas, o máximo, mas evitando o mais possível as palavras do autor.

D — *As ideias associadas*

«Amorosamente aportámos a terras de Vera Cruz e amorosamente as detemos das cobiças alheias e dos males do tempo.»

1 — Portugal, restaurado em 1640, tinha de limpar totalmente o Brasil dos estrangeiros. Diz o que fizeram os Portugueses para de lá expulsar os Franceses e os Holandeses.

2 — Olavo Bilac diz que o Brasil «é o reino da Luz do Amor e da Fartura!» Devido a esta fartura, no reinado de D. João V, Portugal enriqueceu-se. Como?

3 — E, em horas difíceis para Portugal, foi no Brasil que a corte portuguesa se fixou. Relata o que sabes sobre este assunto, isto é, diz as causas e as consequências da ida da corte portuguesa para o Brasil.

III — EXPRESSÃO E VOCABULÁRIO

1 — Podes substituir, sem lhe alterar o sentido, o primeiro período do texto por uma só forma verbal. Procede, pois, a essa substituição.

2 — Transcreve o último período do 1.º parágrafo, mas substituindo pelos seus sinónimos as palavras «*nativos*», «*revelaram*» «*relutância*».

3 — No 1.º parágrafo, lês a palavra «*praia*» e a palavra «*ilusão*». No 2.º e 4.º parágrafos, lês a palavra «*alcatifa*». No 3.º parágrafo, lês a palavra «*tochas*». Explica convenientemente o significado dessas palavras.

IV — O PERÍODO

Considera o período que constitui todo o 2.º *parágrafo*.

1 — Divide e classifica as três orações (proposições) que o compõem.

2 — Na oração em que lês a forma verbal «*estava sentado*», diz qual a função sintáctica dos seus seguintes elementos: «*o capitão*», «*sentado*» e «*em uma cadeira*».

3 — «Estiraram-se de costas na alcatifa...».

a) Escreve esta expressão no pretérito perfeito do indicativo.

b) Escreve-a agora no futuro imperfeito do indicativo.

V — A PALAVRA

Considera a palavra «brancas», da expressão «Viu umas contas brancas». (Linha 18).

1 — Classifica-a quanto ao número de sílabas e ao lugar da sílaba tónica.

2 — Classifica-a quanto à categoria morfológica, género e grau.

3 — Escreve um substantivo e um verbo com vocábulos da mesma família.

VI — A REDACÇÃO

Já assististe de certeza à partida ou à chegada de um barco, comboio, camioneta ou avião. Descreve-nos as tuas impressões do que então viste e sentiste: o local, as pessoas, o movimento, o ruído, as alegrias, os abraços, e talvez até lágrimas.

Mas, se te agradar mais, relata-nos então com alguns pormenores curiosos uma visita de estudo que tenhas feito com os teus colegas de Escola durante os anos em que frequentaste o ciclo preparatório.

Num ou noutro caso não te esqueças de dar um título à tua redacção.

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

2.ª chamada

Cursos de Formação Industrial

Elementos de Física e Química

Leia os enunciados com cuidado, pense com calma, procurando justificar as respostas concisamente.

I

1. Dê um exemplo, e explique-o, de como é possível conseguir-se que um corpo de ferro flutue na água.

2. Que grandezas influem na *pressão* que um líquido exerce sobre o *fundo* do vaso que o contém? Explique como cada uma dessas grandezas exerce a sua influência no valor da pressão.

3. Em dois manómetros de mercúrio, um de ar livre e o outro de ar comprimido, os desníveis do mercúrio nos dois ramos de cada um deles são iguais. Qual destes instrumentos indicará maior pressão? Porquê?

4. Uma massa de gás ocupa o volume de 600 cm³ quando medida sob a pressão de 72 cm de mercúrio; qual é o volume que ocupa a pressão de 108 cm de mercúrio (sem que haja variação de temperatura)?

II

5. Os corpos dilatam-se pela elevação da sua temperatura. Dê um exemplo em que se torne necessário evitar os inconvenientes deste efeito nos corpos sólidos.

6. De entre os processos de transmissão de calor, indique aquele que não se pode realizar nos sólidos mas que se verifica nos líquidos. Justifique a resposta.

7. Que justificação se pode apresentar para a escolha da temperatura do vapor de água ebuliente, sob a pressão normal, para ponto fixo da escala Célsius (também designada por centígrada)?

Sugestão: recorde uma das leis das mudanças de estado, que conhece.

8. Um corpo que pesa 150 g necessita de 315 calorias para que a sua temperatura se eleve da 10ºC; determine a *capacidade calorífica* do corpo e o *calor específico* da substância de que é feito.

III

9. Quais são as características das imagens dadas pelos espelhos planos?

10. O que entende por *abertura* de um espelho sférico?

11. Na dispersão de luz branca, obtém-se não só um *espectro visível* mas também *radiações invisíveis*, de duas espécies. Como se designa cada uma dessas espécies?

12. Calcule a potência, expressa em dioptrias, de uma lente convergente que dá uma imagem ampliada e invertida, a 150 cm da lente, de um objecto situado a 30 cm da mesma lente.

IV

13. Na redução do vapor de água pelo carvão ao rubro forma-se o *gás de água;* quais são os produtos desta reacção? (Justifique a resposta escrevendo a respectiva equação química).

14. O *hélio* é um gás incombustível e muito pouco denso (é assim preferível ao hidrogénio para encher balões aerostáticos, ou dirigíveis, por não haver o risco de explosão, na mistura com o ar, provocada, por exemplo, pela faísca eléctrica de uma trovoada).

Determine o peso de um litro de hélio, sabendo que o respectivo peso molecular é 4 (a molécula é monoatómica e o peso atómico é He=4).

15. A *tintura de tornesol* é um indicador. Que cor apresenta em meio ácido?

16. Num livro de Química ao descrever-se determinada reacção afirmou-se que ela era *endotérmica*. Que se queria dizer com tal afirmação?

17. Na transformação, sem perdas, de nitrato de sódio em ácido nítrico, obtém-se 315 g de ácido. Qual foi a quantidade de sal consumido?

N=14; O=16; H=1; Na=23.

18. Escreva os nomes dos compostos que correspondem às fórmulas seguintes:

a) KCl; *b*) CO_2; *c*) $(NH_4)_2SO_4$; *d*) $CaCO_3$.

19. Que aplicações conhece (cite, pelo menos, duas) do *sulfato de ferro?*

20. Qual é a propriedade mais importante das *ligas de alumínio* que é especialmente vantajosa na sua utilização industrial?

21. No seu curso fez-se breve referência ao *ácido pícrico*. Qual é a propriedade mais importante desta substância?

(Só para os cursos de Serralheiro, Montador Electricista, Electromecânico e Técnico de Tecelagem)

22. Defina *equilibrante* de um sistema de forças.

(Continua na 18.ª página)

ÚNICO NO NOSSO PAÍS

5000 televisores

GRUNDIG

Troque o seu televisor usado
(de qualquer marca e mesmo avariado)
por um modernissimo televisor GRUNDIG
mod. T 501E com ecran de 48 cm e UHF
pague apenas
3.750$00
ou então
pelo mod. RECORD MONOMAT
com ecran de 59 cm e UHF
pague apenas
4.250$00

PARA A GRANDE CAMPANHA DE TROCAS DE TELEVISORES

Comemorativa do 3.º Aniversário da
GRUNDIG ELECTRÓNICA PORTUGAL, LDA

Não perca esta oportunidade excepcional !

DIRIJA-SE A UM AGENTE GRUNDIG

Se desejar mais informações, cole este cupão num postal e remeta-o a:

Norte:
Soc. de Rep. Santos, Guimarães & Oliveira, S.A.R.L.
Apartado 154 Telef. PPC 27451 Porto

Sul:
Nacional Rádio, S.A.R.L.
Apartado 1036 Telef. PPC 76511 Lisboa 1

GRUNDIG
Grande Campanha de Trocas de Televisores
Queiram remeter-me informações detalhadas para a troca de televisores e juntamente folhetos dos v/modelos T 501 E, com ecran de 48 cm e UHF, e Record Monomat com ecran de 59 cm e UHF.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATO S. CRISTÓVÃO
Rua Emília das Neves, 3 — BENFICA
AMBOS OS SEXOS SEMI-INTERNATO | PRIMÁRIO INFANTIL
MÚSICA — INGLÊS — GINÁSTICA — JUDO — BALLET

O VOO DA APOLO 10

pelo astronauta JOHN YOUNG

A UM PASSO DA LUA

A APOLO 10 foi o resultado de um esforço de equipa — todas as missões Apolo o são — e foi uma coisa maravilhosa do princípio ao fim. O impulso do Saturno V é de facto tão impressionante como parece — toda a gente o devia experimentar. As nossas três mil toneladas, estrutura, impulsionador, os andares mais altos, «Snoopy», «Charlie Brown», Tom, Gene e eu fomos empurrados pela força de 3800 toneladas daqueles cinco motores gigantes.

Uma das sensações agradáveis imediatas foi a possibilidade que tivemos de nos levantarmos logo a seguir e de flutuar. A pequena nave «Gémeos» não nos tinha dado essa possibilidade. Na Apolo basta desapertar o cinto, dar um impulso com um dedo e aí vamos nós, flutuando, a caminho da parte da frente da cabina. Com um outro empurrão com o dedo podemos navegar por toda a cabina. Tudo nos está literalmente nas pontas dos dedos. O que era um pequeno veículo para três homens na rampa de lançamento tinha-se transformado numa grande mansão na imponderabilidade.

Creio que toda a gente nos pode ver, pela primeira vez, no «tempo verdadeiro» (isto é, quando as coisas se estavam a passar), quando fizemos disparar o motor para virarmos o «Charlie Brown» e ir apanhar o «Snoopy». A princípio eu fui contra a televisão a bordo porque tive medo que pudesse interferir com o nosso trabalho. Mas a capacidade da televisão para documentar problemas e para gravar os acontecimentos no tempo real depressa me fez mudar de ideias. Nunca interrompemos qualquer coisa que estivéssemos a fazer por causa da televisão.

MUITO TRABALHO

Também nunca ensaiámos coisa alguma. Tudo o que vos mostrámos do que se passava dentro da cápsula foi completamente espontâneo. Quando estávamos em órbita lunar eu manobrei a câmara para mostrar a manobra de separação do «Charlie Brown» e do «Snoopy». A única coisa que tive de fazer foi premir um botão para que a câmara trabalhasse. De facto, não poderia fazer mais do que isso. O trabalho que tinha de efectuar era muito. A televisão também provou, como eu esperava, ser uma invenção mecânica de grande valor. Mostrou as verdadeiras cores da superfície da Lua, por um lado, e testemunhou as dificuldades que tivemos em beber água.

A caminho da Lua, «Charlie Brown», «Snoopy» e o módulo de serviço estavam numa posição tal que de hora a hora o sol entrava pelas janelas, seguindo-se a Lua e depois a Terra. Diversas vezes durante o voo era como se estivéssemos a ver fotografias do Sol, da Lua e da Terra. A Terra tornava-se cada vez mais pequena.

DORMIR FLUTUANDO

E sempre que estávamos a observar flutuávamos, flutuávamos no espaço, aprendendo a viver no nosso pequeno mundo. Dormir no estado de imponderabilidade é como dormir numa cama de penas. Eu era o «flutuador». Creio que não cheguei a meter-me na cama. Dormia flutuando. Conseguia dormir em qualquer sítio. Por vezes acordava e, flutuando, ia verificar os instrumentos. E, depois, voltava a adormecer. Creio que a comida era bastante melhor que a dos Gémeos. Algumas das refeições desidratadas, especialmente o peru, eram mesmo boas. Este foi o segundo voo Apolo a levar comida que se podia ingerir á colher em vez de a espremer para fora daqueles pequenos sacos de plástico. Deke Slayton comeu, em Houston, o mesmo género de alimentos que nós usámos durante o voo. Creio que deve ter ficado com uma fome de morte. Mas nós, como não tínhamos de fazer esforço para vencer a força da gravidade, ficávamos sempre cheios.

ENORMES DIMENSÕES DAS FENDAS DA LUA

A coisa que mais nos impressionou no primeiro dia de órbita lunar foram as enormes dimensões das fendas na superfície da Lua. Muitas crateras tinham inúmeros buracos á volta. Alguns desses buracos deviam ter uns 100 metros de fundo, pois podíamos vê-los á vista desarmada de uma distância de 600 milhas. Fotografias tiradas de satélites não tripulados tinham mostrado que a face oculta da Lua fora muito castigada pelos meteoros e que estava cheia de acidentes de relevo. Mas as nossas observações pessoais mostraram que, enquanto a face de cá é muito enrugada, o outro lado é muito mais liso e arredondado. Os montes não aparecem tão salientes como os da face visível e os relevos parecem ser muito mais antigos.

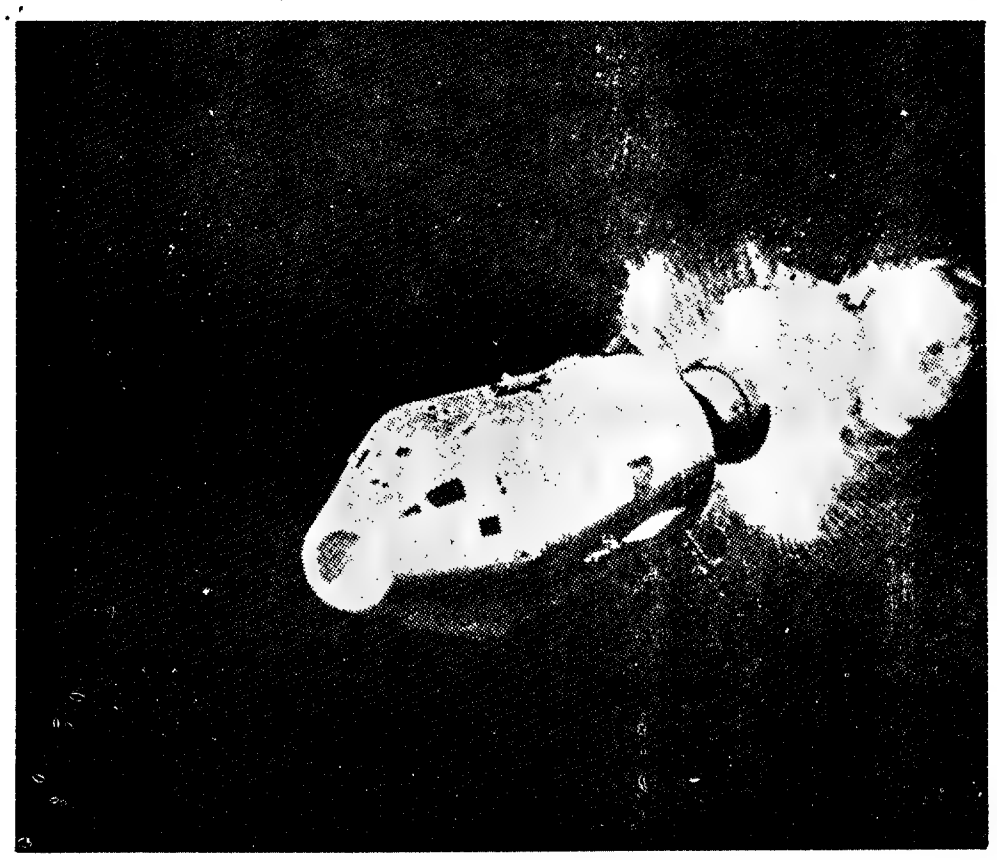
A Lua também nos surpreendeu por ser colorida. Não tem apenas cambiantes de cinzento, negro e branco. Tem também tons bronzeados, brancos brilhantíssimos e os negros mais negros que jamais se viram. As crateras de impacto ou vulcânicas mais recentes — hesito em dizer quais porque não sou um geólogo — tinha á volta matérias brancas muito brilhantes e, no entanto, os cumes eram negros. Dentro das crateras viam-se claramente pontos brancos e negros. E aquela cor bronzeada cobria quase toda a superfície da Lua. Os raios de algumas das crateras mais recentes pareciam ter sido feitos com um pincel. É lindo.

A LUA MAGOA OS OLHOS

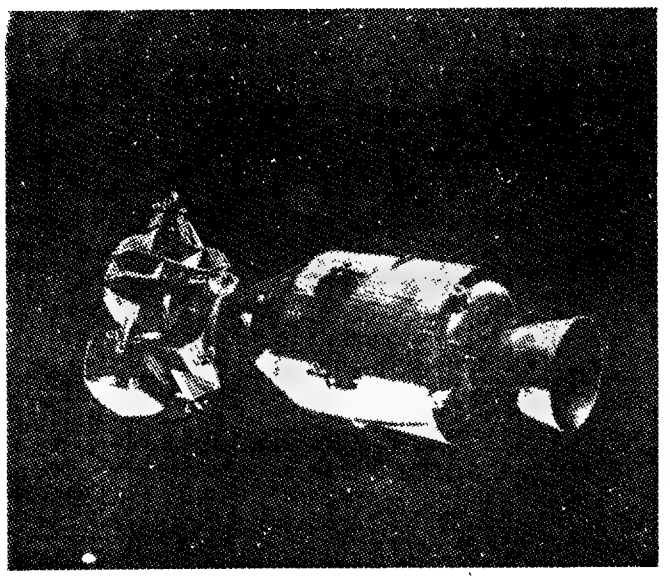
A posição do Sol afecta muito as cores da superfície lunar. A meio do dia a superfície é tão brilhante que mal se consegue olhar para ela. As cores tendem a desvanecer-se. Magoa os olhos. De manhã cedo e á tardinha as cores começam a distinguir-se á medida que a luz se torna suficientemente suave e nos permite registar os cambiantes. Podíamos olhar para as crateras e observar as paredes e os fundos. Interessei-me muito pelos longos e sinuosos sulcos. Poderá parecer que pretendo ser uma autoridade no assunto, mas aquelas linhas fizeram-me lembrar leitos de rios secos e não pude deixar de pensar se, um dia há muito tempo, não haveria peixes saltando naqueles riachos.

Naturalmente, não estivemos a olhar para a Lua durante todo o tempo. Tom e Gene tinham de verificar o «Snoopy» enquanto eu mantinha «Charlie Brown» no rumo certo á volta da Lua. Muita gente me perguntou se eu não me sentia só enquanto Tom e Gene se aproximavam das rochas da Lua. Para dizer a verdade, estive sempre tão ocupado que seria difícil estar menos só. Estava ligado a um sistema de rádio com «Snoopy» de forma que podia ouvir tudo o que Tom e Gene diziam e, além disso, muitas pessoas, cá em baixo estavam como que a olhar por cima do meu ombro, ajudando-me a conduzir a nave. Estava mesmo tão ocupado que não podia sequer olhar para a

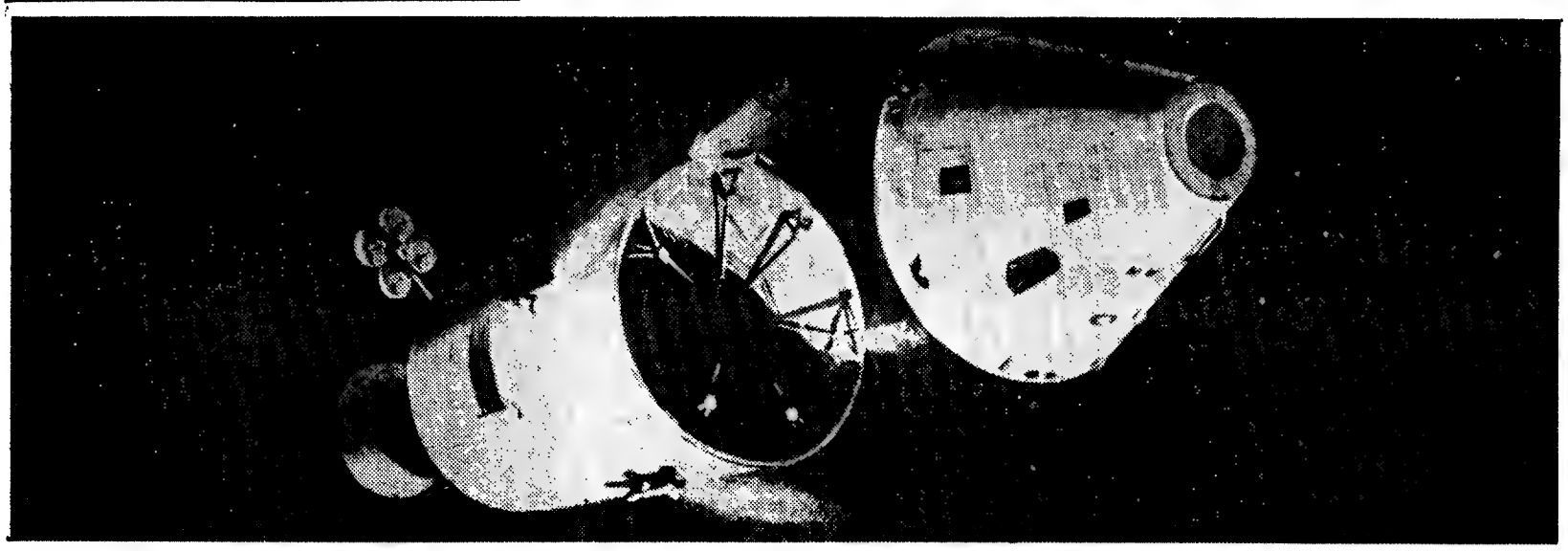
(Continua na página seguinte)



A nave-base acciona os motores, no Espaço circunlunar, no início do seu regresso à Terra



Depois dos astronautas voltarem para a nave-base, a parte ascensora do módulo lunar é ejectada para o Espaço



A cápsula e o módulo de serviço separam-se, quando a tripulação se prepara para entrar no «corredor» que permite a chegada à Terra

Começa à meia-noite a contagem para o lançamento da Apolo 11

CABO KENNEDY, 10 — (R.) — A contagem decrescente final para o voo da Apolo-11 começa esta noite, às 00 horas T. M. G., após outra série de ensaios de disparos de foguetão pelos astronautas escolhidos para a primeira tentativa de desembarque na Lua.

A contagem decrescente para o lançamento de 16 de Julho dura 93 horas, não contando com mais 40 horas para possíveis pausas, a fim de permitir aos técnicos tratar qualsquer pequenos problemas que possam surgir.

Nas horas antes da contagem decrescente principiar, os técnicos continuaram a encher os depósitos com oxigénio líquido e o sistema de abastecimento de água da «Columbia», o módulo que transportará os astronautas Neil Armstronge, Michael Collins e Edwin Aldrin para uma órbita lunar.

Enquanto os técnicos trabalham na «Columbia», os três astronautas têm um dia atarefado á sua frente com ensaios da ignição dos foguetões que os lançarão de uma órbita terrestre para a sua viagem até á Lua.

Amanhã, os astronautas serão submetidos a um ultimo exame médico.

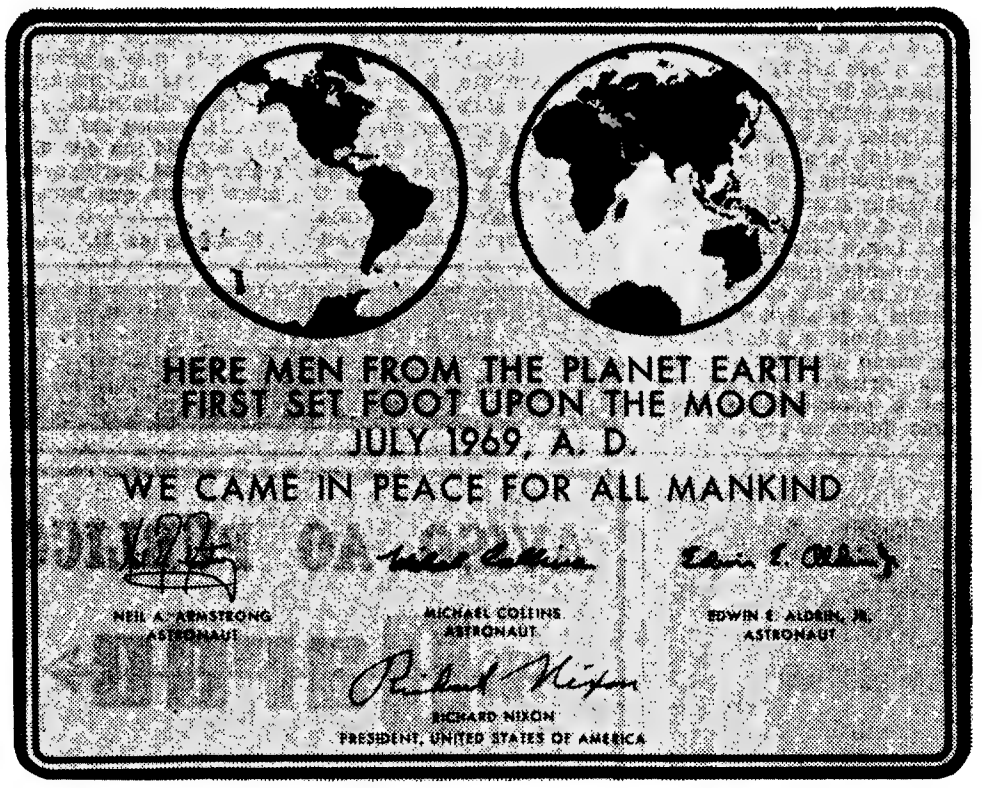
Na manhã de 21 de Julho, Aldrin e Armstrong partirão no «módulo lunar», «Águia», e tornar-se-ão nos primeiros seres humanos a pisar a Lua. Ainda nesse dia, após explorarem a área á volta do seu local de aterragem, regressarão á «Columbia», girando numa órbita lunar, com Collins ao comando.

Aldrin e Armstrong ensaiaram ontem o que consideram como a parte mais difícil da sua missão — vestirem no acanhado «módulo lunar», cheio de instrumentos, os fatos espaciais que envergarão na Lua.

Vestir os fatos na «Águia», que tem o tamanho de uma cabina telefónica, em zero de gravidade representa uma dor de cabeça para os astronautas, que nessa altura flutuarão.

Cada vez que mexam um membro para vestirem os fatos, mover-se-ão na direcção oposta, cumprindo a terceira lei de movimento de Newton (toda a acção tem uma reacção igual e positiva).

Para evitar que choquem com as paredes, existe equipamento para manter os astronautas numa posição. Contudo, pensam ainda que a parte mais difícil da missão á Lua é vestir os fatos espaciais no «módulo».



O PADRÃO DAS NOVAS DESCOBERTAS — Eis a placa que os cosmonautas colocarão no solo lunar, á sua chegada ao satélite natural da Terra. «Aqui, os homens do planeta Terra chegaram á Lua pela primeira vez em Julho de 1969. Viemos em paz, por toda a Humanidade». Assinam os três cosmonautas e o presidente dos E. U A., Richard Nixon

A VIAGEM DA APOLO 10

(Continuação da pág. anterior)

Lua. Foi o mesmo que tivesse ido e voltado a Marte no simulador. Sempre que pude mantive «Snoopy» debaixo de olho. Quando estava a umas 100 milhas ou mais, parecia uma vulgar estrela.

COLÓNIAS NA LUA

Depois foi o nosso «rendez-vous» no qual Tom e Gene pararam a 150 milhas do «Charlie Grown», a menos de nove milhas da superfície lunar, voltando para cima de «Charlie Brown» e de mim umas 120 milhas e atrás de nós talvez 350. Um dos nossos momentos mais felizes foi quando nos encontrámos e acostámos, tal como a tripulação da Apolo 11 vai fazer. Soube bastante bem ver as caras de Tom e Gene quando eles rastejaram de regresso através do túnel.

Uma pessoa pode-se admirar acerca da Lua — como ela começou e se os seus quatro biliões de anos podem, de alguma maneira, ser uma chave para a evolução do nosso próprio planeta e do sistema solar. A Lua fascina-me pessoalmente do mesmo modo que a África atrai certas pessoas naquela medida em que qualquer território inexplorado é ainda fascinante. No futuro imediato ela será provávelmente uma maravilha geológica, um lugar para estudar e explorar. Mas um destes dias o mundo deve colonizar a Lua e os nossos netos (ou talvez os nossos filhos) terão lá um lugar para viver. Eu não diria aos meus miúdos para irem lá porque gostaria que eles fizessem as suas próprias coisas. Mas eu irei qualquer dia como um colonizador. Mais depressa do o nosso mundo estará a produzir a tecnologia e o pessoal necessários para garantirem colónias auto-suficientes na Lua, bem como noutros planetas do sistema solar e nas suas luas.

AMANHÃ — Um artigo escrito pelo astronauta GENE CERNAN sobre a viagem da Apolo 10

O programa da grande aventura

É o seguinte, de acordo com a agência Reuter, o programa dos momentos mais importantes da grande aventura que vai durar oito dias. As horas indicadas estão sujeitas a revisões no ultimo minuto, antes do lançamento ou durante o voo, consoante as circunstancias o determinarem. Todas as horas indicadas são as horas de Lisboa

● QUARTA-FEIRA, 16 DE JULHO:

14 e 32 — Partida da rampa de lançamento 39-A, em Cabo Kennedy.

17 e 16 — A nave espacial abandona a órbita terrestre estacionária e começa a dirigir-se para a Lua.

● SEXTA-FEIRA, 18:

0 e 32 — Transmissão de imagens de Televisão a cores enviadas durante 15 minutos de uma distancia de cerca de 150 000 milhas da Terra.

● SÁBADO, 19:

0 e 32 — Nova transmissão de imagens a cores durante 15 minutos, no momento em que a nave espacial se aproxima da Lua.

18 e 26 — A nave espacial entra numa órbita lunar temporária.

21 e 02 — Novas imagens a cores da Lua durante 15 minutos.

22 e 41: A nave espacial entra numa órbita lunar circular.

● DOMINGO, 20:

18 e 50 — O «módulo lunar» separa-se da nave principal.

18 e 52 — Transmissão de imagens a cores mostrando as duas naves a voarem em formação (30 minutos).

20 e 14 — O «módulo lunar» começa a descer para a superfície da Lua.

21 e 19 — Efectua-se a alunagem.

● SEGUNDA-FEIRA, 21:

6 e 57 — Imagens a cores enviadas da nave principal durante 10 minutos.

7 e 12 — Armstrong pisa o solo da Lua. Aldrin segue-lhe o exemplo cerca de 25 minutos depois.

7 e 12 — Transmissão de imagens televisionadas a preto e branco da superfície lunar, durante duas horas e meia.

9 e 47 — Os astronautas regressam ao «módulo lunar».

18 e 50 — «O «módulo lunar» abandona a superfície da Lua.

22 e 32: O «módulo lunar» volta a unir-se á nave principal.

● TERÇA-FEIRA, 22:

0 e 25 — O «módulo lunar» é ejectado.

5 e 56 — É posto a funcionar o motor da nave principal para que esta inicie a sua viagem de regresso á Terra.

● QUARTA-FEIRA, 23:

2 e 02 — Transmissão de imagens a cores durante 15 minutos.

● QUINTA-FEIRA, 24:

2 e 02: Transmissão de imagens a cores durante 15 minutos.

17 e 51 — Descida da nave nas águas do Oceano Pacífico.

Necrologia

FALECIMENTOS

António Vicente Martinho

Faleceu o sr. António Vicente Martinho, de 76 anos, natural de São Pedro de Beberiqueira (Tomar), casado com a sr.ª D. Joaquina do Carmo Martinho, pai da sr.ª dr.ª D. Maria do Carmo Martinho e irmão da sr.ª D. Deolinda Martinho Vieira. O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de S. João de Deus (capela A) para o cemitério do Alto de S. João. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Salgado, da Rua da Rosa.

FUNERAIS

Vice-almirante Ortins de Bettencourt

Foi figura de relevo na vida nacional o vice-almirante Ortins de Bettencourt, que, como noticiámos na «Edição da Noite» de ontem, foi a enterrar no cemitério dos Prazeres. Tendo consagrado a sua vida á Armada, não limitou a sua actividade áquela corporação, pois, através das elevadas funções que desempenhou (nomeadamente á frente dos Ministérios da Marinha e dos Negócios Estrangeiros), sempre relevou singular dedicação pela causa publica.

Foi, com Gago Coutinho e Sacadura Cabral, um dos organizadores do «raid» aéreo á Madeira, no qual tomou parte, tendo colaborado, ainda, com os dois aviadores, na preparação do voo Lisboa-Rio.

Desempenhou ainda, entre outros, os seguintes cargos: comandante da Aviação Marítima dos Açores e da Aviação Marítima de Lisboa; director da Aeronáutica Naval; comandante do Centro de Aviação Naval; capitão do porto da Figueira da Foz; comandante das Forças Navais da Metrópole; superintendente dos Serviços da Armada, e comandante do contratorpedeiro «Vouga», da canhoneira «Raul Cascais» e do contratorpedeiro «Tamega».

Foi também professor do Estado-Maior Naval e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Possuia numerosas condecorações.

Natural de Santa Cruz, Graciosa (Açores), o almirante Manuel Ortins de Bettencourt contava 76 anos. Assentara praça na Armada em 2 de Dezembro de 1909, tendo passado á reforma em 1962.

D. Amora Gomes

Da igreja de Marvila para o cemitério do Alto de São João saiu, esta tarde, o funeral da sr.ª D. Amora Gomes, de 60 anos, viuva, mãe da sr.ª D. Idalina Felgueiras Gonçalves e sogra do sr. Américo Gonçalves.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

ANTÓNIO VICENTE MARTINHO

FALECEU

Joaquina do Carmo Martinho, Maria do Carmo Martinho, Deolinda Martinho Vieira e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai, irmão e parente e que o funeral se realiza, amanhã, ás 11 horas da Igreja de São João de Deus (Capela A) para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA SALGADO
DA RUA DA ROSA
Telef. 324257

A expressiva e perdurável homenagem à memória do sábio Mira Fernandes

é devida pelas gentes do concelho de Mértola

MÉRTOLA, 10 — A aldeia de Santana de Cambas prestou significativa homenagem ao prestimoso conterrâneo, sr. Tomás António Revez, a quem são devidos grandes melhoramentos, e benefícios á sua gente humilde. Em 1918, esse benemérito, «embora desfrutando de situação invejável na Mina de São Domingos, quis procurar noutras paragens os meios que lhe permitissem, na altura própria, facultar aos seus descendentes as possibilidades de uma vida melhor do que aquela que, possivelmente, teriam se por aqui tivesse continuado».

Em homenagem de reconhecimento ao bondoso cidadão, foi o seu nome dado a uma das ruas da sua aldeia, em festiva cerimónia, á qual a população se associou. As qualidades de carácter, os méritos e o sentido de solidariedade que avultam no homenageado foram postos em relevo pelo presidente da Junta de Freguesia, pelo pároco, rev. José Dourado, e pelo presidente da Camara Municipal de Mértola, o qual salientou «as dificuldades económico-sociais que o concelho atravessa, exortando o povo a não abandonar as suas povoações, apesar de todas as privações actuais, porquanto alimenta a esperança de que melhores dias virão para os habitantes do concelho».

● Evocação de um idealista sábio eminente

Na ausência, por doença, do homenageado, seu filho, sr. dr. Tomás Lança Revez, agradeceu a homenagem e as referências dos oradores, acentuando «a conjuntura actual das freguesias de Corte do Pinto e de Santana de Cambas». Recordando a figura de seu pai e a sua acção abnegada em prol dos conterrâneos pobres e desamparados e referindo-se a «esse templo de trabalho árduo para muitos e fonte de riqueza para bem poucos, que foi a Mina de São Domingos», disse que seu pai «jamais esqueceu, por jamais ter deixado de estar identificado com as situações de injustiça social e que durante tantos anos os seus conterrâneos foram votados». Agradeceu ás entidades referidas o seu esforço em prol da promoção e do desenvolvimento económico-social das populações dessa causticada zona alentejana, cuja dedicação patriótica exaltou.

A certa altura do seu brilhante discurso, o sr. dr. Tomás Lança Revez evocou, nobremente, uma das grandes figuras do concelho de Mértola e de elevada projecção nacional e além-fronteiras, como cientista e pelas altas virtudes que exornavam a personalidade desse varão ilustre, o prof. dr. Mira Fernandes, democrata de luminosos pensamentos e um dos vultos mais notáveis da Republica, para cuja proclamação muito contribuiu. E pedindo que seja prestada homenagem condigna á memória do cientista e pensador insigne, disse o orador, que foi seu aluno:

— Tal pedido resume-se ao vosso auxílio, no sentido de ser saldada uma dívida que todos os nascidos no concelho de Mértola, em especial os oriundos da Mina de São Domingos, têm para consigo próprios. E têmo-la porque sentimos validade em termos tido por conterrâneo um dos maiores matemáticos portugueses do nosso tempo, sábio de renome mundial, que ali nasceu em 16 de Junho de 1884 e em Lisboa se finou em 18 de Abril de 1958.

«Esse homem — prosseguiu — poderia ter sido tudo neste País. Não o quis! Quando outros caminhos se lhe abririam e que melhor satisfariam ânsias de mando, de entronização pessoal e de fortuna, se tais ambições tivesse, limitou-se a ser, pura e simplesmente. Mestre ilustre — para além do vulgar — de muitas gerações que passaram pelos Institutos Superiores Técnico e de Ciências Económicas e Financeiras. O Homem, como, certamente, já deduziram, chamou-se Aureliano Lopes de Mira Fernandes, por aqui conhecido apenas por «Dr. Aureliano».

Lembrou o orador ter, ainda em vida do sábio, proposto que lhe fosse prestada «a homenagem que a sua rara envergadura intelectual e moral merecia», sem lograr a efectivação da mesma ou do que fora sugerido, ao tempo, á direcção da Casa do Alentejo em Lisboa, onde — disse — «até hoje nem no seu *Quadro de honra de Alentejanos ilustres* consta o nome de tal individualidade!»

● Um busto diante da escola

Disse, depois, o sr. dr. Tomás Lança Revez:

— O que agora conta, é que alguns naturais da Mina de São Domingos desejariam ver o nome do prof. Mira Fernandes publicamente consagrado, e a mostrar ás gerações vindouras destas terras, que, de entre os humildes, também podem surgir homens de génio capazes de honrar não só a terra onde nasceram, mas a própria Pátria, e que ali, naquela terra, quase destruída e abandonada, nasceu em 16 de Junho de 1884 um dos maiores matemáticos portugueses do nosso tempo, que jamais em-

(Continua na 21.ª página)

A multidão comprime-se na pequena sala do centro de vacinação — saudáveis e doentes, numa promisc

CENTRO DE H OU CENTRO DE

Ali se vacinam cerca de 100 mil pessoas na roda do ano. Ali, na roda do mesmo ano, cerca de 150 mil pessoas são radiografadas. Não se anda muito longe do movimento diário de mil pessoas nas acanhadas instalações dos Serviços Centrais de Diagnóstico e Profilaxia, resumidas numa pequena sala...

Numa pequena sala, com seus escassos 20 passos de comprimento por 7 de largura e com um pé direito que não chegará aos 3 metros, numa pequena sala com escassas possibilidades de ventilação, numa pequena sala situada numa zona nevrálgica do trânsito lisboeta, como a Praça do Chile, pois é numa pequena sala sem as mínimas condições de utilização que se encontram instalados os Serviços Centrais de Diagnóstico e Profilaxia...

Estivemos lá. A pequena sala, que mal serviria para atender as necessidades de um bairro, serve toda a zona Sul do País...

Aí se reuniam, ás 11 horas da manhã, centenas de pessoas, entre as quais inúmeras crianças, numa promiscuidade confrangedora. O público é atendido através de oito «guichets», ao longo dos quais se perfilam longas, perduráveis «bichas», apesar da boa vontade do pessoal encarregado do serviço, que se multiplica em esforços para descongestionar o recinto. O altifalante faz a chamada para o «Raio X»:

OS SERVIÇOS C DE DIAGNÓSTICO E PRECISAM COM DE INSTALAÇÕES

uma fornada de 27 nomes... A falta de assentos, o público amontoa-se nos cantos da sala. A entrada do recinto da vacinação o ar torna-se irrespirável. «*Onde a gente se veio meter, meus filhos...*» — exclama, doridamente, uma pobre mulher para os dois meninos que tem sobre os joelhos.

Mas os meninos não entendem. Nem esses nem os que levam encontrões nas «bichas» que se cruzam na sala. A situação para eles resulta particularmente dramática, com as incomo-

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

AVISO AO PÚBLICO

Dardo

Comunicamos a todos os nossos clientes e ao público em geral que as nossas lojas e as das nossas associadas abaixo indicadas, a exemplo do que praticaram o ano passado, **encerram às 2.ªs-feiras de manhã**, até 30 de Setembro, para maior descanso do nosso pessoal durante o Verão.

Continuamos assim a seguir a tradição dos grandes centros turísticos do mundo, **abrindo aos sábados durante todo o dia**, para maior facilidade e comodidade da clientela.

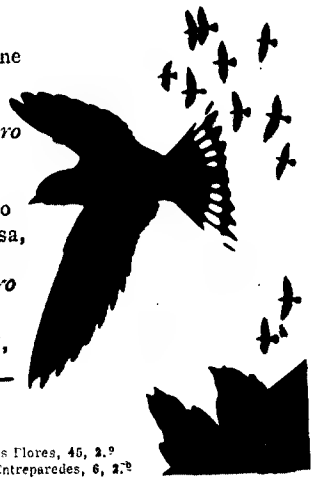
●

Visite nas nossas lojas durante o mês de Julho a nossa grande feira de FRIGORÍFICOS.

●

DARDO — Avenida da Liberdade, 131 a 137
ULTRA-LAR — Praça de Londres, 7-A e 7-B
FAROL — Av. Almirante Reis, 124-B
DINÂMICA — Rua de S. Bento, 53 a 57
DISCOTECA POPULAR — R. 1.º de Maio, 146-A (St.º Amaro)
CASA MAX — Rua D. Estefânia, 193

AS FRIAS MADRUGADAS



Colectânea que reúne toda a obra poética do autor de *Diálogo em Setembro* e que documenta as tendências de um largo período da poesia portuguesa, nomeadamente do *Novo Cancioneiro*

Col. "Obras de Fernando Namora", 176 págs., 45$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

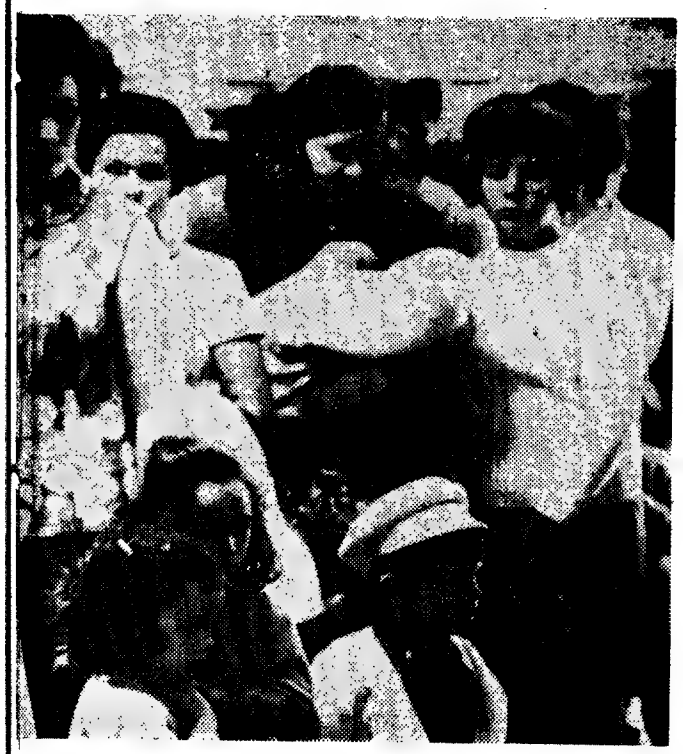
Confeitaria da GUIA

...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL



...ação ali à Praça do Chile: homens, mulheres e crianças, promiscuidade que confrange

...E CONTÁGIO?

...S CENTRAIS ...O E PROFILAXIA ...M URGÊNCIA ...ES CONDIGNAS

didades do «acampamento» no chão duro e frio de uma sala extremamente ruidosa e fumarenta.

As condições de trabalho do pessoal que presta serviço no Centro são as que fàcilmente se compreendem. Para levarem a bom termo a sua tarefa, os médicos, enfermeiros e funcionários administrativos realizam autênticos prodígios de ginástica. A cidade tem para com eles uma pesada divida de gratidão.

A situação não agradará ao prestigioso Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, que sabemos ter envidado os maiores esforços no sentido de a resolver em termos satisfatórios. O problema mais grave é o de aquisição de terrenos onde construir um edifício para serviços tão essenciais como os de vacinação e profilaxia. Não tem o I. N. A. T. dado provas bastantes, ao longo da sua existência, de extrema devoção e excelente organização nos domínios do combate à doença? Acaso visa o I. N. A. T. fins comerciais ou outros que não sejam o serviço da comunidade? Acaso não merecia o I. N. A. T. que se lhe facilitasse a tarefa no máximo das possibilidades em domínio de tamanha urgência? Acaso os organismos que tanto dizem prezar o bem público já visitaram esse foco de doenças que é (oh, paradoxo!) o Centro de Diagnóstico e Profilaxia, ali á Praça do Chile?

O problema requer solução urgente, para não cairmos em situações sem remédio. O Sul do País não pode caber numa sala de tão exíguas dimensões — por muito grande que seja a capacidade lusíada de produzir milagres.

Torre de Babel

por João Medina

GUILHERME TELL, SOLDADO

Embora os espíritos mais inclinados ao cepticismo duvidem do facto, posso garantir que a Suiça dispõe dum exército. Não será, claro, uma falange de hoplitas ferozes e sedentos de rapinas, nem uma máquina infernal capaz de arrasar cidades e espingardear multidões. Estou também certo que os cabos de guerra que as crianças estudam nas escolas não invejariam os feitos belicosos da Confederação Helvética, mau grado algumas proezas catitas na guerra contra os Habsburgos; mas a derrota dum Leopoldo da Austria em Morgarten fica muito aquém das façanhas dos Alexandres, Bonapartes e Tamerlões do passado. Embora alguns suiços se obstinem em destruir a lenda tradicional duma confederação que, uma vez emancipada, trocou o mosquete e o trabuco pela pinça do relojoeiro e pelos balcões dos estabelecimentos bancários, a verdade é que estes meus quase vizinhos em vão reclamam a autoria de carnificinas marciais tão grandiosas como as que constituem o orgulho e o apanágio dos restantes países civilizados.

Seja como for, nem todos têm o dom de exterminar o próximo com furor e engenho, de maneira que os suiços, à falta de grandes atrocidades cometidas sob o signo de Mavorte, preferiram há muito enveredar pela neutralidade, pelo pacifismo e pelo chamado exército dos domingos. Pendurados no alto de montanhas que convidam ao bucolismo, à indústria e aos tédios úteis de lisistrata, os helvéticos decidiram manter a instituição guerreira como quem guarda a espada sangrenta dum bisavô que andou a matar mouros algures no Médio Oriente, após o que voltou para casa, guardou a farda num armário e retomou as fainas do dia a dia Por devoção, por fidelidade histórica, por tradição, como queiram, a verdade é que, uma vez por outra, os governantes da Confederação batem com a palma da mão na testa e exclamam: «Sapristi! E o exército? Que faz ele?» E logo se apoderam dos telefanes e convocam os oficiais superiores da militança local. Vem o general ou o coronel mais próximo. Explica-lhe então o anónimo governante suiço que é preciso organizar uns exercícios. A Primavera está à porta, as neves começam a degelar, a indústria está saturada de relógios e queijo «gruyére». Há que distrair a população, enrijar-se os músculos da rapaziada, etc. O coronel aprova, faz a saudação regulamentar e vai-se.

Dois dias depois, os mancebos recebem em casa uma convocação simpática: «Poderá V. Ex.ª comparecer na sua unidade habitual, acompanhado de espingarda, baioneta, capacete, mochila, quépi, etc., no próximo sábado, pelas dez da manhã? Ficamos desde já muito gratos da sua presença. Cordiais saudações do seu coronel muito amigo, Heinrich von Dingansich. P. S.: Não se esqueça da vareta da espingarda e da almotolia. E os mancebos, honestos como só os suiços o sabem ser, convergem todos para os quartéis nos referidos dias e à hora exacta. A espera deles, o coronel Dingansich, muito sorridente, mãos atrás das costas, pernas afastadas, Reunidos os recrutas numa grande sala limpa e bem iluminada, os sargentos distribuem café e biscoitos, após o que se discute sobre todos os aspectos logísticos estratégicos e práticos da operação «Himmelreich»: escalar o Engadin.

E ao cair da noite, lá vão os alegres suiços a cantarolar pelas estradas da pátria, o capacete tombado para trás, uma flor na orelha, o simpático coronel Dingansich à frente dos seus homens. Para não complicar a operação «Himmelreich», diversas camionetas são nessa altura postas à disposição dos soldados, o que torna o exercício menos excitante mas muito mais seguro. Cerca das nove horas, a tropa atingiu já as cumeadas de Engadin, o que lhe permite, à guisa de recompensa, ir beber um cálice de aguardente numa estalagem de Schuls. Por fim, organiza-se o acampamento, com um bonito fogo, cantigas, discussões sobre a guerra moderna e uma conferência do major Befriedigung intitulada: «Guilherme Tell, precursor de Giap». Depois do debate, as praças pedem licença e vão-se deitar. Assim se passa o primeiro dia da vida militar dos jovens recrutas helvéticos. No dia seguinte, domingo, os sargentos explicam o funcionamento das armas e distribuem fascículos referentes ao restante armamento que os soldados deverão estudar em casa. Findo o domingo, o coronel Dingansich agradece a atenção dos seus soldados e despede-se de cada um com um aperto de mão: «Até ao próximo domingo!» E lá voltam para as casas deles os bravos guerreiros da Confederação.

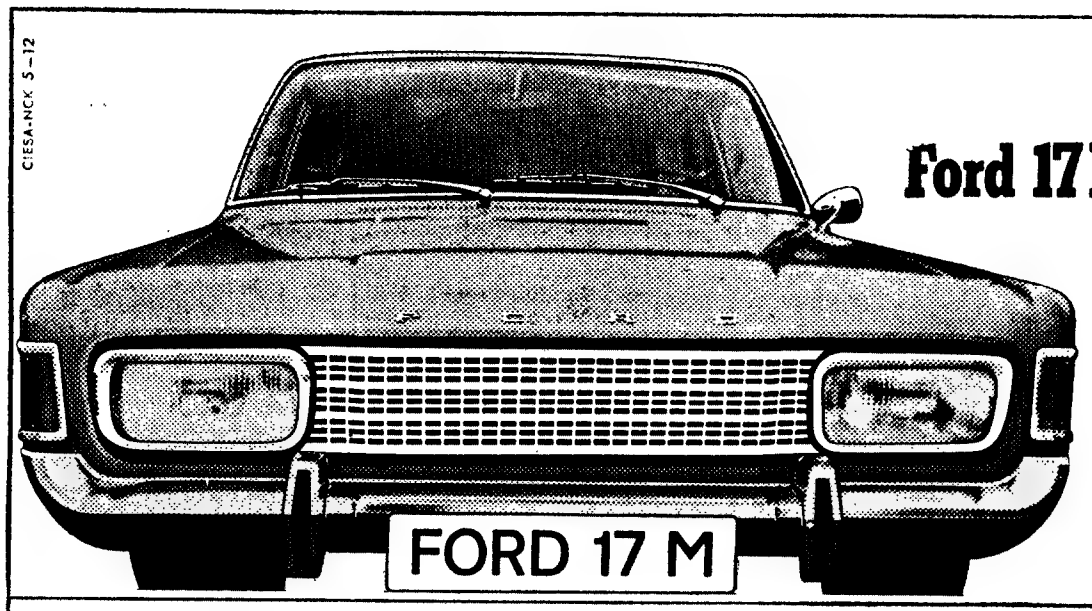
O serviço militar suiço é assim, como se viu, discreto, afável e isento de enfados. Nem a economia do país se ressente da chamada às armas dos seus compatriotas, nem o ritmo normal da vida fica perturbado pela incorporação dos mancebos. Cumprido num regime de prestações suaves, o serviço militar passa quase despercebido, de tal modo que um dia, em vez de receber a habitual e simpática convocação do coronel Dingansich, o soldado abre a carta seguinte:

«Vem aí o Inverno e, com ele, o frio, a neve, os incómodos para os automobilistas, a necessidade de auxiliar a família, de ir ao bosque rachar lenha, etc. Ora, como o Exército da Confederação não considera de momento nenhuma hipótese de guerra ofensiva ou defensiva nem sequer a mínima possibilidade de uma guerrilha em território pátrio, decidimos prescindir doravante da sua amável colaboração, pelo que se pode considerar livre do serviço militar. Com as mais cordiais saudações do seu coronel e amigo. Heinrich von Dingansich.»

E o mancebo volta à vida civil, sem praticamente nunca dela ter saído. E a Suiça vive em paz, próspera e rubicunda, a confeccionar relógios de cuco, a ordenhar vacas e a fazer prosperar o capital daqueles que lhe confiam os seus modestos pés-de-meia Mas se um dia, a Áustria, o Panamá ou mesmo a Argélia decidirem anexar o lago Léman ou quiserem reivindicar o acesso ao túnel de São Bernardo, aí o teremos, enérgico e garboso, o exército suiço, unido como um só homem, a barrar o caminho do invasor ao grito de: «Guilherme Tell! Guilherme Tell! A liberdade ou a morte!» Cautela, pois, governos cúpidos e nações glutonas: Não tomem os soldados dos cantões por um exército de opereta. Lembrem-se de Leopoldo da Austria, pensem no chapéu de Gessler, atravessado pela flecha inexorável de Guilherme!

Estrasburgo, Maio de 1969.

CIESA-NCK 5-12



Ford à frente em elegância
Ford 17M - o carro concebido para si

2 e 4 portas e Station (5 portas)

Ford 17M

Ford

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66 • LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

Actualidade internacional

Os «não-alinhados» vão reunir-se pela terceira vez

BELGRADO, 10 — (F. P.) — O presidente da sessão da noite Farhadi, do Afeganistão, anunciou á Imprensa que tinha sido aprovada por maioria uma terceira reunião de «alto nível» dos não-alinhados e que esta decisão figuraria oficialmente no comunicado final. A data será decidida posteriormente.

O delegado da Argélia, o da Birmânia e o da Guiné figuram entre os mais hóstis áquela reunião. Também Fotana, do Senegal, não se declarou convencido «da necessidade de participar na próxima reunião de alto nível» se é que ela deve «efectuar-se».

Mas Joseph Lometey (Ghana) disse que é preciso preparar imediatamente a terceira conferência e «alargá-la ao máximo». Os outros oradores foram menos precisos, não se recusando ao princípio duma conferência suprema mas insistindo na necessidade de ver reunidas as condições oportunas.

Nos outros domínios, há acordo quanto aos grandes temas: resistência ás pressões das grandes potências, progresso económico, auxílio aos movimentos de libertação e, em primeiro lugar, ás «Organizações de Libertação da Palestina».

CONVERSAÇÕES

SÓFIA, 10 — (F. P.) — As entrevistas entre as delegações húngara e búlgara realizadas nesta cidade incidiram sobre questões da actualidade internacional e sobre o movimento comunista e operário mundial, anunciou um comunicado publicado em Sófia.

Os dirigentes búlgaros e húngaros notaram com satisfação o favorável desenvolvimento das relações entre os dois países e tentam o seu desenvolvimento.

REGRESSO

MOSCOVO, 10 — (R.) — O primeiro-ministro polaco Josef Cyrankiewicz regressou hoje á pátria, após ter visitado uma exposição industrial do seu país nesta capital. Foi-se despedir dele ao aeroporto o seu colega soviético Alexei Kossyguine.

Segundo a Tass, os dois chefes de Governo travaram ontem conversações no Kremlin, discutindo problemas de cooperação mútuos.

EXONERAÇÃO DE ELEMENTOS DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

BRASÍLIA, 10 — (R.) — Vinte e seis elementos da Força Aérea brasileira e outros homens recrutados foram exonerados desse ramo das Forças Armadas por um decreto presidencial devido á subversão, corrupção e ao perigo na segurança de voo.

Expedição num barco de palha

LIMA, 10 — (F. P.) — Enquanto a viagem do «Rá», o barco de papiro do norueguês Thor Heyerdhal, prossegue a sua viagem através do Atlantico, recorda-se em Lima que alguns navegadores peruanos tinham efectuado recentemente uma viagem de 4000 quilómetros em 64 dias, a bordo do «Kuviku», barco feito de «totora», espécie de palha que se desenvolve neste país. Tais embarcações eram usadas no Peru há alguns séculos.

O facto de o barco ser de palha e não de madeira salvou certamente a vida da tripulação. Quando uma tempestade o atirou sobre um recife, dobrou mas não abriu rombos.

A expedição tinha carácter científico e o seu objectivo era provar que os antigos peruanos estavam em contacto com os mayas e aztecas da América Central.

COMEÇOU A REUNIÃO DO SOVIETE SUPREMO

MOSCOVO, 10 — (F. P.) — Começou hoje a reunião do Soviete Supremo da U.R.S.S.

A agência Tass anunciou a abertura da sessão nos seguintes termos: «A 6.ª sessão do Soviete Supremo da U.R.S.S. inaugurou hoje os seus debates no Kremlin ás 10 horas (hora de Moscovo). Está reunido neste momento o conselho da União, uma das duas câmaras do Parlamento soviético.

A sessão analisará os problemas relativos á situação interna e á política estrangeira da União Soviética, bem como os princípios básicos da legislação do trabalho correctivo da União Soviética e das republicas da União.

Decretos do «praesidium» do Soviete serão submetidos á aprovação da sessão. Durante os trabalhos, estão previstas reuniões separadas e conjuntas do conselho da União e do conselho das nacionalidades».

ACUSAÇÃO A CHINA

MOSCOVO, 10 — (F. P.) — Poucas horas depois de ser anunciado um novo incidente fronteiriço no Rio Amor, a China foi violentamente criticada pela «Gazeta Literária» que a acusa de querer criar um império do Pacífico ao Mar Negro e ao Oriente árabe.

Mao Tsé Tung prepara-se para participar, com essa intenção, ao lado dos «imperialistas» numa tentativa de cerco á U.R.S.S., afirma a «Gazeta», num artigo intitulado «Traição». Mao, continua a revista, «considera-se como o herdeiro de Gengis-Khan ou mesmo de Maomé». Pequim espera incluir no seu império «regiões soviéticas na Ásia, a Mongólia, a Coreia, o Vietnam, o Cambodja, o Laos, a Birmânia, a Indonésia e «a seguir» a Índia, o Oriente Árabe e outros territórios» — afirma a «Gazeta». «Mas — conclui — não é a primeira vez que a U.R.S.S. tem de defrontar loucos...».

«De Theodore Roosevelt a Nelson Rockefeller»

A propósito do artigo «De Theodore Roosevelt a Nelson Rockefeller», da autoria do nosso redactor Amadeu Lopes Sabino, recebemos, com o pedido de publicação, a carta que segue, subscrita pelo sr. Lúcio Th. Feteira.

«O artigo publicado, sob o título «De Theodore Roosevelt a Nelson Rockefeller», contém, na sua maioria, uma tendenciosa distorção da verdade. Não tenho procuração dos Estados Unidos para fazer a defesa dos seus interesses morais, sem disso precisa a grande Nação. Se venho à liça, é porque me revoltam todas as mentiras, mormente aquelas com que, sub-repticiamente, se pretende iludir quem, dos factos nada conheça, com o fito de servir uma causa que assenta as suas bases na propaganda objectivadora do solapamento das instituições que sabem ser obstáculo aos seus tenebrosos desígnios.

Conheço e tenho alguma experiência da maioria dos países que o articulista pretende «vítimas» dos Estados Unidos. Esse «colonialismo» citado, não é senão uma sincera e honesta colaboração que os industriais e cidadãos americanos têm dado aos seus irmãos mais pobres: dinheiro, técnica e trabalho honrado, que muito tem contribuído para o seu desenvolvimento e elevação do nível de vida. Chamar colonialistas a quem assim procede, parece-me que é pretender criar uma nova dimensão do significado do termo. A Aliança para o Progresso custou ao contribuinte americano encargos pesados e nem em todos os países esse dinheiro teve a aplicação que correspondesse ao impulso generoso dos seus doadores. Quem neste Mundo se tem mostrado mais pródigo em distribuir pelos outros aquilo que era e é exclusivamente seu? Qual o povo que estaria disposto a suportar pesados impostos só para que o seu Governo fosse uma cornucópia para alguns de quem até nem amor recebe?

Os americanos pagam as matérias-primas pelos preços que internacionalmente se praticam. Nem de outra forma poderiam proceder sem correr o risco do desaparecimento das suas indústrias, esmagadas pela competição que têm de defrontar nos mercados. Se não fosse esta a razão, estou convencido que os Estados Unidos usariam o mesmo processo que têm adoptado em relação ao café. Toda a gente sabe que é graças à intervenção do seu Governo que o consumidor americano é obrigado a pagar o produto por preço superior ao que certamente se praticaria em regime de comércio livre, dado o excesso da produção desta rubiácea em relação ao consumo. Bem diferente — sab e-o também muita gente — é o procedimento usado pela Russia na compra do açucar de Cuba ou das produções dos países satélites. O *slogan* de «colonialismo económico», e outros que andam tão em voga, não passa de uma ária que, por banal e gasta, já deixou de ter ressonância. Desaparecerá, do mercado político, da mesma forma porque perderam cotação os de: «paz» e «progressismo», etc.

Como é norma deste jornal, acedemos ao pedido de publicação da missiva do sr. Lucio Th. Feteira.

Com referência a esta julgamos oportuno comentar que a discordancia entre o seu autor e o nosso redactor não diz respeito aos «factos», pois também o sr. Feteira afirma que «os industriais e cidadãos americanos têm dado aos seus irmãos mais pobres dinheiro e técnica». A divergência radica na valoração política (ou, se quisermos, moral...) que dessa «colaboração» é feita por um e outro. Para a apreciação das posições respectivas do comentarista e do seu atento leitor remetemos pois os interessados.

all airlines are alike only people make them different!

através do mundo em boa companhia

Na realidade todas as Companhias se assemelham. Só o seu pessoal pode torná-las diferentes.
A simpatia e as atenções que o nosso pessoal dedica aos passageiros, fazem da TAP uma Companhia de Aviação eficiente e... diferente.
Viaje num avião da TAP e certifique-se desta verdade.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

MATEMÁTICA POR COMPUTADORES

Estas alunas da Escola Secundária de Kenington (Inglaterra) estão a aprender matemática construindo o seu próprio computador — uma e outra coisa com a ajuda do professor Paul Mahorta. Dado que a administração não quis despender cerca de 7000 libras num computador, as jovens resolveram construir um — por cerca de 100 libras

Vinte e nove ataques com foguetões e morteiros no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 10 — (R.) — Norte-vietnamianos apanharam de emboscada, pelo segundo dia consecutivo, um comboio do Exército dos Estados Unidos, mas os americanos conseguiram escapar com o auxílio de helicópteros armados e de aviões de caça.

Um informador revelou hoje que quatro norte-americanos foram mortos e mais onze ficaram feridos quando o comboio foi apanhado ontem perto da fronteira cambodjana.

O comboio, transportando gasolina e munições, foi atacado após o veículo que ia á frente chocar com uma mina na província de Bin Duong. Anunciou-se que 22 norte-vietnamianos foram mortos pelos helicópteros da escolta e reforços da aviação.

O comboio conseguiu continuar a viagem para o seu destino An Loc, nas proximidades, após a batalha na selva.

Morreram nove americanos e sete ficaram feridos quando caíram na terça-feira numa emboscada dos norte-vietnamianos a 560 quilómetros ao norte de Saigão.

Os norte-vietnamianos e «vietcongs» desencadearam vários ataques do tipo de emboscada durante o dia principalmente na província de Tay Ninh, perto de Binh Duong.

Tropas sul-vietnamianas empregaram mais tarde a mesma táctica contra o Vietcong na província de Bien Hoa, a 38 quilómetros a leste de Saigão, anunciou o comando sul-vietnamiano.

Anunciou-se, também, que foram desencadeados durante a noite pelo Vietcong 29 ataques com foguetões e morteiros em todo o país, mas nenhum causou baixas ou estragos sérios.

OS PRECONCEITOS RACIAIS NA GRÃ-BRETANHA

LONDRES, 10 — (R.) — Uma grande sondagem feita á opinião pública na Grã-Bretanha sobre relações raciais, e publicada hoje nesta capital, afirma que apenas 10 por cento dos brancos deste país têm fortes preconceitos raciais.

A FOME EM BIAFRA

Sessenta escudos por um rato

ULI IHIALA, 10 — (F. P.) — O aeródromo biafrense de Uli foi novamente bombardeado na noite de terça para quarta-feira por um «DC-3» nigeriano, que largou duas bombas sem atingir a pista de voo, único elo de ligação entre Biafra e o mundo exterior.

Com este segundo bombardeamento aéreo em 48 horas, as forças federais pretendem sanar a inquietação entre os pilotos que asseguram a ponte aérea para Biafra. Para isso, o «DC-3» mantém-se durante horas a fio sobre o aeroporto de Uli, a grande altitude, tentando afastar assim os aviões de socorros.

Entretanto, piora de dia a dia a situação alimentar em Biafra, onde as reservas da Cruz Vermelha Internacional estão praticamente esgotadas. As outras organizações humanitárias que operam no país pouca comida têm para distribuir pelos campos de refugiados.

O padre irlandês, Madden, que dirige um campo em Okwele, no norte, declarou-nos que, por semana, apenas recebia 15 toneladas de víveres para distribuir por 60 000 pessoas. Se esta situação se prolongar, dezenas de milhar de homens, mulheres e crianças estarão mortos dentro de semanas.

RATO POR CARNEIRO

Consequentemente, aumenta de modo vertiginoso o preço dos produtos proteicos: um frango custa 420 escudos e meio quilo de carneiro custa 360 escudos. Quem não pode gastar tanto dinheiro procura comprar, por 60 escudos, um rato com que combate o «kwasiokor», ou carência alimentar, dos seus filhos. O rato é nestes tempos um dos pratos mais normais da população de Biafra.

Consequentemente ainda, os depósitos da Cruz Vermelha em Umuova encontram-se sob guarda da Polícia e do Exército. É preciso passar por severos «contrôles» para ali entrar, mas mesmo assim todas as noites há ladrões que conseguem subtrair algumas latas de conservas ou de leite.

Quem vive nas povoações onde há centros da Cruz Vermelha ou da Caritas ainda pode alimentar esperanças de sobreviver, mas para os outros, que vivem afastados dos grandes eixos de circulação, o futuro reserva apenas a fome. Andrajosos, sentados á porta das casas, fervem em grandes marmitas as poucas raízes que ainda conseguem encontrar. Em volta, com enormes ventres esféricos, as crianças esperam a morte.

Entretanto, prosseguem os combates. Na frente norte do reduto biafrense, na região de Okigwi, as tropas de Biafra repeliram vitoriosamente vários ataques dos nigerianos, que procuravam alargar a testa-de-ponte aberta com a tomada de Umuahia.

AUXÍLIO DE ISRAEL

JERUSALÉM, 10 — (F. P.) — Israel auxilia o Biafra, do ponto de vista humanitário, através do envio de equipas médicas, medicamentos e produtos alimentares e o dever do Governo é continuar a fazer o máximo no auxílio material como noutros domínios — declarou Abba Eban, ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, dirigindo-se a Knesseth.

COLHERINHA DECORATIVA COM N. S.ª DA FÁTIMA

DISTRIBUIDOR

EM FÁTIMA

AMARO DE OLIVEIRA SANTOS

NOVA VITÓRIA BMW

XVI CIRCUITO INTERNACIONAL DE VILA REAL
PROVA DE TURISMO E TURISMO ESPECIAL

De novo com José Lampreia ao volante, BMW é vencedor absoluto da taça Automóvel Clube de Portugal!
A incomparável potência **BMW,** reforçada pela sua extraordinária segurança, confirma-se definitivamente.

Pelo prazer de conduzir — B M W

Agentes em todo o País

Distribuidor exclusivo: Sociedade Comercial e Industrial de Automóveis Francisco Batista Russo & Irmão S.A.R.L.

LINTAS 69-BMW-06

MARCELLO CAETANO NO BRASIL

(Continuação da 1.ª pag

a insistência com que portugueses e brasileiros exigem que se transforme esta célebre «Comunidade Luso-Brasileira», de «sonho lírico de conteúdo sentimental encantador» numa realidade dinâmica e eficaz. «Os nossos sentimentos de amizade são inesgotáveis mas as palavras para os traduzir estão já usadas», afirmou no seu discurso o Presidente Costa e Silva, repetindo, aliás, uma frase do prof. Marcello Caetano. E o Presidente brasileiro acrescentou, citando o célebre orador jesuíta padre António Vieira: «A alma rende-se melhor às obras que às palavras». Fez em seguida um apelo para que Portugal e o Brasil façam da ideia desta «comunidade de amizade» um todo dinâmico capaz de a transformar numa poderosa «comunidade de acção».

O primeiro-ministro português declarou também que a «comunidade luso-brasileira é de facto uma realidade política e jurídica, mas é preciso que seja reconhecida como tal».

Um bom número de comentadores políticos fazem salientar as dificuldades da actual missão que o «destino» confiou ao sucessor do prof. Oliveira Salazar nesta «Nova Diplomacia», que Marcello Caetano parece disposto a pôr em prática.

Refere-se nomeadamente uma das frases em que o Presidente do Conselho português aludiu a «encontrar os meios de, sem vender a alma e sem comprometer em nada os tesouros de bondade e os valores humanos do seu povo, atingir o mais ràpidamente possível os níveis dos países do continente europeu». Parece esta frase marcar o início de uma nova era da política externa de Portugal.

Chegada ao Rio às 15 horas de Lisboa

RIO DE JANEIRO, 10 — (A. N. I.) — Às onze horas locais de hoje (15 horas em Lisboa), chegou ao aeroporto «Santos Dumont», na Gunanabara o Prof. Marcello Caetano. Passou sobre as capas negras dos estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, enquanto um coro de cem alunos da mesma Universidade entoou a «Canção de Boas-Vindas», do pianista e compositor brasileiro Heitor Villa Lobos, falecido em 1960.

Pouco depois, acompanhado pelo Governador do Estado, embaixador Francisco Negrão de Lima, o Presidente do Conselho português atravessou em carro aberto toda a Avenida Rio Branco, sob uma chuva de «papelinhos» com as cores de Portugal e do Brasil, numa recepção idêntica á que, há nove anos, foi concedida pelo povo de Lisboa a Juscelino Kubitschtk de Oliveira, na Rua Augusta.

O cortejo seguiu, depois, pela Avenida Beira-Mar, extensa via ajardinada que contorna o litoral, e na Praça da Glória, frente á praia de Russel, o Prof. Marcello Caetano depôs uma coroa de flores na base do monumento ao almirante Pedro Álvares Cabral.

O programa da visita

RIO DE JANEIRO, 10. — (R.) — Depois de almoçar, sem formalidades, na Embaixada de Portugal, com directores de jornais e de serviços noticiosos do Rio de Janeiro, o Chefe do Governo português será apresentado ao corpo diplomático e, á noite, será convidado de honra de um banquete oferecido no Museu de Arte Moderna pelo governador Francisco Negrão de Lima, antigo embaixador brasileiro em Portugal.

Um total de 1944 figuras da alta sociedade, intelectuais, diplomatas, funcionários governamentais e oficiais das forças armadas foi convidado para as funções sociais em honra dos visitantes portugueses durante a sua permanência de três dias no Rio.

Estas funções incluem uma recepção para a comunidade portuguesa nesta cidade a bordo do navio-escola «Sagres», um banquete na Embaixada portuguesa, a que assistirão 94 pessoas, seguido por uma recepção a 600 pessoas. Entre os convidados ao banquete estarão o presidente Artur da Costa e Silva, os membros do Gabinete e os governadores dos três outros Estados que o dr. Marcello Caetano visitou durante a sua viagem a este país.

Na sexta-feira, após depor uma coroa de flores no tumulo do soldado desconhecido, o prof. Marcello Caetano receberá o grau de doutor honorário na Universidade Federal do Rio de Janeiro e almoçará a seguir no Iate Clube, com elementos daquele estabelecimento de ensino.

Após o almoço, o estadista português dará uma sessão de autógrafos no Museu de Arte Moderna ao aparecer, em edição brasileira, o seu livro «O Conselho Ultramarino».

No sábado, o prof. Marcello Caetano concederá uma conferência de Imprensa na Associação da Imprensa Brasileira, colocará a primeira pedra para o monumento a Estácio de Sá e almoçará, depois, no Clube Ginástico Português como convidado da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras.

A Ordem dos Advogados brasileira tornará o Presidente do Conselho português membro «honoris causa» e entregar-lhe-á, também, o diploma da sua filiação como sócio-correspondente, que data de 1941.

«TELEX» DE SÃO PAULO

Vai ser criado um organismo especializado em questões luso-brasileiras?

SÃO PAULO, 10 (Do nosso enviado especial Silva Pinto) — **Um sistema de segurança extremamente rígido impediu hoje pràticamente o Chefe do Governo de contactar mais directamente, como ele desejaria, com os portugueses reunidos em grande número para o saudar neste dia cinzento e frio na capital do Estado de São Paulo. Na verdade, o prof. Marcello Caetano viu-se constantemente envolvido por elementos da segurança brasileira, ainda lembrados da manifestação hostil de que o governador Rockefeller, de Nova York, foi alvo há poucas semanas.**

Simplesmente as medidas pareceram rígidas em demasia, afectando os jornalistas da caravana e até alguns dos elementos da comitiva oficial: em Brasília foram obrigados a assistir à partida do avião presidencial instalados no autocarro; e à chegada a São Paulo, quando os repórteres chegaram, já o Presidente do Conselho se afastava em direcção à Casa de Portugal.

De qualquer modo, o prof. Marcello Caetano correspondeu com acenos e sorrisos às saudações que lhe foram tributadas por muitos dos 650 mil portugueses que vivem em São Paulo, os quais para isso aqui se reuniram com patrícios radicados em Santos.

Entretanto, vão sazonando os frutos do intenso labor diplomático desenvolvido nos bastidores, e como se torna premente agir de acordo com as palavras, crê-se que o comunicado conjunto a publicar no final da viagem venha dar conta da criação de um organismo especial desburocratizado, capaz de bem tratar especificamente das questões luso-brasileiras.

Se estas previsões se confirmarem e o organismo trabalhar efectivamente por uma verdadeira comunidade no triângulo Portugal-Brasil-Territórios portugueses em África, então o prof. Marcello Caetano poderá recordar esta viagem com saudade, mesmo apesar do cinto de segurança que o la «esmagando» nesta cidade.

SILVA PINTO

O CHAMPANHE FRANCÊS E OS ESPUMANTES PORTUGUESES

Recebemos do sr. Adelino Campos Ferreira, das Caves Solar S. Domingos (Mealhada), o seguinte telegrama:

«Sr Director: Ouso supor interpretar sentimento de mágoa de todos os portugueses, especialmene dos produtores de bons espumantes naturais, ao lerem no conceituado jornal o. V. tão brilhantemente dirige e orienta a notícia de que a nossa Embaixada no Rio considerou indispensável servir champanhe francês no banquete oficial.

Tal atitude não se coaduna com o espírito e intenções do sr. Presidente do Conselho, ao efectuar tão útil como feliz e triunfal viagem.»

Os exames do ensino técnico

(Continuação da 11.ª página)

23. Qual é o tipo de alavancas em que a potência é sempre maior do que a resistência? Justifique a resposta.

24. Um corpo pesa 200 kg e o coeficiente de atrito de escorregamento estático é 0,1. Qual é valor da força de atrito que se opõe ao arranque, no movimento de escorregamento?

25. Calcule a altura de que deve cair um corpo para que tenha no fim da queda a velocidade de 49 m/s. Que tempo durou a queda?

($g = 9{,}8\ m/s_2$)

(Só para os cursos não indicados no grupo anterior de perguntas).

22. Cite uma aplicação da transformação da *energia eléctrica* em *energia luminosa*.

23. Os elementos de pilhas hidroeléctricos são, normalmente polarizáveis. Em que consiste, e como se evita, a polarização na pjilha Leclanché?

24. Sabendo da vantagem do *transporte* da energia eléctrica sob a forma de corrente alternada de alta tensão porque é que se faz a sua *distribuição* sob tensão mesão menos elevada, embora ainda mais alta do que a de *utilização*?

25. Calcule a energia eléctrica consumida durante 10 horas por um receptor com a resistência de 1100Ω quando aplicado num sector de 220 V.

LEIA o famoso BEST-SELLER
MISTÉRIO EM BONA
de JOHN LE CARRÉ
Autor do Espião que saiu do Frio
Edição da EDITORIAL MINERVA — LISBOA

A quem pertence a máquina de filmar?

Uma brigada da P. V. T., em serviço no distrito de Coimbra, na periferia da Lousã, encontrou uma máquina de filmar no valor de dezenas de contos. A referida máquina está agora depositada no comando daquela corporação, Calçada de Santana, 214, onde será entregue ao seu dono.

FLAGRANTES DA VIAGEM

BRASÍLIA

★ *Na altura em que o Presidente do Conselho de Portugal apresentava cumprimentos ao presidente do Senado, Gilberto Marinho, este recordou a visita do marechal Craveiro Lopes com palavras de vivo apreço pela figura do falecido Presidente da República. Então, Marcello Caetano mandou chamar um dos elementos da sua comitiva, o tenente-coronel Craveiro Lopes, para que o filho ouvisse as palavras de Gilberto Marinho acerca de seu pai.*

★ Quando o prof. Marcello Caetano ia retirar-se do terreno onde vai ser erguida a Embaixada de Portugal em Brasília, uma menina de seis anos, Gracinda, pediu-lhe que a beijasse, ao que logo sorridente o Chefe do Governo português acedeu. Então, apresentou-se a mãe da menina. Chama-se Deolinda Marques Vidinha, contou que fora em Portugal campeã nacionalde ciclismo em 1947 e declarou que a sua família é um verdadeiro exemplo de luso-brasilidade: dos seus seis filhos, quatro são brasileiros edois portugueses.

★ *O presidente Costa e Silva, no Palácio dos Arcos, depois do banquete que oferecera, ao despedir-se de Marcello Caetano, disse-lhe: «Foi para mim um enorme prazer tê-lo tido hoje comigo, aqui. Mas isto ainda não é a despedida: vec-nos-emos outra vez no Rio de Janeiro.*

★ No Palácio da Alvorada, terminada a conferência entre o presidente da República do Brasil e o Chefe do Governo português, os fotógrafos foram autorizados a entrar. Então, um fotógrafo portuense da equipa de reportagem vinda de Lisboa tropeçou numa cadeira e acabou por cair, com todo o seu peso, na alcatifa. Sorriram os dois estadistas e o presidente Costa e Silva comentou: «Caiu no macio, hein?».

S. PAULO

★ *Ao atravessar o aeroporto de S. Paulo, pela passadeira vermelha que fora estendida, o prof. Marcello Caetano não resistiu: deixou por momentos as individualidades que o acompanhavam eaproximou-se de um grupo decrianças, que aos gritos o saudavam, numa grande manifestação de simpatia e carinho, agitando banderas portuguesas e brasileiras. Foi aprimeira quebra do protocolo.*

No exterior do aeroporto e por todas as ruas da cidade que o cortejo de automóveis atravessou, a caminho da Casa de Portugal, cartazes dcdois modelos, com a fotografia do Presidente do Conselho português, cobram positivamente as paredes da cidade. Um desses cartazes tem uma bem expressiva legenda: «Marcello Caetano, novo elodu comunidade».

SEMANA DE EMBALAGEM DO DISTRITO DE AVEIRO

AVEIRO, 10. — Organizada pelo Instituto Português de Embalagem e com o patrocínio do Governo Civil e da Câmara Municipal, foi esta tarde inaugurada nesta cidade a Semana da Embalagem no Distrito de Aveiro, que estará a funcionar até ao próximo dia 16, no salão dos Serviços Culturais do novo edifício municipal que, desta maneira, abre as suas portas pela primeira vez ao publico.

Esta manhã, antes da inauguração oficial, que se viria a efectuar com a assistência do governador civil e outras individualidades do distrito, os representantes dos órgãos da Informação ali estiveram, a convite dos organizadores, sendo-lhes dado a conhecer todos os pormenores da iniciativa.

De entre as iniciativas incluídas neste empreendimento, salientou-se uma conferência de J. de Moura Belo sobre «Produção e Embalagem», seguida da exibição de filmes alusivos, a efectuar amanhã, pelas 21 horas; nova divulgação de diapositivos e filmes concernentes ao objectivo da exposição; e sessão de encerramento e entrega dos certificados de frequência do curso, que entretanto funcionará nos dias 14, 15 e 16, em conexão com o próprio certame

Um prémio literário para Guedes de Amorim

Foi distinguido, pela «Casa dos Quichotes», do Rio de Janeiro e por decisão de um juri constituido pelos escritores Oliveira e Silva, Povina Cavalcanti e Olavo Dantas, com um prémio especial (quatrocentos mil cruzeiros) o livro do conhecido e já galardoado romacista português Guedes de Amorim, «A Espada dos Arcanjos», considerado, por aquele juri como valiosa antologia de contos publicada em Portugal e no Brasil.

FESTA MILITAR

VISEU, 10. — Juraram bandeira os recrutas do Regimento de Infantaria 14, do qual é comandante o sr. coronel Manuel Castanha. Assistiram autoridades e entidades representativas, militares, civis e religiosas Depois da continência ao monumento aos mortos da Grande Guerra e a seguir á missa campal foram feitas preleções aos soldados na cerimónia do juramento de bandeira. Houve ainda, distribuição de prémios e medalhas e, de tarde, provas desportivas.

canal da crítica

RISO & RITMO: TODAS AS ESPERANÇAS DE PÉ

1 — Este sabor de pequena competição .. Este vício publico do clubismo .. Este permanente avaliar por comparação entre A e B .. Esta sensação de concorrência, estas duas mercearias frente a frente... Este jogo por fora, a procurar saber quem está melhor se esta ou aquela rubrica...

Sem dúvida: agora, «Zip-Zip» exerce o papel de fermento, bem capaz, pelo seu bom exemplo antirrotina, de influenciar positivamente muitas outras rubricas da televisão portuguesa É bom que assim seja. É bom que se estabeleça salutar emulação.

2 — Verdade, verdade, «Riso & Ritmo» não apresentou ontem modificação radical nos seus processos de trabalho, se exceptuarmos o abandono dos jarrões do canconetismo-velhos, pesados jarrões da China... Aconteceu, mesmo, que certos temas já expressos em «Riso & Ritmo» foram retomados e ampliados — o que deixa ficar a dúvida da falta de imaginação ou do desejo de aprofundar situações ou dar-lhes novo conteúdo. Que, no entanto a crítica a certos aspectos da sociedade portuguesa se faz com inteligência e sentido de humor; que existe nítida vontade de variar os números da rubrica; que há uma procura de humor (ainda não conseguida, está certo) dentro da linguagem televisiva — eis alguns pormenores que neste instante não podem ficar esquecidos

3 — Rute interpretou em «play-back» duas canções Não eram canções pueris e Rute cantou com seriedade. Merece novas oportunidades, esta rapariga para quem o acto de cantar *parece* ser mais alguma coisa do que beber um copo de água sem ter sede.

Alex, extremamente louro, parece bem rodado no género de canções que escolheu. Da sua individualidade como cançonetista, pouco ou nada vimos. Mesmo que queiramos abdicar de uma certa severidade nesta primeira apresentação do cançonetista, a verdade é que as figuras tutelares de Calvário e Roberto Carlos estiveram sempre presentes. Recolhendo, um cançonetista de preocupações .. sem preocupações, sem opções. E sem motivo de recordações por parte dos telespectadores — pelo menos por razões cançonetísticas...

Florbela Queirós interpretou em mau «play-back» uma canção vulgarizada e contou umas anedotas de que a estas horas ninguém se lembrará No entanto, e contràriamente ao que pensem alguns telespectadores fatigados de confiar nas qualidades de Florbela, não há dúvida que a artista mantém intactas as suas possibilidades de comunicação fácil com o público — comunicação infelizmente até hoje explorada «contra» ela própria. Esperemos que um dia Florbela acorde...

José de Castro viu prejudicada para a passagem à televisão o seu monólogo do vagabundo. A expressão final — «raios a partam» — tem menos força do que a palavra única pronunciada no palco do Parque Mayer e capaz, só por si, de destruir o romantismo que ensopava o quadro. Por outro lado, o recurso da televisão valorizou a força expressiva do poema que recitou de David Mourão-Ferreira.

4 — Como devem reparar, o crítico falta de nomes, de números, de rábulas, de quadros, e certamente esqueceu outros: a imitação de João Colto, as imagens críticas que acompanharam a interpretação da marcha de Lisboa, etc., etc. Podia ainda referir-se à actividade positiva de Nicholson e Cortez dentro da rubrica — mas dificilmente poderia referir-se a «Riso & Ritmo» como unidade, como um todo. Houve permanentemente a sensação de uma faena mal ligada embora, de quando em quando, surgissem alguns lances de bom efeito. Passar da variedade à unidade; subir de um caos à ordem — eis a grande tarefa que vai recair sobre os responsáveis de «Riso & Ritmo». Cuidar da qualidade e (atenção!) da novidade dos cançonetistas é outra importante tarefa, não resolvida a qual não ficará resolvida nenhuma rubrica de variedades que se preze

E «Riso & Ritmo» não quer ser senão uma rubrica de variedades, pois não? Procure, então, aí uma razão forte de viver dentro da televisão portuguesa

M.C

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 6 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: Apresentação do folhetim «Tristezas á Beira-Mar», de Pinheiro Chagas em adaptação de Olívia Guerra; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30. Orquestra John Barry; 21 e 40: Variedades no Estúdio; 22 e 30: Fados e guitarradas; 22 e 50: A orquestra Bert Kaempfert; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «Os Mestres Cantores de Nuremberga (Wagner); 18: Musica do século XX — Obras de Albert Roussel; 19: Crítica literária, pelo dr Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica regional da Beira-Baixa e da Beira-Alta, recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de piano — Obras de Schubert e Strawinsky — solistas; 20. Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; — Abertura «La Bella Greca» (Cimarosa); 20 e 30: Lamentações do profeta Jeremias (Stravinsky) 2: Parte de um concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional sob a direcção do maestro António Janigro (Uma obra de Haydn); 2 e 30: Panoramas da História pelo dr João Ameal; 21 e 50: Sonata (Bela Bartok) — violino: Ruggiero Ricci 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho..

2.º programa (cultural MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica para piano a quatro mãos — Obras de Mozart e Schubert; 23 e 30: Musica francesa — um programa cedido pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 23 e 58: Sonata op. 56, para violinos (Prokofieff); 0 e 15: Sintonia n. 5 em dó menor, op. 67 (Beethoven); 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Rádio Universidade.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18 Ela e o seu mundo; 18 e 15 Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde, 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje: 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda: 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa: 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa: 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gá-Gá; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2 FM-67 e fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30 Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelania, 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Rádio Placard; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude

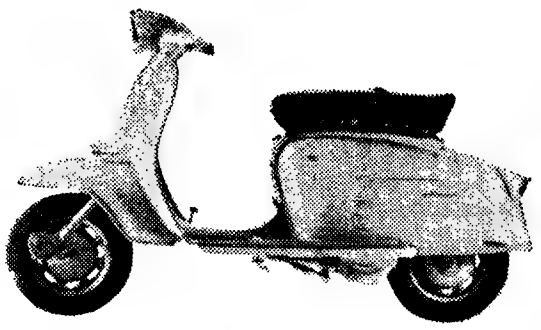
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Melodias famosas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Orquestras portuguesas; 21 e 45: Uma voz, um conjunto; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: fecho

SÃO SENSACIONAIS!

AS SCOOTERS

Lambretta

DE 50, 150 E 200 c. c.



EXPERIMENTE-AS HOJE MESMO

NO DISTRIBUIDOR

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS

S. A. R. L.

RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 261 — LISBOA

E NOS AGENTES EM TODO O PAÍS

IMPECÁVEL SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E PEÇAS

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 2: «Rio, Retrato de uma Cidade; 19 e 45: Telejornal; 20 e 5: Agência Geral do Ultramar; 20 e 30: Parada da Industria; 21: Telejornal; 21 e 35: Telejornal; 22 e 5: Reportagem do Exterior; 0 e 20: A Marcha do Mundo; 0 e 35: Meditação e fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 35: Telejornal — visita do Chefe do Governo ao Brasil; 22: Série Dramática «O Mundo Paralelo»; 22 e 50: Em foco; 23 e 15: Imagens da Poesia Europeia: 23 e 30: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 2: Nos Bastidores da Aventura; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: A Criança Perante a Vida; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 55: Documentário; 21: Telejornal; 21 e 35: Telejornal — Edição especial. Reportagem da visita do Presidente do Conselho ao Brasil; 22 e 5: Noite de Cinema: «Perdido em Paris», com Bing Crosby, Claude Dauphin e Christian Fourcade; 0 e 10: A Marcha do Mundo; 0 e 25: Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 35: Telejornal — Visita do Presidente do Conselho ao Brasil; 21 e 55: «Zip-Zip N.º 2»; 23 e 15: Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«RIO, RETRATO DE UMA CIDADE»

PELAS 19 horas, a RTP transmite um curioso documentário, de imagens sugestivas do Rio de Janeiro.

«Rio, Retrato de uma cidade», assim se chama o referido documentário.

PROGRAMA DA AGÊNCIA GERAL DO ULTRAMAR

A ANTECEDER a «Parada da Indústria», mais precisamente pelas 20 e 05, será apresentado o programa da Agência Geral do Ultramar, coordenado por Manuel Osório. Este programa será dedicado ao café.

TELEJORNAL, EDIÇÃO ESPECIAL

PELAS 21 e 35, simultâneamente nos dois programas, haverá uma edição especial do telejornal que será totalmente preenchida pela reportagem da visita do Presidente do Conselho ao Brasil.

REPORTAGEM DO EXTERIOR

PELAS 22 E 05, uma equipa de reportagem dirigida pelo realizador Hélder Mendes, estará no exterior para uma transmissão directa que ocupará toda a parte final da emissão.

2.º PROGRAMA

ALÉM do segundo serviço de notícias e da edição especial do Telejornal já referida, apresentar-se-á, cerca das 22 horas, um episódio filmado da série de espionagem «O Mundo Paralelo», seguindo-se «Em Foco», e às 23 e 15, em repetição, o primeiro programa da nova série literária «Imagens da Poesia Europeia» cujo responsável e apresentador é o dr. David Mourão Ferreira.

Poli-grip faz parte da minha «maquillage».. Escolher a cor certa do um baton ou usar um bom perfume não basta para me dar um perfeito à vontade. Só Poli-grip me dá esse àvontade. Pondo um pouco de Poli-grip na minha dentadura postiça, logo pela manhã, ela conserva-se impecàvelmente no seu lugar durante todo o dia. Posso comer o que me apetecer, rir, beber... numa palavra: «viver». Sinto-me como nunca. Sou eu própria, segura de mim. Garanto-lhes. Se, como eu, usa dentadura postiça, sentirá que a sua «maquillage» só ficará completa usando Poli-grip.

Peça Poli-grip na sua farmácia habitual.

NOVA MODALIDADE EM APARTAMENTOS MOBILADOS

só em J. PIMENTA, S. A. R. L.

190 Contos rendem-lhe 1.187$50 mensais, garantidos por escritura pública, durante 6 e até 18 anos.

Administrando directamente pode obter um RENDIMENTO MENSAL DE 1.437$50 (SUPERIOR A 9%)

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

130 000$00 — 210 000$00
140 000$00 — 230 000$00
155 000$00 — 240 000$00
160 000$00 — 250 000$00
170 000$00 — 270 000$00
180 000$00 — 280 000$00
190 000$00 — 300 000$00
200 000$00 — 340 000$00

PREÇO DOS ANDARES

3	ASSOALH.	220 000$00
4	»	280 000$00
5	»	380 000$00
6	»	440 000$00
7	»	600 000$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA — AMADORA; CENTRO DA AMADORA; VENDA NOVA — AMADORA (JUNTO À GARAGEM EDUARDO JORGE); PAÇO DE ARCOS (ESPARGAL) — PAREDE (RUA DO LOBITO À QUINTA DA JUNQUEIRA) E CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM

MAGNIFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO EM PAÇO D'ARCOS

EM CASCAIS:

Apartamentos Mobilados de 300 a 500 contos

Andares de 3 a 6 assoalhadas de 400 a 800 contos

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

ESCRITÓRIOS: **LISBOA** — Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telefs. 45843 e 47843; **QUELUZ** — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021-952022 **AMADORA** — Reboleira — Telefone 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO, ESTUDANDO, DECORANDO E VENDENDO AS SUAS PROPRIEDADES

QUELUZ

NO PRÓXIMO SÁBADO, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

LEILÃO

EXTRAJUDICIAL

DA CASA NOBRE DO SÉC. XVIII

SITUADA NO LARGO DO PALÁCIO, N. 6 (FRENTE AO PALÁCIO REAL DE QUELUZ), QUE FOI RESIDÊNCIA DOS MARQUESES DE POMBAL E, MAIS TARDE, DOS CONDES DE ALMEIDA ARAÚJO.

APÓS RESOLUÇÃO FAVORÁVEL DE UM PLEITO JUDICIAL QUE IMPEDIU ATÉ À DATA, QUE FOSSE POSTO EM PRAÇA ESTE MAGNÍFICO IMÓVEL, COUBE NOVAMENTE À NOSSA FIRMA O HONROSO ENCARGO DE PROCEDER À SUA VENDA, POR MOTIVO DE PARTILHAS.

A propriedade compreende o palácio, anexos, jardim e uma grande área de terrenos confinantes com o jardim, os quais são susceptíveis de urbanização, estando o novo projecto sujeito á aprovação oficial, prevendo-se a construção de 11 lotes de 3.º andar. No caso de não haver interessados para o conjunto, far-se-ão 2 lotes, a saber: 1.º — A Casa Nobre (palácio), com o jardim e casa anexa; 2.º — Terrenos confinantes com o jardim.

Será posta em praça, ás 17.30 horas, e poderá ser visitada hoje e amanhã, das 15 ás 18.30 horas, e no dia do leilão, das 9.30 ás 12.30 horas.

Espólio de raras antiguidades

Também será posto em praça um valioso espólio pertencente a um dos herdeiros, e que consta de boas peças de mobiliário, valiosas pratas, pinturas, relógios, curiosidades e outros objectos que estarão patentes.

A CARGO DA ANTIGA AGÊNCIA

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Rua Luz Soriano, 53 (Antigo Palácio Ficalho)

Tels. 32 13 12 e 36 98 80 — LISBOA

FILIAL NO PORTO: Rua Formosa, 112, 1.º — Tel. 3 39 09

OS BOMBEIROS DE GOUVEIA COMEMORARAM O 65.º ANIVERSÁRIO

GOUVEIA, 10. Os Bombeiros Voluntários desta vila comemoraram o seu 65.º aniversário, com diversas cerimónias que principiaram ás 9 horas, com o hastear da bandeira nacional e formatura de todos os elementos no activo, a que se seguiu uma romagem ás campas de bombeiros e sócios beneméritos.

Ás 15 horas, procedeu-se na Praça de S. Pedro á bênção de duas novas viaturas: um «pronto-socorro» e uma ambulância, esta oferecida pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.. Esq.º — Telef. 32 06 60

Dr Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. M. Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª, 5.ª e sáb.ª — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

Notariado Português

1.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo do notário Luís Martins de Campos Ferreira

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de oito do corrente, exarada desde folhas oitenta e seis, verso, a noventa, do livro numero C-cento e trinta e um, de escrituras diversas deste Cartório, a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma «Teixeira Lopes & Neves, Limitada», com sede e estabelecimento em Lisboa, na Rua Nova do Almada, numeros um a nove, reforçou o seu capital com a quantia de dois milhões e cem mil escudos, ficando, assim, elevado a quatro milhões de escudos, sendo este aumento em dinheiro, que foi subscrito e pago e, por consequência, já entrado na Caixa Social, por Jerónimo Francisco da Silva Ramos Lopes, Francisca Maria Ramos Lopes, D. Maria Beatriz da Silva Ramos Lopes, D. Maria da Piedade da Silva Ramos Lopes, D. Maria Isabel da Silva Ramos Lopes, Francisco Eleutério Lopes, D. Ana Gertrudes Lopes, e José Lopes, com quatrocentos e vinte mil escudos, em comum e na proporção de sessenta contos cada um dos cinco primeiros e quarenta contos cada um dos três ultimos;

D. Maria Alice Amorim Neves Assis Ferreira, Dona Maria de Lourdes Amorim Neves Cardoso do Vale, e Maria da Graça Amorim Neves Castanheira, com trezentos e noventa e três mil setecentos e cinquenta escudos, em comum e partes iguais;

D. Guiomar Beatriz Neves, com quinhentos e vinte e cinco mil escudos; Alberto José Ribeiro Amorim Neves, com cento e oitenta e três mil setecentos e cinquenta escudos; D. Maria Alice Teixeira de Kessler, e seu marido Frederico Carlos de Kessler, ela com quinhentos e um mil escudos e ele com setenta e seis mil e quinhentos escudos.

Está conforme ao original, e declara-se que na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Lisboa, nove de Julho de mil novecentos e sessenta e nove.

O AJUDANTE,

Américo José Domingues

A homenagem devida por Mértola à memória de Mira Fernandes

(Continuação da pág. central)

penhou a sua independência mental a interesses inconfessáveis!

Acrescentou o orador dirigindo-se, ainda, ao presidente da Camara de Mértola:

— A concretização dessa homenagem, senhor presidente, quanto a mim, poderia ter expressão condigna na erecção de um busto frente á escola primária, para que as crianças pudessem ser estimuladas pela presença da imagem de alguém que, como elas, também foi criança, igual escola naquela terra frequentou, e que por si *e só por si* atingiu os maiores cumes da intelectualidade nacional.

«Receio, porém, que daqui a pouco tempo nem crianças já existam na Mina de São Domingos para frequentarem a escola primária. Nesta hipótese — triste hipótese —, a localização de tal busto seria caso para ulterior estudo, mas estou certo de que a sede do concelho, em ultima análise, não negaria um pedaço de terra para a sua instalação. Para suportar o custo do empreendimento, estou, igualmente, convencido de que os antigos discípulos do prof Mira Fernandes, e os seus amigos ainda vivos não negarão o seu contributo em subscrição aberta no distrito, por intermédio do «Diário do Alentejo».

«A minha contribuição e a de meu pai, seu condiscípulo nas primeiras letras, encontram-se, desde este momento. á disposição da comissão que, necessáriamente, terá de ser constituída para que a minha sugestão se transforme em grata realidade. E com o empenho que V. Ex.ª tem posto em defesa de todas as causas justas, não duvido que assim venha a acontecer!»

E, a terminar:

— Desculpem-me todos VV. Ex.as o tempo que vos roubei com a audição destas desprentensiosas palavras, mas sentiria remorsos na minha consciência se não tivesse utilizado este momento — quiçá unico — para tentar que no nosso concelho se preste justiça a um grande homem que aqui nasceu e a quem certos pigmeus pretendem votar ao ostracismo!

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	—
Consolidado 3%	545$	543$	545$
Consolidado 3 1/2%	—	645$	650$
Centenários 4%	—	1.500$	1.510$
Obrigs Tesouro 5%	1.011$	1.010$	1.012$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 1.ª Série c.	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	—	—
Externo 3.ª Série c.	—	—	905$
Cautelas 3.ª Série	—	—	195$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	965$
A P I 5% 58	—	—	965$
C P 4 1/2% 65	—	900$	—
C P 5 1/2% 67	—	1.000$	—
C U F 6%	—	1.008$	—
C U F 6% 68	—	1.020$	025$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	860$	—
Gás Elect 5% 52	—	905$	—
Gás Elect 5% 58	—	—	925$
Gás Elect 5% 59	—	—	925$
Gás Elect 5% 62	—	926$	940$
Gás Elect 5% 63	—	925$	—
Gás Elect 5% 65	—	911$	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	830$	825$	835$
H E Cávado 6%	1.005$	1.000$	1.005$
H E Douro 5%	830$	825$	835$
	998$	998$	999$
H E Norte Port. 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	995$	1.005$
H E Zêzere 5% 55	—	—	860$
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	1.000$	1.000$	1.003$
Metropolitano 4%	900$	895$	900$
Metropolitano 5 3/4%	1.040$	1.040$	1.045$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	850$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	915$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	830$	825$	—
Siderurgia 5% 3.ª	830$	—	830$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	845$
T A P 4%	—	930$	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	83$5	83$	—
U E P 5% 60	—	830$	—
U E P 5% 63	—	—	870$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.320$	1.320$	—
Alentejo	765$	—	—
Angola	2.400$	—	2.400$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	2.800$	2.750$	2.850$
E Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
L G Açores p.	5.800$	5.800$	5.900$
L G Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	6.800$
Portugal n.	2.950$	2.950$	—
Portugal p	3.550$	—	3.550$
Totta Aliança	6.850$	6.850$	—
Ultramarino n.	—	2.360$	2.400$
Ultramarino p.	—	2.660$	2.700$
Seguros			
Alentejo	—	73$	79$
Douro	—	930$	1.200$
Mundial	—	—	535$
Sagres	—	1.500$	1.800$
Tranquilidade	—	45.000$	—
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	760$	780$
Ag Cassequel	725$	725$	727$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	300$	380$
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	—	—	80$
Cabinda	196$	195$	197$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.590$	1.585$	1.593$
H E Revué	640$	630$	—
Ilha do Príncipe	—	950$	1.000$
Moçambique	122$	121$	123$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p	379$	378$	379$
Zambézia	78$	77$	78$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	—	7.350$	7.600$
Cim Leiria	—	3.700$	3.800$
Cim Tejo	—	6.000$	—
Co Navegação	1.110$	1.090$	1.120$
C U F	1.290$	1.280$	1.300$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	3.150$	3.130$	3.150$
Petroquímica	2.220$	—	2.230$
Port e Colónias	1.570$	1.550$	1.590$
Port Celulose	4.000$	4.000$	4.100$
Port Pesca	1.100$	1.090$	1.130$
Port Tabacos	662$	660$	662$
Sacor	—	—	5.050$
Siderurgia Nac	1.380$	1.380$	1.390$
Soce	2.840$	2.820$	2.840$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	13.500$	13.200$	4.000$
U F Azoto	780$	778$	780$
Água Electr. e Gás			
Águas Lisboa p	—	410$	412$
Águas Lisboa 34	415$	415$	416$
Águas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	1.590$	1.580$	1.590$
Gás Electr	411$	410$	411$
H E Alto Alentejo	157$5	157$5	158$
H E Cávado	—	1.270$	1.280$
H E Douro	1.260$	1.260$	1.262$
H E Norte Portugal	—	—	305$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.345$	1.340$	1.349$
Nac Electricidade	—	1.370$	—
Termoeléctr Port	—	1.370$	1.380$
U E P	196$	195$	197$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	174$5	179$7
F I D E S	—	117$3	120$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	6/7/69	8/7/69	9/7/69
GERAL	128,4	129,0	**129,1**
METROPOL.	126,2	126,5	**126,5**
ULTRAM.	144,5	147,2	**148,5**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$50	37$00
— Rands de 5 e 20	35$50	38$00
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 e 100	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$40,2	$41,7
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	5$30	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	345$00	360$00
Inglaterra — 1/2 Libra	225$00	275$00
Ouro fino — Barra	38$50	40$00

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 821273

DE COIMBRA

Um importante plano para remodelação e melhor aproveitamento da Praça da República

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. Araujo Vieira, apresentou uma larga exposição na qual salienta a possibilidade de um melhor aproveitamento da Praça da República, antes do seu arranjo não só sob o aspecto rodoviário, mas, também, cívico, pensando que valeria a pena aguardar que se fizesse um estudo de pavimentos a níveis inferiores, de forma a oferecer-se ao público uma iniciativa, podendo quem quiser apresentar a sua proposta para o seu aproveitamento, para a construção de um parque de estacionamento e uma praça de comércio.

Acrescentou que tal construção não ficará muito dispendiosa e será compensadora para quem a fizer, sugerindo que a mesma seja posta a concurso, para ser executada por particulares, não devendo a concessão ser por período superior a vinte anos tempo necessário para a amortização do capital empregado, e o máximo permitido por lei. Sugeriu, pois, o presidente, dado que a Câmara tem, actualmente, muitas obras em curso e outras programadas, ficar-se aguardando até o fim do mês de Agosto que apareçam as sugestões, para depois ser elaborado o respectivo caderno de encargos que deverá ser aprovado pelo Governo.

O sr. eng.º Araujo Vieira exemplificou as suas palavras com diversos esquemas, bem elucidativos e apontou as vantagens de tal arranjo. Intervieram os vereadores sr. eng.º Azevedo Sobral e drs. Francisco Cortês e Viriato Namora, manifestando-se todos concordes com a resolução.

A remodelação do aeródromo

O sr. dr. Viriato Namora referiu-se, com mágoa, ao facto de, na VII Volta Aérea Galaica - Duriense, Coimbra ter sido excluída como escala, por o seu campo de aviação ainda não se encontrar em condições. O presidente aludiu ao atraso que as obras de urbanização sofreram em consequência da invernia, o que, aliás, aconteceu com muitas outras obras, que, no entanto, se realizaram num tempo excessivamente curto. Acrescentou que foi necessário acorrer a obras rurais de grande importância prometendo, no entanto, que no próximo mês, ou talvez ainda no corrente serão mobilizados todos os recursos para uma rápida e completa remodelação no campo de aviação.

O vereador, sr. dr. Francisco Cortês, a propósito, falou de diversos melhoramentos feitos nas zonas rurais; e o sr. eng.º Azevedo Sobral sugeriu a montagem de uma carreira de autocarros na Avenida Dias da Silva, em certas horas; o restabelecimento do parque privativo da Imprensa no Estádio Municipal; lembrou a sua sugestão, de há tempo, para solucionar o caso do mercado e referiu-se á possibilidade da monta[gem] de elevadores na [...] Sofia para a Conchada e Arco de Almeida [...] Alta.

O presidente disse [...] caso do mercado [...] plano de urbanização [...] tudo e que seria viáv[el] montagem dos elevad[ores] desde que houvesse inte[res]sados no empreendimen[to].

A Câmara aprovou, a[inda] alguns autos de mediç[ão de] trabalhos, autorizando o [res]pectivo pagamento e di[ri]giu alguns bombeiros [...] bom comportamento.

Venda de terrenos da Misericórdia

A Misericórdia abriu concurso para a venda de terrenos no Cerco, do lado da Couraça dos Apóstolos, destinados a construções. São três lotes, em cada um dos quais pode ser construído um edifício de quatro fogos e três garagens, conforme projecto de urbanização já aprovado.

As propostas devem ser enviadas até o dia 23.

O I Festival de Teatro Popular

Prossegue o I Festival de Teatro Popular. Agora, o Teatro do Ateneu de Coimbra representou a peça «Helena — a vítima», de Von Wolfgang Hildesshheimer.

Tanto a peça como a interpretação agradaram ao publico, que não regateou aplausos tanto aos intérpretes como aos directores artísticos, srs. dr. Mário Braga Temido e D. Maria de Lourdes Temido.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Avenida — Às 21 e 30 — «O grande amor» (12 anos).

Esplanada dos Bombeiros Voluntários — Às 21 e 45 — «A rapariga da mala» (17 anos)

Farmácias de serviço

Rodrigues da Silva — Rua Ferreira Borges (tel. 22011).

Santa Cruz — Rua das Padeiras (tel. 23569).

Correia — Rua Visconde da Luz (tel. 22834).

S. José — Arcos do Jardim (tel. 21697)

Curso profissional de mecanização agrícola

Na Escola de Reg[entes] Agrícolas começou hoje um curso de prepa[ração] profissional de motome[cani]zação para agricultor[es] trabalhadores, promovid[o pe]la Direcção-Geral dos S[ervi]ços Agrícolas, por inte[rmé]dio da Brigada Técnic[a da] XVIII Região Agrícola [do] concelho de Coimbra.

O curso terá a duraçã[o de] um mês a mês e meio, [con]forme os progressos f[eitos] pelos inscritos, que, [no] momento, são dez, em[bora] possa esse numero subir da, até um máximo de v[...]

Além da habilitação [...]cola, cujo exame será [...] por técnicos da Direcçã[o Ge]ral, a instrução na cond[ução] de tractores, que é grat[uita] será acompanhada de t[raba]lho com alfaias agríc[olas]. Serão, ainda, ministrad[os li]geiros conhecimentos de [me]cânica, para que os in[teres]sados possam tirar o m[elhor] rendimento das máquin[as].

No final do curso ser[á for]necido um certificado d[e ins]trução, para o que os [inte]ressados devem dirigir [à] Direcção de Viação par[a fa]zerem o respectivo e[xame] de habilitação.

ANDEBOL EM MADRID

Lisboa, 11-Espanha B, 1[0]

MADRID, 10 — *(Por António Freitas, especial para o «Diário de Lisboa»)*—A selecção de andebol de Lisboa (envergando as cores nacionais) bateu a selecção B da Espanha, por 11-10, com 7-6 ao intervalo, em encontro do torneio internacional que se está a disputar em Madrid.

Aliharam e marcaram:

PORTUGAL — Pernes (Paulo) Lisboa, Vasconcelos (4), Moisés e Mendes (1), Malpique (3), Reinaldo (1), Cascais (2), Franco, Azevedo e Marques.

ESPANHA (B) — Hernandez (Moreno), Solans, Labaça (1), Villamrin (3), Arraez, Marinas (1), Peries, Echevarria, Sania, Fontelles (4) e Martinez (1)

Arbitraram, na primeira parte, os brasileiros Carmo e Barros e, na segunda, os israelitas Nutman e Singer.

Outros resultados da [jor]nada:

Roménia-Espanha (A) [...]-18 (11-11 ao intervalo)

Noruega - França, [...] (7-9).

Selecção de Barcelon[a-Se]lecção de Alicante, [...] (6-6).

A equipa portugues[a re]gressa a Lisboa, de a[vião], na noite do próxim[o do]mingo.

VIDA SOCI[AL]

EMBAIXADOR DE FRA[NÇA]

O conde de Rose, em[bai]xador da França em P[ortu]gal nos últimos anos [...] deixar o seu cargo. Por [este] motivo oferecem o emb[aixa]dor e sr.ª condessa de [...] uma recepção de desp[edida] aos seus numerosos a[migos] de Lisboa, no dia 17 d[e Ju]lho, ao fim da tarde.

HIDRO ELÉCTRICA DO CÁVADO

S. A. R. L.

EMISSÃO DE 100000 ACÇÕES DO VALOR NOMINAL DE ESC. 1000$00

PAGAMENTO DA TERCEIRA E ÚLTIMA PRESTAÇÃO

De harmonia com o condicionamento da emissão, são avisados os senhores accionistas de que o pagamento da terceira e última prestação das acções subscritas será efectuado de 21 a 26 do próximo mês de Julho.

Esse pagamento, cujo valor é de 500$00 por cada acção, terá lugar na sede da Sociedade e sua Delegação de Lisboa, nos casos em que foram utilizados os seus serviços, ou nos estabelecimentos de crédito preferidos para efectuar as respectivas subscrições, mediante a apresentação dos documentos provisórios em poder dos senhores accionistas, documentos que deverão ser assinados no verso no lugar próprio, e em troca dos quais serão entregues os títulos definitivos representativos das acções desta emissão.

Porto, 25 de Junho de 1969

A ADMINISTRAÇÃO

Entregue à P. J. o presumível assaltante dos cafés de Aveiro

AVEIRO, 10. — Foi entregue á Polícia Judiciária do Porto, o presumível assaltante de vários cafés desta cidade, Felisberto da Silva Marques Resende, que se julga também ter sido o autor de outros roubos nas redondezas.

Aquela polícia tentará agora apurar mais actividades de Felisbelo Resende, nomeadamente a sua possível implicação em dois assaltos — á casa comercial Arla e ao seminário diocesano — que estão por esclarecer.

APERITIVO 115
(LICOR)
Pedir pelo telefone 67 99 65
Rua Poço dos Negros, 147
LISBOA

Em toda a parte onde se exige conforto, os condicionadores

Carrier

são indispensáveis

entrega imediata

Indústrias Térmicas
NUNES CORREIA, S.A.R.L.
LISBOA - R. do Alecrim, 29 Tel. PPCA - 30901
PORTO - R. da Firmeza, 482 Tel. 28034-29448

McCULLOCH

MOTO-SERRAS

- Postos de Soldadura «ARC WELDER 170»
- Roçadores de Mato
- Brocadores fazendo 5 covas por minuto
- Lâminas, correntes e pinhões de ataque
- Agentes e assistência em todo o País
- Modelos para todos os cortes e agora com a MOTO-SERRA unica no mundo, pesando 2950 kg !!! POWER MAC 6 !!!
- Tenha cuidado com as imitações de organização e com campanhas... Mais tarde pode arrepender-se !!!
- McCULLOCH sempre na Vanguarda

H. CABRAL & SARZEDAS, LDA.

LISBOA — PORTO — LUANDA — S. TOMÉ
SEDE: AV. DO BRASIL, 41-B — LISBOA
TELEFONES: 772689 - 776635

— RECTIFICAMOS LÂMINAS DE TODAS AS MARCAS —

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o Ano de 1969

LIGADURAS ELÁSTICAS

Conc. Público N.º 64/69

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados, em que o horário será das 9 às 12 e 30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa, 8 de Julho de 1969.

O ADMINISTRADOR

Dr. Pedro de Carvalho Dias Costa

AUTOMOTORA ESPECIAL

A C. P. organiza semanalmente, até aviso em contrário, uma automotora especial de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta,, em ligação com as carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), com o seguinte

HORARIO

IDA Sábados		VOLTA Domingos
12.00 P.	Vila Real de Santo António-Guadiana	C. 5.41
12.11 P.	Vila Real de Santo António	C. 5.37
12.34 P.	Tavira	C. 5.15
12.51 P.	Olhão	C. 4.59
13.00 P.	Faro	C. 4.48
13.36 P.	Tunes	C. 4.17
16.55 C.	Setúbal	P. 0.59
17.25 C.	Barreiro	P. 0.35
18.10 C.	Lisboa (Terreiro do Paço)	P. 23-50

PREÇOS

— De Vila Real de Santo António — Guadiana até Olhão a Lisboa, e volta ..... 120$00

— De Faro e Tunes a Lisboa, e volta ..... 110$00

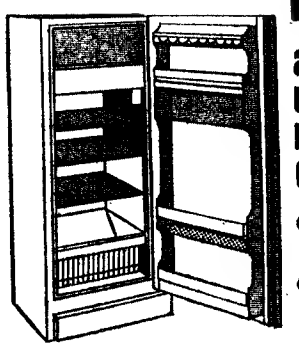
Bilhetes à venda nas estações de Vila Real de Santo António-Guadiana, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro e Tunes.

CARROS USADOS

NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Cortina	1964
Cadilac impecável	1962
Ford Thames	1960
Henkel	1965
Taunus (1500)	1964
Citroen DS 21	1963
Ford Anglia	1962
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1966
Austin 1100	1965
Taunus 15 MTS	1968
MG 1100	1966
Austin Cooper S motor transformado c/ muitos extras.	
Fiat 2100	

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.
Rua de Campolide, 27-B

OS PRIMEIROS NO MUNDO



a adoptar uma nova técnica na refrigeração que permite:

- maior capacidade em menor espaço
- mais frio e menor consumo a preços mais baixos

FRIGORÍFICOS IGNIS

SÉRIE SPAZIALE ** 25

REPRESENTANTES: Soc. de Rep. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 46 LISBOA

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

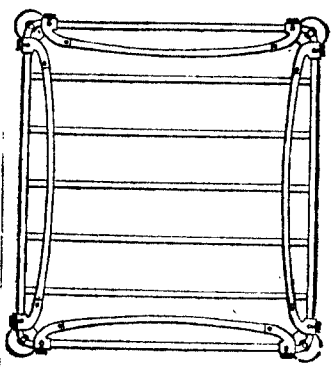
O «Diário de Lisboa» de 10 de Julho de 1939 publicava:

«**LONDRES, 10 — Chamberlain declarou hoje na Camara dos Comuns:**

«**Qualquer tentativa contra Dantzig, mesmo indirecta ou disfarçada, provocaria questões que afectam a independência e a existência da Polónia.**

«**Estamos firmemente resolvidos a respeitar o compromisso que tomámos, auxiliando a Polónia no caso de a sua independência ser ameaçada, desde que ela considere de interesse vital resistir a semelhante ameaça.**»

PORTA-BAGAGEM



EM DURALUMINIO — FABRICO ESPANHOL
AÇO CROMADO — FABRICO NACIONAL
ESCADAS E ESCADOTES DURALUMINIO — FABRICO HOLANDÊS
SOC. LISBISSAU, LDA.
R. Tomás da Anunciação, 71-A
Telef. 65 14 09 — LISBOA

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Palavras cruzadas

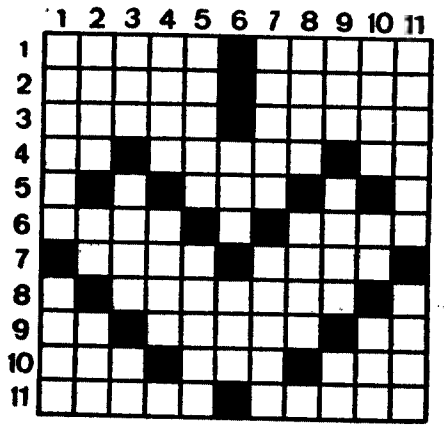
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5232

HORIZONTAIS: 1 — Arma branca um pouco maior do que o punhal. Talha 2 — Estolar. Praia. 3 — Desmoronara-se. Mulher elegante e bonita (Gir.). 4 — Pertences Vagueiem. Preposição latina que designa movimento 5 — Medida de líquidos usada na Alemanha 6 — Mãe de Ismael. Transpiras. 7 — Gavinhas. Causar dor. 8 — Atrair com afagos (F.g.) 9 — Artigo indefinido. Prostrei. Isolado 10 — Aqui está. Guarneça de asas. Colorido. 11 — Sumo de uva antes de se completar a fermentação Expira.

VERTICAIS: 1 — Agarra Aquele que. 2 — Divindade. Germânio (s. q.). Voz do gato. 3 — Naquele lugar. Parte do boné. Abreviatura de Santíssimo. 4 — Cais. Cabo da costa de Portugal 5 — Ave trepadora. Árvore do Brasil e de S. Tomé 6 — Freguesia do concelho de Penafiel. Chefe etíope. 7 — Rio da Índia Portuguesa. Suspende. 8 — Rezam Ecoa 9 — Rente. Deseja. Crómio (s. q.). 10 — Copo Viração. Ribeira do distrito de Portalegre. 11 — Leves. Enrubesça.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5231

HORIZONTAIS: 1 — Ácido. Costa. 2 — CADA. Cear. 3 — Rio. Lei. Uta. 4 — Er. Pista. UM. 5 — Sapas. Anosa. 6 — Era. Ser. 7 — Boda. Lias 8 — Are. Goa. Ada. 9 — Tá. Casal. In. 10 — Erros. Marat. 11 — Raia. Raro.

VERTICAIS: 1 — Acres. Bater. 2 — Caira. Drara. 3 — Ido. PEDE. Ri. 4 — Dá. PARA. Goa. 5 — Liso. Gas. 6 — Vês. Nós. O. 7 — Ilas. Aam. 8 — Oc. Anel. Lar. 9 — SEU. Oriá. Ra. 10 — Tatus. Adiar. 11 — Aroma. SANTO.

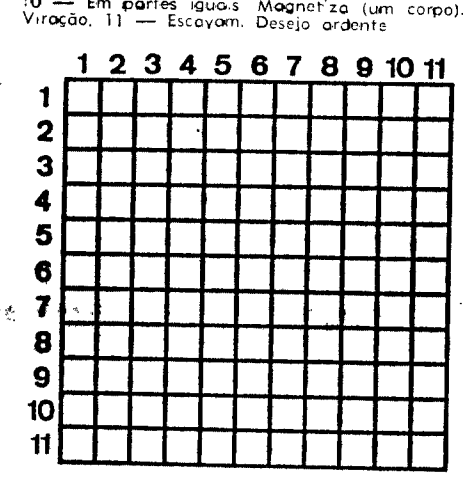
Provérbio: CADA UM, PEDE PARA O SEU SANTO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9075

HORIZONTAIS: 1 — Expediciam. 2 — Vagueias. Pesquisar 3 — O mais Apelido. 4 — Pequena bigorna de aço e sem hastes Preposição. Fecha as asas para descer mais depressa 5 — Antes do meio dia. Cabo de Portugal. Dois mil em romano. 6 — Homens de baixa estatura. Divisão de uma casa 7 — Preposição latina que designa movimento. Patrão. Em a 8 — Cabelos brancos. Nome de um jogo. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 9 — Artigo definido Ruim. 10 — Nome de um jogo. Cessar. 11 — Estimula.

VERTICAIS: 1 — Ilha ou terreno triangular formado por dois braços de rio Socorro. 2 — Érbio (s. q.). Querida. Amónio (s. q.). 3 — Senhoras. Adição. 4 — Bigorna de ourives. Ilha do arquipélago de Cabo Verde Vai para fora. 5 — Campeão. Remo para trás Abreviatura de Santíssimo. 6 — Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Sapo de Amazonas. 7 — Antes de Cristo. Pronome demonstrativo. Deus dos pastores. 8 — Freguesia do concelho de Penafiel Saudável. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes holandeses e escoceses. 9 — Sufixo que designa pequenez. Oportunidade. 10 — Em partes iguais Magnetiza (um corpo). Viração. 11 — Escavam. Desejo ardente



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9074

HORIZONTAIS: 1 — Cosia. Aturá. 2 — Aparo. Batir. 3 — Sim. Lua. Omo. 4 — Tá. Ám. 5 — Ardor. Curva. 6 — Arre. Área. 7 — Ami. Opa. 8 — Pago. Aiar. 9 — Ina. Itu. Ira. 10 — Taram. Razão. 11 — Asara. Alais.

VERTICAIS: 1 — Costa. Apito. 2 — Opiaro. Anãs. 3 — Sam. Dragara 4 — Ir. Mormo. Ar. 5 — Aal. Rei. Imã. 6 — Um. Ut. 7 — Aba. Cão Ura. 8 — Té. Culpa. Al. 9 — Ulo. Realiza. 10 — Rimava. Aral. 11 — Aroma Grãos.

Seja previdente!

NO INVERNO PODERÁ TER EM SUA CASA A TEMPERATURA DE UM BELO DIA DE VERÃO.

Quanto mais tarde se decidir a instalar o
AQUECIMENTO A GÁS DA COMPANHIA
mais se arrisca a não poder dispor do aquecimento a tempo.

Consulte desde já os
SERVIÇOS DE GÁS INDUSTRIAL DAS C.R.G.E.,
que procederão ao estudo do seu caso, sem qualquer compromisso da sua parte.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

JOAQUIM AGOSTINHO, HOJE DE MANHÃ:

«DIGA LÁ À ANA MARIA QUE VAI SER DIFÍCIL DEDICAR-LHE OUTRA VITÓRIA»

Para Joaquim Agostinho, este é o momento mais difícil de cada jornada: a mudança de pensos nos seus ferimentos

Do nosso enviado especial AMADEU JOSÉ DE FREITAS
com o patrocínio do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

(Continuação da 1.ª página)

disposto a lutar. O Joaquim Agostinho que eu vim procurar em França e com quem contacto num recanto destes Alpes abruptos.

AGOSTINHO: AFINAL QUEM É VOCÊ?

— Um rapaz muito simplório que nunca pensou ver-se metido nestas andanças...

— Conte mais...

— O quê?

— Tudo...

— Ora bem... Nasci em 7 de Abril de 1943 (já estou velhote...) e não fo. em Casalinhos de Alfaiata. Foi em Brejenjas, Santa Cruz. O meu trabalho? Era hortelão, sim senhor. Mas sempre tive a mania da bicicleta. Estava convencido de que não passaria de brincadeira para me divertir ao domingo. Depois, porém ..

— É solteiro?

— Sou sim senhor.

— Mas quem é a loirinha de Torres Vedras?

— Também já sabe? É uma rapariga minha amiga, que conheço desde miúda e é filha do capataz do que foi meu patrão. Somos amigos.

— E não sairá daí um casamento?

— É possível. Tudo pode acontecer, não é verdade?

— Como é que se chama?

— Ana Maria. E já que vai escrever isso, diga também que agora vai ser mais difícil dedicar-lhe outra vitória. Ando em dificuldades. Mas se o conseguir...

O «TOUR» E MERCK

— Foi o João Roque que me viu correr e me levou para o Sporting. Eu não tinha muita fé. Mas lá fui e tive sorte.

— Está arrependido?

— Só de uma coisa: não ter começado mais cedo. Se eu soubesse que podia chegar a este ponto tinha-me metido a sério na *coisa* um bom par de anos antes... Devo tudo ao João Roque. Foi ele que me abriu esta hipótese... Sem ele, teria ido para um clube qualquer que não me desse as possibilidades do Sporting.

— Mas o ciclismo profissional não é esgotante?

— É. E andar a cavar todo o dia? E eu gosto, sabe? É um trabalho como outro qualquer em que ganho mais e me abre outras possibilidades.

— Ao princípio sentia-me tímido. Ouvia falar neste e naquele nome das «feras» e olhava-os com muito respeitinho. Só pensava em os poder acompanhar: não sonhava com um único «brilharete».

— E depois?

— Passou. Agora já ando á vontade e «eles» já me conhecem. Antes de ter caído sempre que eu tentava qualquer coisa o Merckx vinha atrás de mim e dizia: «Doucement, garçon». Não me largava. É bom sinal, não é?

— E as coisas iam bem?

— Muito melhor do que eu pensava. O «estoiro» é que deu cabo de mim. Foi o Altig, sabe? Afastou-me com as mãos para passar, mas com tanta «delicadeza» que me arranjou este sarilho. Palavra de honra que estou convencido de que se não fossem todos estes azares eu estaria entre os dez primeiros. Assim...

— Mas hoje houve uma prova evidente de que o Agostinho não é um homem resignado.

— Mas eu sofri. Já reparou que ando a fazer um esforço a dobrar? e foi mais de raiva, sabe? Fez-me nervos o Poulidor (que é uma «fera») e os outros lá tentarem nada. E então atirei-me! Mas todo eu me torcia...

Agostinho prossegue:

Estou fartinho de sofrer. Mas já que tanto aguentei e passei era tremendo não acabar...

FALA GRIBALDI

Gribaldi, o «patrão» da equipa de Agostinho, é um homem delicado, simpático. Anda á volta de Agostinho, atencioso, preocupado. Chama o médico, manda examinar o ciclista — ele é o melhor homem da sua equipa. Diz-nos:

— Um grande ciclista e uma jóia de rapaz, cumpridor e modesto. Devo até dizer uma coisa: Não seriam, nem Poulidor, nem Pingeon, nem Gimondi os grandes rivais do extraordiário Merckx. Esse papel seria desempenhado por Agostinho se não tivesse sido tão grande a infelicidade que o perseguiu. Mas mesmo assim, magoado e cheio de dores, já viu como está a andar? Reparou bem nos picos que tivemos de trepar? Felizmente, de entrada, eles não andaram muito e ele deixou-se ir. Até lhe convinha. Na segunda contagem para o «Prémio da Montanha» é que as coisa aqueceram. A subida era de tirar coragem a qualquer cristão.

— Dois foram lá para a frente.

Diz Agostinho:

— Os espanhóis começaram a ganhar minutos á farta. Eu deixei-me seguir na calma, até porque não me sentia em condições de entrar em «cavalarias altas». Entretanto, vi o Merckx pôr-se a andar, com o Pingeon, o Gimondi e o Gandarias. Como vi cá atrás alguns bons não tentei nada e esperei pela minha oportunidade. Mas o que eu já ia a sofrer!... Na descida, com curvas que até faziam aflição, aquilo começou a agrupar-se, e pouco depois eu estava com Poulidor e Gandarias, depois de ter deixado para trás o «montinho» em que vinha: Letort, Lopez, Panizza. A última contagem, já a 20 quilómetros da meta, também era de rebentar. E na descida resolvi-me. Foi mais por «mau génio», pois aqueles tipos não queriam mesmo andar. E lá arranquei um 6.º lugar. É bom, não é? Bem me está a sair do corpo...

*

Classificação geral da «Volta á França» depois da 11.ª tirada:

1.º, Eddy Merckx (Bélgica-Driessens), 53 h 34 m 20 s; 2.º, Roger Pingeon (Plaud), a 5 m 43 s; 3.º, Felice Gimondi (Itália-Pezzi), a 7 m 29 s; 4.º, Raymond Poulidor (Magne), a 9 m 41 s; 5.º, Rinus Wagtmans (Holanda-Vissers), a 11 m 35 s; 6.º, Andrés Gandarias (Espanha-Langarica), a 12 m 16 s; 7.º, Franco Vianelli (Itália-Albani), a 14 m 04 s; 8.º, Joaquim Galera (Espanha-Machain), a 18 m 35 s; 9.º, Herman Van Spingel (Bélgica-Cools), a 21 m 34 s, e 10.º, Desire Letort (Paulo), a 23 m 02 s.

Joaquim Agostinho (Portugal-Caput), encontra-se em 16.º lugar, a 30 m 06 s de Merckx.

O DESPERTAR DO GIGANTE NA SERPENTE DA MONTANHA

DIGNE, 10. — Ainda tenho nos olhos o espectáculo de hoje, sem saber bem até que ponto se pode admitir obrigar os homens a tamanho e tão diabólico esforço. Outra vez os Alpes, as rudezas da montanha imponente que parece inacessível, mas que é galgada. Os «sádicos» traçadores do percurso do «Tour» parecem andar como o velho e respeitável Arquímedes, de candeia na mão a procurar do «piorzinho» que a França possa ter para dar de mão beijada aos já quase todos esfarrapados «gigantes» da estrada. Hoje, em 198 quilómetros de corrida, tinha só na «manga» três subidas: Col de Vars, 1.ª categoria, a 2111 metros; exactamente 50 quilómetros depois outro grimpar para o céu: Col D'Allos, a 2243 metros, traçado numa tremenda estrada rodeada de ravinas, com curvas sucessivas de entortarem os olhos. E, para acabar, a 20 quilómetros da chegada, outro «altinho»: mais modesto — só com 1261 metros, mas traçado num caminho particular que os organizadores descobriram só para esta altura. Bem quereria poder descrecer ao leitor o que é o «Tour» — a sua grandeza, a sua projecção, o seu impacto junto do publico. E depois poder contar como são estas estradas, estes montes — os automóveis sofrem para os trepar, os musculos dos homens ficam feitos em farrapos. Quilómetros e quilómetros a subir, quase a pino — com buracos rasgados na montanha, com centenas de metros de profundidade. Nem para turismo — tão arrepiante é esta travessia dos Alpes.

Quando comecei a subir a primeira montanha só uma exclamação me ocorreu: E o braço, e a perna do Agostinho?

Mas o rádio ia dando notícias. Que não eram desesperadoras — bem pelo contrário. Dizia o locutor que um grupo compacto, sem atrasados (a não ser este e mais aqueloutro, e nenhum era o Agostinho) subia paulatinamente a montanha. E o locutor queixava-se da pouca velocidade e desejo de luta. E nós faziamos figas para que o panorama não se modificasse. Na primeira contagem o Agostinho passou em 7.º: ganhou quatro pontitos. Bem bom. A partir daí a corrida animou. Mas, quando vi a segunda subida, a alma caiu-me aos pés. Cheguei a dizer que era criminoso colocar aquilo ali...

Em Colmars, a 72 quilómetros da meta, parei para ver o que se passava. A notícia da subida dissera-me que o Agostinho vinha ligeiramente atrasado, mas passara lá no alto em 10.º lugar (mais um ponto) no terceiro grupo e em boa companhia, a pedalar em excelente ritmo, a mão a afastar cabelos da testa, a limpar o suor. A partir daí acabaram os receios. Eu tinha a certeza de que ele chegaria na frente e arrancaria uma excelente classificação. E foi: um sexto lugar que representa o regresso do «gigante», guardado para o dia em que a montanha foi uma serpente. Curvas e mais curvas: enroladas, retercidas, traiçoeiras, debruçadas sobre o abismo. Tem que se dizer: o Joaquim Agostinho não está bem físicamente. O braço e a perna obrigam-no a um esforço tremendo. A um sacrifício extraordinário, quando ele quer e sente que pode e as mazelas não o deixam.

E com isto tudo o nosso Agostinho lá vai: Ontem ganhou onze lugares; hoje, quatro. Está agora em 16.º, tem na frente muita gente ainda para passar. David, o 15.º (por exemplo) só está a 31 segundos. E aguardemos todos que o que tem sofrido até agora tenha a compensação que o rapaz merece.

DEPOIS O MERCKX DISSE-ME: «DOUCEMENT, GARÇON, DOUCEMENT...»

DIÁRIO DE UM HOMEM SÓ

• Ditou JOAQUIM AGOSTINHO

Quero dizer, primeiro que tudo, que sei andar de bicicleta, e que esta «coisa» dos jornais me faz uma certa confusão. Mas, como me disse que eu sou agora um «tipo» muito falado, e que tinha laracha eu contar-lhe as etapas, faço-lhe a vontade. Mas, não ponha mesmo como eu digo: se não era uma grande barracada, não é verdade?

Quando saímos, eu já sabia que a «coisa» ia ser dura como um raio. Não estou nada bem, com este braço todo deitado abaixo. A perna está na mesma. E a outra canela dorida e magoada do pedal de Altig me ter tocado quando eu caí.

Mas, enfim: Lá comecei a andar, na esperança de que os «cavalões» fossem só os grandes, pois a etapa era muito grande e dura.

Logo de entrada começaram as escaramuças daqueles tipos mais «frangotes» e que não metem medo a ninguém. Os maiorais não ligaram nenhuma e eu também não. E, assim, lá foi tudo mais ou menos junto até ao começo da subida para a primeira contagem do «Prémio da Montanha». Aí, os «grandes» puseram-se a pau: foram lá para a frente e começaram a andar que nem uns danados. Agarrei-me a eles (e como a estrada era boa e não trepidava não sentia muitas dores). Consegui acompanhá-los: cheguei lá acima com eles e passei em 7.º lugar, mas fartei-me de sofrer. Então não começou a aparecer uma chuva de neve que me gelou os ossos e não me deixava ver «nenhum»?

Aquele gelo em cima das feridas era do «caneco»...

Queria andar e parecia que o raio da bicicleta estava agarrado ao alcatrão. Passou-me outra vez pela cabeça a idéia de desistir mas, palavra de honra, que me lembrei do seu telefonema e do sr. Bruno, de todas as cartas e telegramas que me têm mandado.

A descer, descolei: não podia suportar o andamento deles. Na segunda montanha cheguei lá acima todo «afogado». Depois, aquilo melhorou e senti-me melhor na fase final. Mas, estou com uma raiva á montanha... Dantes, era do que mais gostava. Mas, agora, assim todo feito num figo, nem a posso ver. É ainda não acabou. O pior são as maleitas: se as vejo saradas...

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O PORTIMONENSE REFORÇA-SE

JACINTO (médio-junior e «capitão» da equipa), que passou a sénior esta época, acaba de ser cedido por uma época ao Portimonense, pelo Benfica.

O Portimonense também receberá o concurso do avançado Faria e ficou resolvido que o valoroso defesa-central Marujo (pertencente ao Benfica) continue na equipa algarvia por mais uma temporada.

Nos próximos dias 30 e 31 de Agosto visitará Portimão uma embaixada dos Campeões Nacionais onde estará presente o técnico Otto Glória que proferirá uma conferência versando assuntos desportivos.

Ginastas do Sporting num festival em Loures

Com a participação de quatro classes internacionais de ginástica do Sporting Clube de Portugal realiza-se no sábado no rinque do Parque Municipal de Loures, um sarau de ginástica que está a despertar o mais vivo interesse.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Armando e Márinho, sob as vistas de Celestino, Barão e do técnico Fernando Vaz no primeiro treino de conjunto, do Sporting, efectuado em Pina Manique

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Espinho-Braga	1
Guimarães-Tirsense	X
Covilhã-Gouveia	X
Ac. Viseu-Beira-Mar	2
Lamas-Torres Novas	2
Tramagal-Peniche	2
Torriense-Sporting	2
«Leões» - Marítimo	1
Sintrense-Belenenses	1
Alhandra-Atlético	X
Sesimbra-Portimonense	1
Almada-C.U.F.	2
Montijo - Barreirense	X

ANGOLANOS NO «PRÉMIO ROBBIALAC»

No decurso de negociações entaboladas pelo dirigente João Damasceno Covão, em terras de Angola, pode garantir-se que no próximo «Grande Prémio Robbialac» estará presente uma equipa ciclista do Sport Lisboa e Benfica composta por José Avelino, Pedro Barbosa, Joaquim Santiago, Wenceslau Fernandes, Cosimiro Cabrita, David Gomes e António Pires, que são acompanhados pelo dirigente Domingos Ferreira e pelo treinador Domingos Ribeiro.

NATAÇÃO

A 1.ª jornada do Torneio de Verão

O calendário da Associação de Natação de Lisboa continua a cumprir-se regularmente Ontem foi a vez de se realizar a primeira jornada do seu Torneio de Verão, que reuniu nadadores dos clubes que ultimamente têm animado as competições e, mais ainda, o Juventude e o Lusitano de Évora.

Resultados:

800 m. livres, insc. livre — 1.º, F. Bessone Alves (Algés), 10 m 41,3 s (novo «record» nacional de juvenis); 2.º, Fernando Rosa Jorge (Algés), 10 m 45,5 s.

100 m. bruços, juniores e seniores — 1.ª, Graça Maia (Algés), 1 m 27,3 s; 2.ª, Ana Cristina Patacas (Algés), 1 m 33,7 s.

100 m. bruços, juvenis — 1.ª, Ana C. Patacas (Algés), 1 m 38,2 s; 2.ª, Ana Morgado (C. N. N.), 1 m 40 s.

33 m. mariposa, inf. fem. — 1.ª, Manuela Banha (Algés), 28,4 s; 2.ª, Deborah Surgey (Algés), 28,4 s.

200 m. bruços, jun. e sen. — 1.º, Luís Brito Rosa (Algés), 2 m 57,8 s; 2.º, Rogério Figueiredo (Algés), 3 m 7,8 s.

200 m. bruços, juvenis — 1.º, António Coelho Neves (Bf.), 3 m 14 s; 2.º, Luís Baptista (Nac.), 3 m 18,7 s.

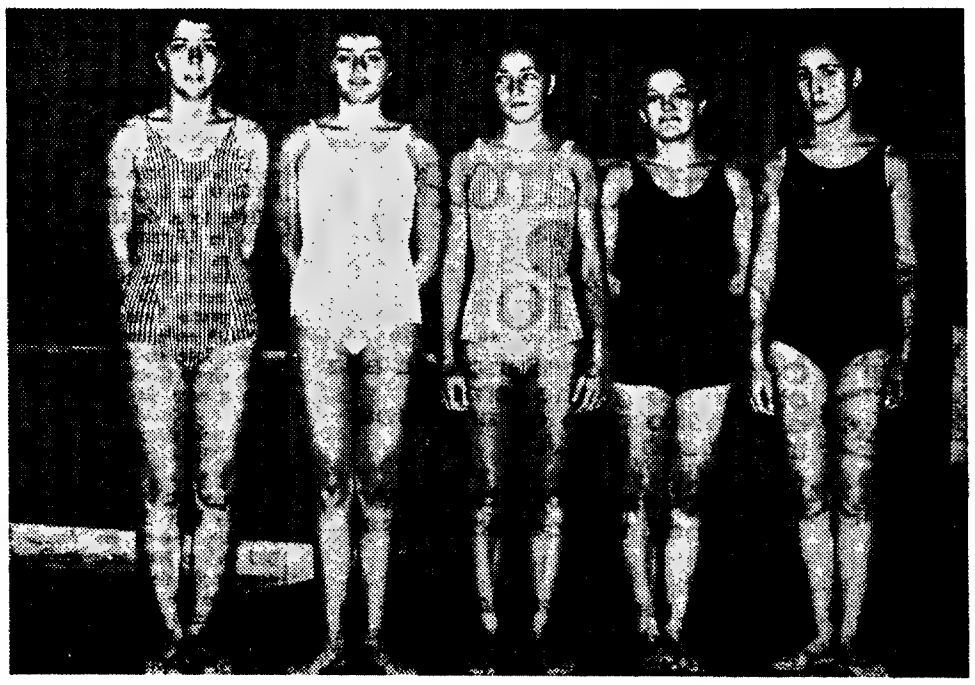
400 m. livres, infantis — 1.º, Vasco Mineiro (Algés), 6 m 19,6 s; 2.º, Rodrigo Martinho (Bf.), 6 m 25,5 s.

100 m. costas, jun. e sen. — 1.ª, Ana C. Patacas (Algés), 1 m 23,9 s; 2.ª, Maria Helena Gomes (Algés), 1 m 31 s.

100 m. costas, juvenis — 1.ª, Manuela Gomes (Bf.), 1 m 31,4 s; 2.ª, Berta Bessone Alves (Algés), 1 m 32,8 s.

200 m. costas, inscrição livre — 1.º, J. J. Ferreira Alves (Algés), 2 m 39,1 s; 2.º, Jorge Soares (Algés), 2 m 49,3 s.

100 m. costas, infantis — 1.ª, Manuela Banha (Algés), 1 m 40,7 s; 2.ª, Ana Cunha (Algés), 1 m 49,3 s.



Graça Maia, a segunda nadadora a contar da esquerda, venceu ontem a prova de 100 metros bruços disputada em Algés

SETÚBAL, 2 MOÇAMBIQUE, 0

LOURENÇO MARQUES, 10 — (F. P.) — Num desafio particular de futebol, o Vitória de Setúbal venceu, ontem à noite, uma selecção de Moçambique por 2-0, com 0-0 ao intervalo.

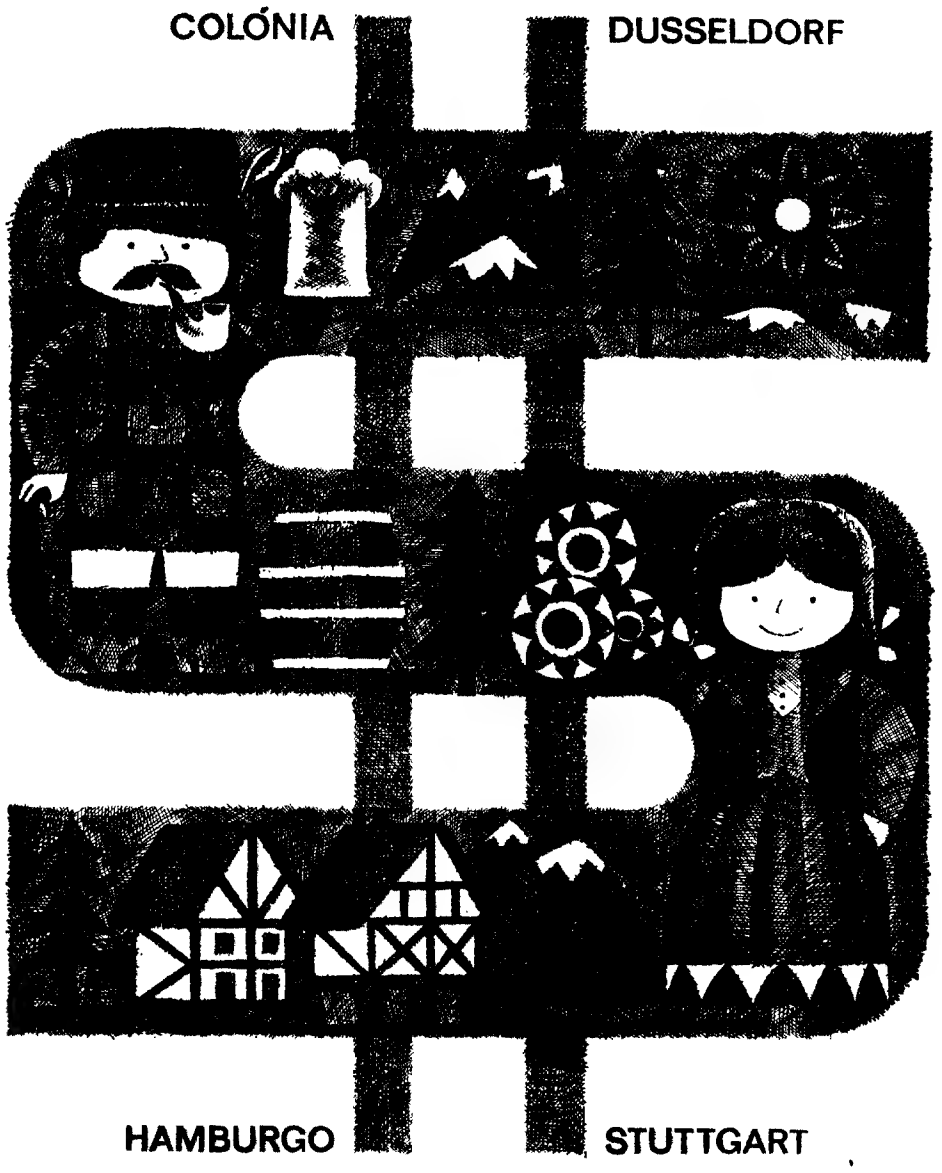
HOJE, À NOITE

NATAÇÃO — Torneio de Verão (2.ª jornada) da Associação de Natação de Lisboa, na piscina de Algés, ás 21 e 15.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa, individuais, em pares, nas mesas do Sporting (seniores), Armadorense (juniores), Benfica (infantis) e Recordação de Apolo (senhoras), ás 21 horas.

ALEMANHA

COLÓNIA DUSSELDORF



HAMBURGO STUTTGART

NEGÓCIO E TURISMO

com a SABENA

consulte o seu agente de viagens

BELGIAN World AIRLINES

Olisipo

PROBLEMAS DE HOJE PARA A MULHER DE HOJE

A mulher dos grandes centros urbanos tem de juntar ao «Deve e Haver» da sua economia caseira, tendo em vista os géneros de primeira necessidade, uma verba extra, constante e indispensável; que se destina á compra de um elemento comum: o tempo.

Comprar tempo, através da gasolina do carro próprio, do autocarro ou do «metro», á uma necessidade numa época de corrida, de pressa, de «chegar primeiro», que a todos unifica.

Foi por darem conta disto que certo ramo de comerciantes das grandes cidades do mundo se dicidiram a oferecer ás suas clientes, o tempo que elas tinham de comprar quando se movimentavam de rua em rua, por vezes de bairro em bairro, na busca do que lhes faltava no lar, na beleza, na elegancia própria e, até, na vida social.

Daqui nasceu o DRUGSTORE — estabelecimento onde ela se veste, onde compra os seus produtos de beleza, e se calça, onde toma chá ou janta com familiares e amigos, sem sair do mesmo ambiente, geralmente confortável, de luxo funcional, e onde tem tudo á mão.

Lisboa possui hoje, ao nível das grandes capitais do mundo, o TUTTIMUNDI, na Avenida de Roma.

Ali, em numerosos departamentos, a mulher moderna, encontra uma variedade imensa de artigos de bom-gosto, seleccionados entre o que melhor e mais sugestivo fabricam os industriais europeus e americanos, magos que vivem na preocupação de lhes proporcionar coisas novas, de forma a tornar a sua beleza mais atraente e admirada.

Entre as compras de mil novidades, perfumes, discos, bijouteries, etc podem com toda a simplicidade fazer o seu lanche em confortável «snak-bar» ou se a hora é de almoço ou de jantar, encontrar num luxuoso restaurante, uma selecção de pratos confeccionados com o esmero exigido pela mais fina cozinha internacional.

A Mulher de Hoje, preocupada com os seus problemas, encontra neste Drugstore a solução para muitas impossibilidades de ontem.

Utiliza-se do que o moderno comércio cria para si, e compreende, com prazer, as vantagens que lhe oferecem as grandes iniciativas do seu tempo.

Numa enfermaria do hospital da vila de Caminha, onde está internada e permanecerá ainda por longas semanas, por ter sido atropelada, prestou provas do exame de instrução primária a pequenita Emília Maria Gonçalves de Oliveira, de 10 anos natural de Vila Praia de Âncora, freguesia deste concelho, filha do sr. Israel Rodrigues Gonçalves, operário fabril, e da sr.ª Águeda Gonçalves Ramos. O exame — que se verificou pela primeira vez naquele hospital — decorreu normalmente. A criança, que foi acarinhada pelos professores e pessoal hospitalar. Os pais são muito pobres e a pequenita gostaria muito de ter um vestido novo para estrear no dia de Nossa Senhora da Bonança, que se festeja em Setembro, e se possível fosse, uma linda boneca para a distrair na cama do hospital. Quem se lembrar da infeliz criança poderá entrar em contacto com o correspondente do «Diário de Lisboa» naquela vila, sr. José António dos Reis Martins

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 10 — (L.) — E' do seguinte teor o boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 30 de Junho a 6 de Julho:

«O inimigo flagelou as povoações de Iusse e os aquartelamentos de Bissum, Canjambari, Bissã, Dulombi, Fulancunda e Nova Sintra; implantou engenhos explosivos nas regiões de Cambaque (Cacine), Cambelele (Farim) e Ponta do Rio Campada (S. Domingos); emboscou as nossas tropas na região de Bipo (Bula).

Em resultado das acções das nossas Forças, o inimigo sofreu:

— Na região de Ponta Varela (Xime), um morto e um capturado; na região de Bissã, um morto; na região de Dulombi, um morto; na região de Fenjanja (Bula), dois mortos; na região de Sinre (Mansoa), um morto; na região de Darsalame (Xime), apreensão de munições.

Foram destruídos ao inimigo meios de transposição nas vias fluviais e meios de vida.

No conjunto das acções, foram recuperados 18 elementos da população.

Durante o período, o inimigo sofreu seis mortos e um capturado.

As nossas Forças sofreram dois mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados, e as populações civis sofreram um morto.»

ALCATROAMENTO DE ESTRADAS

VILA NOVA DE POIARES, 10. — Vão ser alcatroadas as estradas para o lugar da Morena Morta e dos Moinhos a São Miguel de Poiares, o que representa grande melhoramento para a região.

Novo professor da Faculdade de Letras de Coimbra

COIMBRA 10 — Terminaram hoje, na Sala Grande dos Actos da Universidade, as provas de concurso para professor extraordinário do 2.º Grupo (Filosofia), da Faculdade de Letras, prestadas pelo candidato, sr. prof. dr. Alexandre Fradique Gomes de Oliveira Morujão. Presidiu o Magnífico Reitor, sr. prof. dr. António Jorge Andrade Gouveia, e o juri era constituído pelos srs. profs. drs. Délio dos Santos e Artur Moreira de Sá, da Faculdade de Letras de Lisboa e todos os catedráticos da Faculdade de Coimbra.

A prova constou da apreciação, feita pelos srs profs. drs. Délio dos Santos e Arnaldo Miranda Barbosa de Lisboa e Coimbra, respectivamente, do *curriculum vitae* do candidato, que aqui se licenciou em Ciências Históricas e Filosóficas, em 1954, com a classificação de 18 valores, exercendo o cargo de segundo assistente e doutorando-se em 1961 com 19 valores. Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura e estagiou por diversas vezes na Alemanha, onde, também, foi leitor de Português na Universidade de Colónia; tomou parte em diversos congressos e colóquios e é autor de valiosos trabalhos.

Ao terminarem as provas, que a assistência seguiu com muito interesse, o reitor da Universidade agradeceu aos professores de Lisboa a sua colaboração e as saudações que lhe foram dirigidas; depois, reunido o juri, aprovou o sr. dr. Alexandre Morujão, que foi muito cumprimentado.

Posse de dois professores

Na reitoria da Universidade decorreu o acto de posse dos srs. profs. dr. Armando António Simões de Carvalho, do cargo de catedrático da Faculdade de Medicina, e dr. Francisco Xavier da Rocha Ferrand de Almeida.

Presidiu ao acto o reitor da Universidade, que saudou os empossados, desejando-lhes as maiores prosperidades no exercício das suas funções docentes, o que aqueles agradeceram.

Conferências

Na Sociedade Portuguesa de Naturalogia

Hoje, ás 21 e 30, na sede da Sociedade Portuguesa de Naturalogia, o arq. Rego Gonçalves faz uma conferência sobre «Possibilidades turísticas e terapêuticas do espaço português».

A G. N. R. procura ladrões de borregos

ÉVORA, 10. — A G. N. R. desta cidade continua em diligências para encontrar os autores do roubo do passado dia 3, em que na Quinta do Camões em Santo António levaram 13 borregos pertencentes ao sr. José Júlio Pereira, residente nesta cidade. Segundo o pastor, os gatunos actuaram com uma furgoneta na qual meteram os animais, mantendo o pastor em ordem com uma espingarda.

JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UM EQUIPAMENTO ELÉCTRICO PARA POSTO DE TRANSFORMAÇÃO E DA SUA LIGAÇÃO À ESTAÇÃO FRUTEIRA DE CASTANHEIRA DO RIBATEJO

Faz-se público que, pelas 16 horas do dia 4 de Agosto de 1969, se procederá, na Sede desta Junta, Rua Rodrigo da Fonseca, 8 — Lisboa, ao concurso público, acima designado.

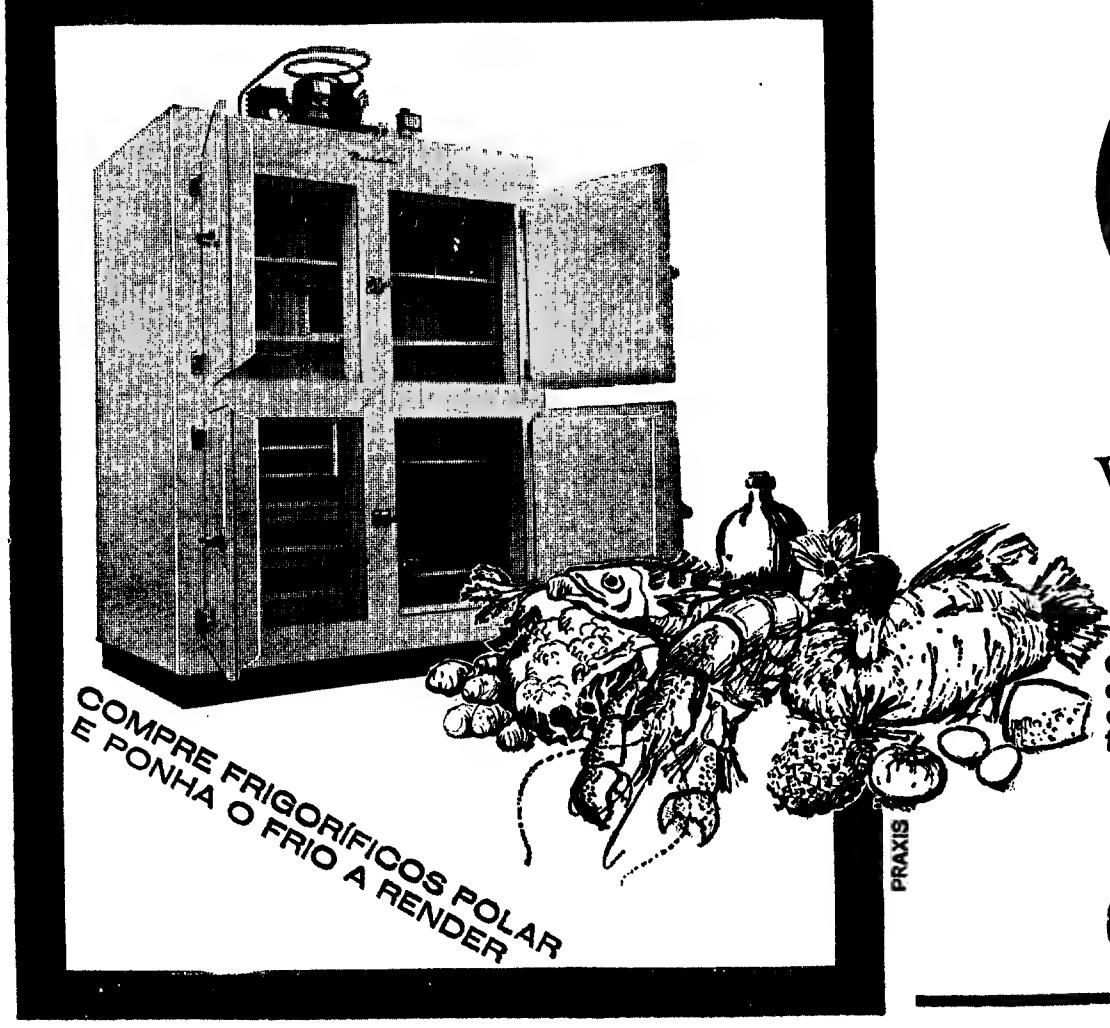
O processo deste concurso, encontra-se patente na morada acima indicada, assim como na Delegação deste Organismo no Porto, (Rua Ferreira Borges, 69-1.º), todos os dias úteis, nas horas de expediente.

O depósito provisório é de 33 000$00.

Os concorrentes devem estar inscritos, como empreiteiros de obras públicas, na 1.ª Subcategoria da 6.ª categoria e na conveniente classe.

Lisboa, 10 de Julho de 1969.

Pel'O PRESIDENTE
A. Cândido Ferreira



POLAR
na vanguarda do frio
Conquiste a confiança da sua clientela e ganhe tempo e dinheiro com os armários frigoríficos POLAR
instalações frigoríficas para todos os fins e capacidades
POLAR
REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis, 94-c tel. 56 11 16/7/8 - lisboa
rua gonçalo cristóvão, 120 - porto

VENDA DE LOTES DE TERRENO EM CASCAIS

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que em praça a realizar no dia 19 do corrente mês, pelas 15 horas, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, serão vendidos em hasta pública os seguintes lotes de terreno destinados a construção:

Um lote de terreno, situado na Rua das Fontaínhas, em Cascais, com 189,5 m2, destinado a um prédio de rendimento com 3 pisos, pelo preço base de licitação de 1 600$00 cada metro quadrado;

Dois lotes de terreno, na Rua de Santa Mónica, em Cascais, com a área de 216 m2 cada, destinados a prédios com 3 pisos, pelo preço base de licitação de 1400$00 cada metro quadrado;

Três lotes de terreno, na Avenida do Ultramar, em Amoreira, com as áreas de 204 m2 e 265 m2, destinados a prédios com 3 pisos acima da referida avenida, pelo preço base de licitação de 1100$00 cada metro quadrado.

Um lote de terreno, na Avenida Gago Coutinho, em Parede, com a área de 176,64 m2, destinado a estabelecimentos comerciais, pelo preço base de licitação de 1000$00 cada metro quadrado;

Cinco lotes de terreno, no lugar de Pau Gordo (próximo do Estoril), com as áreas entre 305 m2 e 336 m2, destinados á construção de moradias, pelo preço base de licitação de 150$00 cada metro quadrado.

Cascais, 7 de Julho de 1969.

O Presidente da Câmara,

António de Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

OS PROTAGONISTAS — Vox
O INSPECTOR CLOUSEAU — S. Jorge
COMISSÁRIO X NO VALE DAS MIL MONTANHAS — Politeama
COMO SE EU FOSSE UM ESPIÃO — Estúdio 444

CONDES
(M. 17 anos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Mark Damon—Lawrence Dobkin
Arrebatador, implacável, violento
JOHNNY YUMA — O VINGADOR
EASTMANCOLOR

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
42 grandes astros internacionais
no filme monumental em versão de 70 mm
O DIA MAIS LONGO

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
EM 4.ª SEMANA
O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje
A RAPOSA
com Sandy Dennis e Keir Dullea

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 21.45 — ESTREIA
Silva Koscina — Jean Sorel — Gabriele Ferzetti
OS PROTAGONISTAS
Uma extraordinária e excitante aventura
SCOPE — COR

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30
A ROLETA DA MORTE
Robert Wagner — Peter Lawford

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 h.
UMA NOVA CARA NO INFERNO
A MINHA SENHORA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 h.
AIÉ A ETERNIDADE
QUEDA NO ABISMO

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Magnífica interpretação de **Hayley Mills e John Mills**
ESTE DIFÍCIL AMOR
A mais angustiosa noite de dois jovens recém-casados!

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
TECHNICOLOR
Há uma chave que todos os meses abre o coração de Sara...
em
DOCE NOVEMBRO
EANDY DENNIS e ANTHONY NEWLEY

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
A obra fundamental de Alain Resnais
MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Toneladas de acção intensa numa grande epopeia!
CUSTER, HERÓI DO OESTE
70 mm — Technicolor
com Robert Shaw, Mary Ure, Jeffrey Hunter, Ty Hardin e Robert Ryan
Ar condicionado

SÃO LUÍS
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Uma história verdadeira da guerra de 1914-1918
Suzy Kendall, Kenneth More e Capucine em
ESPIA SEM NOME
Prod. **Dino Laurentiis**
Real. **Albert Lattuada**
Technicolor

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Uma história verdadeira da guerra de 1914-1918
Suzy Kendall, Kenneth More
Capucine em
ESPIA SEM NOME
Prod. **Dino Laurentiis**
Real. **Alberto Lattuada**
Technicolor

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM REPOSIÇÃO
O NOTÁVEL FILME PORTUGUÊS
com o matador
MANUEL DOS SANTOS
SOL E TOUROS
com Ana Paula e Leonor Maia (Tatão)
Uma história de amor, ódio e emocionantes touradas — Fados por AMÁLIA RODRIGUES e FERNANDA BATISTA

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
VIDAS PERIGOSAS
CLAUDIA CARDINALE e ROD TAYLOR
Perigo! Amor! Aventura!
Metro. **Estação Picoas**

POLITEAMA
Telef. 326305
HOJE, ÀS 21.30 — (M. 12 anos)
ESTREIA EMOCIONANTE! UMA EXTRAORDINÁRIA AVENTURA! «SUSPENSE» E ACÇÃO SEM PARAR!
COMISSÁRIO X NO VALE DAS MIL MONTANHAS
com TONY KENDALL e BRAD HARRIS
(Tecnicolor)

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
ESTREIA ÀS 21.30
O INSPECTOR CLOUSEAU
com ALAIN ARKIN
Às 15.15 e 18.15
NINGUÉM FOGE PARA SEMPRE (M. 12 anos)

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Uma luta terrível contra a perigosa organização do crime...
Don Murray e Inger Stevens em
F. B. I. CONTRA A MAFIA
TECHNICOLOR

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
ESTREIA ÀS 21.45
UM POLICIAL DIFERENTE:
COMO SE EU FOSSE UM ESPIÃO
Bernard Blier — Bruno Cremer — Suzanne Flon

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30 h.
A GUERRA SECRETA DE HARRY FRIGG
com Paul Newman e Sylva Koscina

IMPERIAL
(Adultos) Tel 45933
Às 21 h.
O DOCE CORPO DE DEBORAH
DOMINGO DE VERÃO (À ITALIANA)

AVIS
(M. ... anos) Tel. 47163
Às 21.45
UMA AVENTURA DE ALUCINANTE ACÇÃO!
TOM DOLLAR
EASTMANCOLOR
MAURICE POLI
GEORGIA MOLL

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 21.30
2.ª SEMANA
O regresso de um grande êxito
ROCCO E SEUS IRMÃOS
Realiz.: Luchino Visconti
com **Alain Delon, Annie Girardot, Renato Salvatori e Claudia Cardinale**

Chama-se a atenção para o horário da sessão da noite

SOLAR DO MINHO
de Eduarda Maria
FADOS * FOLCLORE
R. do Vigário, 60
ALFAMA
Telef. 866811 (M/17 anos)

A REPRESENTAÇÃO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA É DOS GRANDES ELEMENTOS DE ATRACÇÃO DO EMPOLGANTE CENTRO DE DIVERSÕES

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
«STANDS» DE EXPOSIÇÕES — DIVERTIMENTOS DE TODOS OS GÉNEROS — RESTAURANTES — ESPLANADAS — RETIROS — CERVEJARIAS — SORTEIOS, ETC.
ABERTURA ÀS 19 HORAS
Habilite-se ao sorteio de uma **MOTORIZADA CASAL**, oferta da **METALURGIA CASAL**, de Aveiro

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h: «R-te, Ri-te» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 20 e 45 e ás 23 h: «Pepsi» (M. 17 anos)

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30: «Cleópatra» (7 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Serviço Secreto X-7» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «A ultrapassagem» (17 anos)
PARIS — Às 21: «Um homem em leilão» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «A caminho de Oregon» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O profeta» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Camelote» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O analista do presidente» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «A baía das emboscadas» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Django» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «Quanto mais quente melhor» (17 anos).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Às 21: «Quando digo que te amo» (17 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Roubo no Metropolitano» (12 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 15: «Machado Vermelho» (12 anos).
BOMB. VOL. LOURES — Às 21 e 5: «A Brigada do Diabo» (7 anos).

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Elas são mais perigosas» e «A noiva estava de luto» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Esplendor na relva» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A guerra secreta de Hony Frigg» (12 anos). CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «A noite escaldante do inspector Joss» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Onde estavas tu quando as luzes se apagaram» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 5: «Guerreiros em fúria» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21,5: «Django atira primeiro» e «Party em pijama» (17 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Às 21 e 15: «Águias em alerta» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «Sue perespectáculo do mundo» (17 anos)

Vitória espanhola no Festival de Scheveningen

SCHEVENINGEN (Holanda), 10. — (F. P.) — A representação espanhola, constituída pelas cançonetistas Conchita Bautista e Cristina e pelo conjunto vocal «Los Mismos», conquistou ontem, á noite, o primeiro lugar no «Singing Europe 1969», festival holandês da canção, realizado em Scheveningen, próximo da Haia, que este ano contou com a participação de artistas de quinze países.

Os belgas ficaram em 2.º lugar: com a cançonetista flamenga Rita Deneve, o cançonetista Harris e o conjunto «The Wallace Collection» ao qual foi atribuído o «Prémio da Imprensa»

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 3-C (776905) * Aeroporto, Av. Gago Coutinho, 101-D (á Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av. Estados Unidos da América) — (721409)
ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 14 (660187).
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373)
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda) (728277)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D-E (771665) * Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 40 (44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 4 (41845) * Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027).
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 1-B (777478).
ARROIOS — Bastos, Rua Morais Soares, 9-F (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (811216)
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (326575).
BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (611454).
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) * Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) * J. Ribeiro, Estrada da Luz 199-A (780969).
CAMÕES — Sanitas, Pr. Luís de Camões, 24 (322798).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) * Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) * Urbano, de Freitas, Rua Silva Carvalho 1-9 (662838).
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (42829).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta do R. Possidónio da Silva, 62-A (669485) * Mota Capitão, R. de São Félix, 45-A (660720)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 6 (862074) * Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725)
ESTEFÂNIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (43340)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Jan. Verdes, 90 (662327)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 1 (790480)
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 219 (43641)
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Arferes Barriaro, Ruas 7-C Olivais-Norte (315539) * Antunes Rosas, R. C — Lote 199 Olivais-Sul (3 3610)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (68947).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-162 (760035).
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz 10-A (á Encosta do Restelo) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R. da Junqueira, 326 (638193). * Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704) * Dilena, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç. D. Gastão, 30-32 (381279)
S. BENTO — Feniz, R. do Cruz, dos Poiais, 52 (678531)

Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av.ª Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2430239)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (2430058).
PAREDE — Aisir — Av. Gago Coutinho — B das Caixas de Previdência (Tel. 2472948).
ESTORIL — S. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (260008).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra 40 (Tel. 280170-28149); Nova — Estrada de Alvide — Fontainhas (T. 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av.ª D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (971023)
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) * «Zeller, R. da Republica, 83 (950045).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque (980058)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234 37)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 27-A (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-B (224 41)
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. dos Barrocos, 50-A-B (Tel. 2760 82)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (289025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (229471).
SETUBAL — Rosado Pinto, P. do Bocage (22484) * Nova, Rua Gen. Gomes Freire, (22052).
SEIXAL — Soromenho — R. Polva Coelho, 38 (Tel. 223560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361... * Companhias Reunidas, 587... * Gazcidla 538821 * Gazcidla (dom. e feriados: 382...
BOMBEIROS — Sapadores 322... * Voluntários 538524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 36614) * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação Fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(M/15 anos)

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TÍPICAMENTE PORTUGUESA
AR CONDICIONADO
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
(Encerrado às 3.ªs-feiras)
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Os industriais de conservas de peixe manifestam-se contra o decreto que criou a Junta Nacional de Fomento das Pescas

Os industriais de conservas de peixe do Norte reuniram-se em sessão magna, sob a presidência do sr. José de Oliveira Marques, presidente da direcção do respectivo Grémio. Com a presença de representantes de 37 empresas, debateram-se longamente os problemas que neste momento mais afectam aquela industria, entre os quais o abastecimento do peixe assume a maior importância. Ao apreciar-se o Decreto-Lei n.º 49 080, publicado pelo Ministério da Marinha, foi decidido telegrafar ao titular desta pasta

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34°; mínima: Montalegre, 9°,1.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo, o vento era fraco a moderado do quadrante Norte.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 22°; Faro, 25°; Funchal, 19°; Lisboa, 24°, Penhas Douradas, 14°; Portalegre, 23°; Porto, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 23°,5, na água do mar, 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

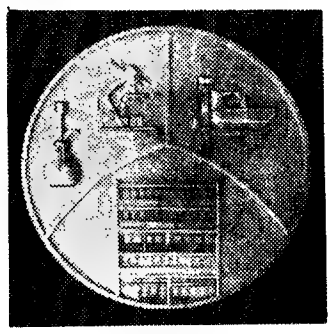
Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado de Nordeste.

Amanhã
Nascer ás 6 e 21
Ocaso ás 21 e 3

Dia 14 Dia 22 Dia 29 Dia 5

MARES

PREIA-MAR: **Dia 10** — 1 e 05 (3,3 m); 3 e 43 (3,4 m). **Dia 11** — 2 e 10 (3,3 m); 14 e 33 (3,5 m). **Dia 12** — 3 (3,4 m); 15 e 15 (3,6 m). BAIXA-MAR: **Dia 10** — 7 e 04 (1,6 m); 19 e 36 (1,6 m). **Dia 11** — 7 e 50 (1,5 m); 20 e 54 (1,5 m). **Dia 12** — 8 e 30 (1,5 m); 21 e 03 (1,4 m).



Para assinalar a passagem do seu 30.º aniversário, o Grémio dos Industriais da Panificação de Lisboa mandou cunhar um medalhão, de que ofereceu um exemplar ao «Diário de Lisboa» — e cujas duas faces a nossa gravura documenta

Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais

No 1 Centro de Reeducação e Assistência à Criança Mongoloide, realizou-se o 25.º Encontro de Pais e Amigos da Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais.

Presidiu à reunião a sr.ª dr.ª Alice de Mello Tavares, presidente da Associação, secretariada pela sr.ª D. Maria da Graça Simões Ferreira e pelos srs. dr. Simão e Leite Monteiro. A professora do Centro D. Maria Antónia do Inso proferiu uma palestra subordinada ao título «Atitude pedagógica frente a uma criança diminuída mental», seguida de exibição de um filme sobre «Recuperação», cedido pelos laboratórios Carlos Erba.

No final estabeleceu-se diálogo entre a prelectora e muitos dos elementos da numerosa assistência que enchia por completo a sala, com manifesto interesse de todos, pais, pedagogos, médicos, etc. Este foi o ultimo encontro antes de férias.

A Polícia Judiciária aguarda o resultado do exame médico feito ao cadáver encontrado no Areeiro

A Polícia Judiciária aguarda o relatório final do Instituto de Medicina Legal do exame feito ao cadáver de Joaquim Alves, de 58 anos, conhecido pela alcunha de «Alicate», e que apareceu morto, conforme se noticiou, num monte de papeis, tapado por dois casacos velhos e dois caixotes, á entrada da barraca que lhe servia de habitação, na Rua Conde de Sabugosa. O resultado do referido exame conduzirá ao encerramento das investigações sobre o caso, se vier a considerar-se não ter havido crime na morte do pobre homem.

A VII VOLTA AÉREA GALAICO-DURIENSE

BRAGA, 10 — Com a partida, ás 14 horas, do aeródromo de Palmeira, dos aparelhos concorrentes, começou a VII Volta Aérea Galaico-Duriense e Volta á Galiza, este ano incluída nas comemorações do centenário do nascimento do sábio almirante Gago Coutinho e organizada pelos aeroclubes desta cidade e de Chaves.

Os aviões portugueses e espanhóis cobrem a primeira etapa Braga-Cascais, passando pelos aeródromos de Mirandela, Viseu e Coimbra.

De vez em quando

O meu amigo desportista — o mesmo que frequentemente chama a minha atenção para os feitos do Benfica e as habilidades do Eusébio — anda agora muito (e justificadamente, segundo ele) entusiasmado com as façanhas do Agostinho no «Tour». Mas hoje apareceu-me muito triste, com um comunicado da Federação de Futebol, no qual se dá conta de terem sido castigados doze jogadores do Gouveia — a equipa toda e mais um. Justificação: insultos ao árbitro. Falo pela boca dele, que disto de bola não percebo nada: — «Há aqui exagêro, pela certa; não acredito que doze jogadores, ao mesmo tempo, sem uma única excepção, sejam capazes de insultar a autoridade máxima dentro do campo». O que eu entendo, isso sim, é ser o futebol, afinal, um espelho da vida: um só arroga-se o direito de julgar uma dúzia.

. V. D.

A CRISE NA ITÁLIA

(Continuação da 1.ª página)

dos demo-cristãos e dos socialistas, estas as indicações que saíram de duas importantes reuniões da noite passada: a do Conselho Nacional da Democracia Cristã e a da nova comissão central do Partido Socialista Italiano constituído depois da cisão da sua ala direita, que foi formar o Partido Socialista Unitário (P. S. U.).

Nos democratas - cristãos houve acordo entre os moderados (maioria) e a esquerda (minoria). Flaminio Piccoli, secretário cessante do Partido, foi reeleito por 159 dos 170 votos. Por outro lado, Benigno Zaccagnini que, como Aldo Moro, antigo presidente do Conselho, passou dos moderados para a ala esquerda, foi reeleito presidente do Conselho Nacional por aclamação. Os outros cargos do Partido foram distribuidos de uma forma que reflecte uma vontade geral de unidade num momento particular- entende que a Democra- Piccoli devia sublinhar no seu discurso que «a única solução construtiva da crise é o centro-esquerda e entendo que a Democracia Cristã deve declarar que não está disponível para Governos de «cor única» ou de «intervalo».

Por seu turno, a Comissão Central do Partido Socialista Italiano aprovou por unanimidade, menos 9 votos em branco, vindos do grupo da extrema-esquerda, uma resolução reafirmando a sua confiança no centro-esquerda.

Estas tomadas de posição fornecem indicações exactas a Giuseppe Saragat, presidente da República, que hoje de manhã iniciou consultas com vista ao desenlace da crise.

APREENSÃO DE TABACO

(Continuação da 1.ª página)

(freguesia de Pousafoles) e a apreensão foi consequência de informações que chegaram á Guarda Fiscal, e que estavam a ser convenientemente exploradas.

Procederam á apreensão o cabo da Guarda Fiscal, sr. António Alberto Antunes, acompanhado por três praças em colaboração com o sargento da G. N. R., sr. Faria e um guarda; prosseguem as diligências para se averiguar até que ponto o dono do palheiro, sr. Francisco João Tomé, actualmente residindo em França, poderá estar implicado no caso.

Viaje mais barato com o plano familiar

AGORA TAMBÉM NAS VIAGENS EM AUTOPULLMAN

DESCONTOS ATÉ 30%

Programas e informações:

WAGONS-LITS COOK

LISBOA — Avenida da Liberdade, 103 — Telefones 36 52 1 - 36 15 41

HOTEL RITZ — Rua Rodrigo da Fonseca, 86 — Telef. 68 06 32

PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

CRUZEIROS DE VERÃO

LINEA «C»

CAPITAIS NÓRDICAS
De 12 de Agosto a 10 de Setembro (30 dias)

MARES DO SUL DA EUROPA
De 14 de Setembro a 3 de Outubro (20 dias)

PARTIDAS DE LISBOA
PARA INFORMAÇÕES E RESERVAS

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 322271 | 33255 | 361267
LISBOA 2 - PORTUGAL

OU O SEU AGENTE DE VIAGENS

TV SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 livros técnicos e científicos
Cem editores representados

LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE ÀS 22 HORAS

PAQUIRRI

Figura de excepção

MANUEL CONDE
FREDERICO CUNHA
F. RIVERA "PAQUIRRI"
VICTOR M. MARTIN

FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR
comandados por Joaquim Capoulas
8 TOIROS DE CABRAL DE ASCENSÃO
Telefs.: 771819, 761539, 321712 e 30769

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 570/10 DE JULHO DE 1969

UMA NOVA SECÇÃO

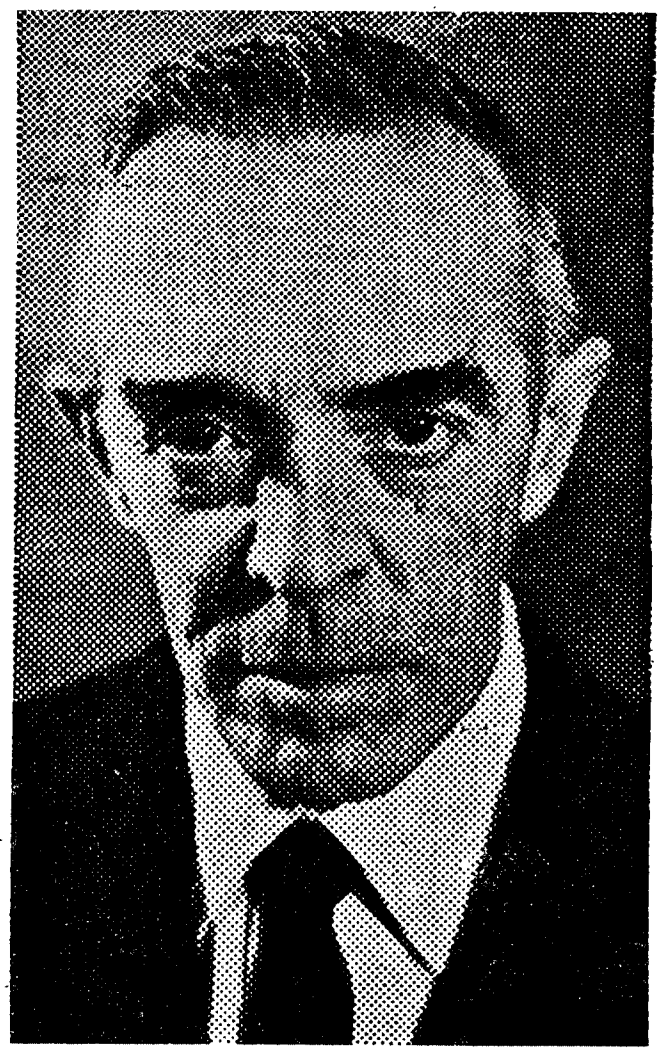
PRONTUÁRIO DAS LETRAS

(nas páginas centrais)

José Régio

40 anos depois

por Fernando Mendonça



UMA das tarefas mais atraentes para o crítico ou o historiador da literatura é, sem dúvida, cotejar obras que na vida literária de um autor possuam uma apreciável distância entre as épocas em que foram escritas. Poder verificar até onde o primeiro livro é ponto de partida e o último é local de chegada; se a viagem empreendida entre os dois em alguma coisa enriqueceu os emblemas do poeta, ou, ainda se a viagem foi tão dilatada que nenhuns vestígios do primeiro restaram para o último. Pois é sabido que, a maior parte das vezes, os poetas rejeitam os primeiros livros de versos, ou lembram-nos condescendentemente como verduras da mocidade, ingenuidades de quem ainda não ganhou a experiência do «terrível ofício de poeta». As primeiras obras públicadas são assim tentativas, passos hesitantes numa carreira em devir. Desta forma, as últimas desdenham das primeiras, riem-se delas possivelmente, ou delas se envergonham com certeza. Onde está o poeta que exiba o seu primeiro livro como expressão que possa ser considerada definitiva? Onde está o poeta que, logo à primeira obra, tenha fixado um rumo sem mudança e levado até ao fim uma viagem rigorosamente marcada desde a hora inicial? Existem esses poetas? Existem sim, mas são raros, e são raros porque são grandes, e são grandes porque puderam resistir ao tempo, porque ficaram acima das modas efémeras, dos estilos de conveniência. E por serem tão poucos passam, às vezes, ao esquecimento ou ao desagravo daqueles que se acotovelam na ânsia de exibir uma roupagem poética de corte mais recente. E o mais habitual (e o mais lamentável também) é que os que chegam logo se põem a empurrar os outros para trás, como se estes fossem folhas mortas que o vento deva arrastar para longe. Na arena dos poetas, o sol quando nasce não é para todos.

Ora a verdade é que os tais acotoveladores trazem consigo a inevitável (e feliz) efemeridade das coisas sem valia que depressa se esquecem, enquanto os outros, os acotovelados, continuam, permanecem, mesmo que a sua poesia tenha «passado de moda» — e isso porque, como se disse atrás, os seus poemas guardam o sortilégio de resistir ao desgaste inevitável do tempo.

ESTAS considerações, talvez não necessárias, vêm a propósito do mais recente livro de versos de José Régio, «Cântico Suspenso», publicado a aproximadamente 40 anos de distância do primeiro que o poeta deu à estampa, «Poemas de Deus e do Diabo». Foi isso em 1925. Entre estes dois livros de poesia, muitos outros publicou o autor, divididos pelo romance, o conto, a novela, o teatro, o ensaio e o próprio verso. Entre «Poemas de Deus e do Diabo» e «Cântico Suspenso», trilhamos «As Encruzilhadas de Deus», que, como os «Poemas de Deus e do Diabo», nos podem valer na tarefa mencionada logo às primeiras linhas deste artigo.

Mas, em primeiro lugar, deve ser dito que o livro de estreia de José Régio não estava no caso daqueles que os poetas rejeitam depois com o correr do tempo. Os «Poemas de Deus e do Diabo» eram a obra de um poeta que principiava, não a obra de um poeta principiante — eram, outrossim, um programa para o resto da vida. Assim sendo, torna-se mais fácil (ou mais difícil) a tarefa de cotejar o primeiro livro e o mais recente. Poderemos responder com maior certeza a perguntas sobre a evolução do autor, da sua problemática, dos seus signos poemáticos, em suma, das possíveis variações ou das possíveis iterações na isotopia do seu discurso poético.

PARECE necessário anotarmos, antes de tudo, que José Régio foi fundador de uma revista que tinha um programa a cumprir na evolução da cultura portuguesa. Como fundador e principal teórico da «Presença», Régio apresentava ele próprio, nas obras que ia publicando, uma problemática que se circunscrevia (ou alargava) aos limites daquele programa. Pode dizer-se que a sua obra poética, romanesca ou ensaística, era programática. Deste modo, os «Poemas de Deus e do Diabo», publicados dois anos antes do primeiro número da «Presença» (1927), eram já o território desse dualismo paradigmático da obra do poeta: o bem e o mal, o espírito e a carne, Deus e o Diabo — o Homem no meio. Problemática, aliás, suficientemente esclarecida num romance elaborado nos anos da efervescência presencista. «Jogo da Cabra Cega», editado pela primeira vez em 1934. Se volvermos o olhar para a sua produção literária, e nos lembrarmos um pouco do conteúdo da mesma, o que veremos nela é uma teimosa fidelidade aos princípios da revista que, com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, fundou, em Coimbra, «Biografia» (1929) era o repertório de sonetos onde o biografismo poético do autor se mantinha fiel ao ideário presencista. A mesma constância poética e programática em «As Encruzilhadas de Deus» (1936) e «Fado» (1941). Em 1961, «Filho do Homem», que ao autor destas linhas se afigura ser o mais belo livro de poemas de José Régio. A partir de «A Chaga do Lado», alguma coisa quer mudar na sua poesia. Estas duas colectâneas afiguram-se ser uma subtil libertação do programa ou caminho fixado em «Poemas de Deus e do Diabo», «Biografia» e «As Encruzilhadas de Deus».

Não seria, portanto, de admirar que a obra mais recente estivesse agora mais longe do ponto de partida. Mas não tão longe. Alguns dos seus poemas sancionam o passado, como, por exemplo, «Sucata». «Legenda para Nada» (breve poema onde a «senhora Dona Lua» se assemelha à Dona Lua que era uma princesa em «Três Máscaras») e, sobretudo, «O Grito», onde reconhecemos claramente o Régio de há 40 anos.

«Davas-me tantos deuses,
[dantes,
Que eu podia escolher,
Enchendo os meus instantes
Com deuses a adular, com
[deuses a ofender».
... ...
«Socorro, deuses vários ou só
[Um!
Socorro, que me afundo
No deserto de todos em
[comum
No mundo!»

«Cântico Suspenso» apresenta, efectivamente, algumas reiterações, não só dos livros mais antigos como dos mais recentes. Certos poemas revestem-se do carácter epigramático dos de «A Chaga do Lado». Outros, dois, sobretudo, glosam o mesmo tema da cidade monstruosa, da cidade trituradora e dos seus acontecimentos mundanos. É o caso de «Havia na Cidade», possivelmente um dos poemas mais significativos do Régio actual, e de «O Baile», ambos repercutindo ecos de «A Cidade Ideal» e «Reportagem», pertencentes a «A Chaga do Lado». Os dois poemas — «Havia na Cidade» e «O Baile» — cujo significado já podíamos, portanto, detectar em 1954, mais longe do «tempo presencista» que do actual, revelam-nos um propósito que também já vínhamos auscultando nos últimos volumes do romance cíclico «A Velha Casa». Mas é bom notar, todavia, que o que se chama aqui de reiteração não quer dizer desgaste e muito menos debilidade. De maneira nenhuma. Pretende-se, sim, assinalar a univocidade da obra de um escritor que é, queiram ou não (e o autor destas linhas já o afirmou em outras oportunidades), o que melhor representa a literatura portuguesa dos últimos 40 anos. Sem dúvida que outros virão a alcançar a mesma representatividade, mas ainda é cedo para lhe tomarem o lugar.

«Cântico Supremo» propõe muitas perspectivas de análise, muitas leituras possíveis, e as que foram apontadas sumàriamente aqui dizem respeito à manutenção de uma problemática, de uma fidelidade programática. Mas o último livro de Régio patenteia um tecido linguístico muito notável, cujo estudo deve ser feito. Não cabendo num simples artigo uma abordagem linguística completa, podem, no entanto, ser tomados um ou dois poemas como campo de descrição da literalidade que nos conduza à sua literariedade. Tome-se, por exemplo, a «Melopeia do Café Deserto». Basta uma leitura superficial para nos darmos conta da insistência do fonema /i/ não só como ponta de verso, ou seja, como rima, mas como recorrência no corpo de cada estrofe. Uma rápida estatística: em 12 estrofes, o fonema /i/ repete-se 17 vezes no final de linha (rima), e aparece 35 vezes como fonema actuante no esquema interno das mesmas 12 estrofes. Pois bem: a repetição deste fonema, mesmo para aqueles que estão longe de tal tipo de análise, provocará, pelo menos, a surpresa da verificação. De facto, ele é obsidiante, gera a sensação da fria e fina luz derramando a melancolia que asfixia. O /i/, luminoso e simultaneamente constritivo, projecta-se reiteradamente no corpo do poema, estimulando a situação rítmico-semântica criadora da circunstância que leva à fruição total. Reportemo-nos às conotações propostas pela fonética impressiva (Grammont) e compreendamos o que podemos ganhar com a descrição de um aparentemente simples poema. A mesma descrição do «corpus» literário pode ser efectuada na «Canção do Moço Jardineiro», onde as aliterações, em certas estrofes, do fonema /v/ ampliam os alarmes da significação. Isto porque, nem seria preciso dizê-lo, num texto literário, é a estrutura que organiza o sentido. Devem ser sublinhados também os esquemas rimáticos dos poemas «O Baile» e «Melopeia do Café

(Continua na 7.ª página)

Uma experiência frágil

TRES TIROS E UMA MORTALHA
Rogerio Fernandes
Pub. Europa-América
Lisboa, 1969

SINTO-ME INDEFESO perante um livro como este. Da leitura ao comentário sobra-me um espaço de desassossego e confusão. Espaço onde nada existe, onde tudo ficou parado. Parece que o tempo não passou por ele. Em nada influiu na sua construção o *acontecimento* do *novo-romance*, nem Grillet, nem Butor, nem Clézio, nem Sollers ou, entre nós, o aparecimento de um Herberto Helder ou de um Almeida Faria. Nele não pesa nem a linguagem nem a aventura nova que com estes autores decisivamente se nos abriu de forma que hoje os consideremos imprescindíveis referências para todo o romance moderno. Trata-se de um livro publicado em 1969 mas poderíamos lê-lo como reedição de um livro originàriamente datado de 1940 não fossem evidentemente, as fugazes e superficiais referências ao Biafra e à Checoslováquia e a outros acontecimentos que sentimos estarem próximo de nós.

Falar deste livro de Rogério Fernandes é pois regressar a um espaço e a

ROGÉRIO FERNANDES

uma problematização de que todos já suficientemente nos cansámos. Tarefa sem dúvida ingrata para a consciência de um leitor cuja missão é agravada pelo facto de ter de exprimir pùblicamente as suas impressões e os seus gostos. De tudo, o mais grave é decerto o esquematismo. O nosso e o do próprio livro. Os seus personagens discutem o *Realismo sem Fronteiras* de Garaudy nos mesmos termos e com os mesmos argumentos com que na altura o livro foi entre nós discutido: dois estudantes aconselham-se a leitura de *Esteiros* ou a audição

das baladas de José Afonso; o autor mostra-nos a juventude de hoje interessada e formando-se através das mesmas referências da juventude do seu tempo. Há aqui uma deslocação, uma ferida aberta, irrecuperável, de que é evidente Rogério Fernandes se não apercebeu ainda em total extensão.

No plano da escrita é notório que o autor se não conseguiu suficientemente distanciar de uma linguagem de teor jornalístico ou ensaístico — actividade em que, até agora, mais o temos reconhecido. Disso se colhem exemplos vários ao longo de todo o livro. Anotemos um, como registo: *A Escola (...) era um edifício recentemente construído, depois de muito suor das «forças vivas» e de muita promessa eleitoral, quando as exigências do tímido processo industrial tinham imposto a elevação qualitativa da mão-de-obra* (pág. 51).

Seria portanto fácil negar a experiência deste livro inconsistente. A isso preferimos no entanto a capacidade de o recebermos como totalidade, suficientemente abertos para reconhecermos a verdade com que nos fala ou o apelo com que nos chama a uma adesão que, confessemo-lo, não pôde, apesar de tudo, deixar de ser fugaz e transitória. É a vida na sua dureza inicial que aqui nos é transmitida numa linguagem seca, substantiva, irregular nessa sua crueza de origem. Experiências breves, algumas meramente descritivas e evocatórias como *Album de Família*, outras um pouco mais consistentes apesar da linearidade com que tudo se nos oferece para leitura. Nós reconhecemos em Rogério Fernandes (pelo menos através do que nos é dado observar neste livro) a capacidade de procura e investigação, a aventura dolorosa e humilde que poderia fazer evoluir o discurso literário com que se nos apresenta. Em literatura, como no resto, não é a teoria que conta mas o que dela nos chega como proposta ou realização. Frase cujo sentido se nos mostra já evidente por tão frequentemente repetida mas que as circunstâncias nos obrigam agora a recordar. Apenas esporàdicamente, algumas passagens da narrativa intitulada *É como canja!*, logram ultrapassar esse esquematismo de processos através de uma interna harmonia que nos foi grato constatar. Parece-nos aliás inegável ser esta a narrativa mais perfeitamente conseguida e,

talvez por isso, o narrador se nos mostra visivelmente dominado pela sua própria narração.

Rogério Fernandes anuncia-nos para breve a publicação de um romance. Sem querermos entrar num campo de previsões — que seriam sem dúvida absurdas e despropositadas — ousamos no entanto afirmar que um caminho longo e difícil terá de ser cumprido para que esse romance possa qualitativamente elevar à frágil experiência que nos foi agora apresentada.

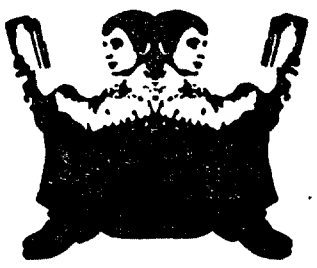
NELSON DE MATOS

Os 38 poemas de Mao Tsé-tung

A totalidade dos poemas conhecidos de Mao Tsè-Tung, num conjunto de trinta e oito, foi recentemente reunida, traduzida e editada em França pela primeira vez. Guy Brossolet que conhece a China de hoje e ali tem passado frequentes temporadas, é o responsável da iniciativa cuja publicação coube ás Éditions de L'Herne.

Cada poema é objecto de um comentário em que se esclarece o sentido histórico e metafísico que o enforma. A este trabalho de exegese acrescenta-se a divulgação de seis poemas totalmente inéditos em francês e apresentam-se novas traduções de vinte e três outros. O poeta chinês Ho Ru e o professor Paul Demieville, do Colégio de França, tomaram a seu cargo o trabalho das versões do texto poético.

Na sua excelente introdução — diz o comentador



de *Le Monde*, 28 Junho — Guy Brossolet caracteriza com autoridade e rigor a poesia de Mao. Poesia de circunstância, repassada de um fôlego épico de grande inspiração tradicional, esta colectânea marca o acesso da velha China ao mundo moderno. Localizados no contexto dos acontecimentos a que se referem, os *Trinta e Oito Poemas* surgem como um breviário histórico e um programa de acção onde a clareza imaginativa exclui o retórico e a beleza lírica se faz da recusa ao artifício.

A leitura e a crítica

CIDADE SOLITÁRIA
Fernando Namora
4.ª edição 1969
Pub. Europa-América

TODA A LEITURA é um acto provisório e apenas dura enquanto permanece o que no tempo ou em mim a condiciona. Sobre o silêncio da página as palavras dispõem-se na sua hierarquia própria. É aí que elas brilham na sua natureza de signos. Nada significam, no entanto, presas a esse espaço em que apenas são objecto de um discurso que sob elas se oculta. Discurso inacabado, de sentido sempre iniciático, nunca totalmente entendido. Só através da minha leitura as palavras de novo significam, me reenviam a um universo conhecido ou me aludem a outro de que essa leitura poderá ser a possível demarcação. Sem mim, sem o discurso paralelo que sobre elas eu farei incidir, as palavras não serão mais do que símbolos possíveis na expectativa de uma leitura que os ordene e recomponha. O exercício da crítica é assim sobretudo um gesto de interpretação, descoberta dos ocultos sentidos que na obra já estavam à espera. Sem a leitura, sem o comentário, a obra não existe a não ser como objecto. É no discurso interpretativo da crítica que ela aparece como sujeito potencial. Assim como a fala do mundo, das coisas ou das outras obras, são o sujeito da criação inicial, é a obra acabada, a obra sempre a refazer, o sujeito possível a que alude o discurso paralelo da crítica.

Mas a leitura é, já o dissemos, um acto provisório de reflexão. Na obra permanecem sempre novos sentidos que só o tempo um dia saberá convenientemente iluminar. A minha leitura condicionada é assim sempre imperfeita, sempre inacabada. Ela apenas perseguirá o que no momento esses condicionamentos aí me deixarem ler. É talvez por isso que, quase periòdicamente, a necessidade de uma revisão crítica das obras do passado se nos impõe. Permanecerão ainda nelas todas as virtualidades e sugestões a que aludia a crítica do seu tempo? De que forma diferente hoje as poderemos ler? Como resistiram elas à passagem do tempo e, portanto, a tudo o que hoje mais claramente se nos esclareceu? Isso o que decerto a crítica terá continuamente de rever na medida em que as suas capacidades de entendimento igualmente se alteraram.

Quando Eduardo Prado Coelho encetou entre nós a releitura da poesia de um Régio, nós pudemos ver, em espanto e em inquietação, de que forma essa poesia de nós se distanciou, como o que nela ainda nos chamava era já só o resultado de uma leitura que não voltáramos a pensar. A poesia de Régio, evidentemente, não resistiu à passagem do tempo, silenciou-se, e é talvez por isso que cada vez menos a juventude se sente tentada a lê-lo, a não ser com o interesse historiográfico que evidentemente mantém.

E como Régio outros autores hoje nos estão exigindo uma revisão crítica e interpretativa. Talvez porque o espaço em que se move o nosso actual conhecimento tão decisivamente se alterou. Talvez até devido ao anárquico entusiasmo das novas gerações, pretendendo reconstruir o mundo à sua medida, desprezando radicalmente as sugestões do passado — o que não é evidentemente novo nem espectacular visto que tal fenómeno se repete ao longo do tempo e em períodos de intervalos quase regulares. No plano da contestação de uma sociedade e de uma cultura não nos forneceu até agora o nosso tempo exemplo maior do que a revolta estudantil que se alargou por tantos e tão diversos países. Por ela decisivamente se pôs em causa uma estrutura que subitamente se nos mostrou caduca e sobretudo fàcilmente abalável.

Ao receber esta 4.ª edição de «Cidade Solitária» pensei como temos hoje reflectido tão pouco sobre a já extensa obra deste autor. Ela no entanto aí permanece; reedições sucessivas que decerto nos mostrarão como lhe é ainda constante o interesse de um certo sector do público. Público evidentemente não jovem mas a quem a obra de Fernando Namora, plena de sugestões, continua ainda a falar. Público ainda não contagiado pela necessidade de revisão de certas concepções que o tempo, à altura de produção da obra, não deixou que fossem expressas a não ser sob formas deformadas.

É decerto muito arriscado (não sei até se injusto) afirmar-se aqui que «Cidade Solitária» nos não chama já àquela entusiástica adesão das primeiras leituras. É decerto ainda mais arriscado dizer que a obra de Namora foi esquecida pelos leitores mais jovens, pelos novos leitores em formação. Fazêmo-lo no entanto sem qualquer atitude de má-consciência; pretendemos apenas, como leitores interessados, discutir as razões que fizeram com que

esta obra fosse lentamente perdendo significado e interesse para nós. Questões, evidentemente, que só através de um rigoroso estudo se nos poderão um dia esclarecer. É isto a crítica de hebdomadários. Ela é sobretudo alusão ao que a análise literária poderá vir um dia a ocupar-se em profundidade.

Mas retomemos esta «Cidade Solitária». Será que o livro na verdade envelheceu? Será que o que nele ontem nos chamava, assim tão ràpidamente se gastou? Questões, decerto, de difícil abordagem, na medida em que esta obra, publicada pela primeira vez em 1959, tem apenas dez anos de autónoma existência. É grave, talvez, apresentá-las assim a um escritor que dramàticamente sempre procurou viver o seu tempo em consciência e integridade, mantendo-se o mais possível aberto ao que esse mesmo tempo lhe foi sempre sugerindo. Isso aliás o que nos mostra toda a sua actividade posterior a «Domingo à Tarde». Possivelmente, até, o próprio Fernando Namora se terá já apercebido do algum envelhecimento da sua obra anterior. Reconhecemos-lhe e admiramos-lhe essa sua capacidade de auto-reflexão e é por isso que, também para nós, nos foi difícil vir aqui apontar-lhe, de forma tão linear, o nosso actual desapontamento de leitores. Por outro lado, valerá sequer a pena repensar um livro que adquiriu já uma textura própria, que o público continua a exigir, como aliás o prova esta sua 4.ª edição? Decerto, é sempre lícito fazê-lo — isso nos afirma o esforço de revisão crítica que definitivamente terá de ser encetado. No plano moral, no entanto, a questão é bem mais delicada.

Penso que o que nos livros de Namora de nós mais se distanciou foi sobretudo a linguagem, a fácil adjectivação, a imaginação estereotipada, a construção linear. Quanto à básica estruturação destas narrativas é fácil encontrar o narrador omnisciente, o diálogo hiperbólico, um desfecho violento, quase sempre moralizante. Construção pois repetitiva, sem arrojo ou aventura, fechada sobre si, resolvendo-se num restrito número de fórmulas, quase sempre as mais fáceis. Além disso, a problemática expressa por Namora sempre nos reenviou a um universo pequeno-burguês — mesmo quando as soluções encontradas nos pareceram de mais funda ruptura com esse mundo. Mundo de compromissos, de fechadas hierarquias, de liberdades fictícias, de relações sociais em estereotipo, de um jogo constante onde a defesa de princípios se acaba por confundir com a de um cerrado individualismo.

É neste sentido que uma obra envelhece para a leitura do futuro. Gastam-se os seus símbolos ou eles começam a poder ser lidos de uma forma diferente. Sobre a página impressa as palavras adormecem fechadas num sentido que o tempo já lhes não reabilita. Aí permanecerão cada vez mais objectualizadas na sua natureza de signos que a nada já nos sabem reenviar. O meu esforço de leitor passa por elas como por uma superfície lisa. É uma leitura dramática, quase dolorosa. Entre mim e a obra estabeleceu-se um hiato, um espaço vazio, uma distância sem formas que apenas historiogràficamente pode ser transposta. Sem o diálogo, sem a leitura de que seria sujeito potencial, ela, a obra, cada vez mais se fechará na sua natureza substancializada.

N. de M.

A descoberta dos novos

por Rocha de Sousa

FERRAZ, PAIZANA, EVANS, FÁTIMA, CALHAU, LAPAS, NESBITT, VAZ VIEIRA, BEATRIZ, POMAR
Galeria Quadrante

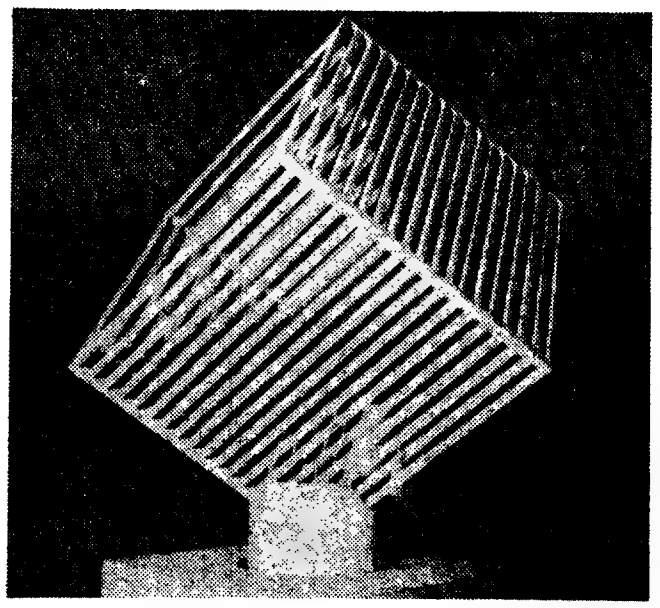
FICOU-SE A DEVER A Galeria Quadrante, no início da sua actividade, uma das primeiras tentativas de facultar aos jovens artistas as mesmas disponibilidades de espaço e de esforço promotor que geralmente se concedem a autores consagrados Só a Sociedade Nacioal de Belas-Artes tinha procurado encarar, no domínio público, esse problema, justamente ao instituir o Salão Estímulo destinado a enquadrar as obras da geração mais recente. O Salão dos Novíssimos, do extinto S. N. I., embora de certo modo dirigido no mesmo sentido tornou-se rápidamente permeável a confrontos mais ambíguos e foi abandonado. O mesmo sucedeu na S. N. B. A. com o Salão Estímulo, na medida em que não era possível todos os anos garantir uma produção equivalente na quantidade e na qualidade, isto é: não era possível conservar honestamente a função didáctica que se queria atribuir a tal iniciativa.

No caso da Galeira Quadrante, para além do risco frontalmente enfrentado, as coisas passam-se de outro modo De facto, a atenção conferida aos jovens pode basear-se numa selecção mais lenta e sobretudo reduzida a menor numero de autores. Esta é, na verdade, uma das razões do sucesso que esta Galeria tem obtido com exposições de autores novos, desempenhando assim um papel importante na renovação dos quadros desta actividade e agitando o meio com propostas que, não sendo precisamente óptimas, têm a rara qualidade de um frescura pouco natural entre nós.

A primeira exposição deste tipo que a Galeria Quadrante realizou, sem beneficiar do apoio geral e suportando a desconfiança das pessoas *muito sérias*, revelou-se construtiva a muitos títulos e restituiu a alguns elementos da geração mais nova a esperança de poderem também, com dignidade, experimentar a sua voz e definir a sua afirmação.

OS JOVENS AUSENTES

Tivemos oportunidade de exprimir, nestas colunas, a nossa desaprovação em face do trabalho desenvolvido pelo juri do Concurso de Artes Plásticas promovido pelo Banco Português do Atlantico. Num salão que se revelou claramente reaccionário pela hibridez da selecção e da premiação, a presença dos artistas mais novos aparecia fraccionada na sua natural sequência, a demonstrar lacunas de leitura, receios, retrocessos, uma censurável timidez da parte de um juri tão responsável e tão auto-responsabilizado. Empenhado moderadamente num eclectismo das escolhas, o juri permitiu que muitas peças de baixo nível, em alguns casos de artistas consagrados, substituissem as provas de irreverência ou de juventude que certos autores jovens têm vindo a estabelecer, á medida que definem um novo tempe-



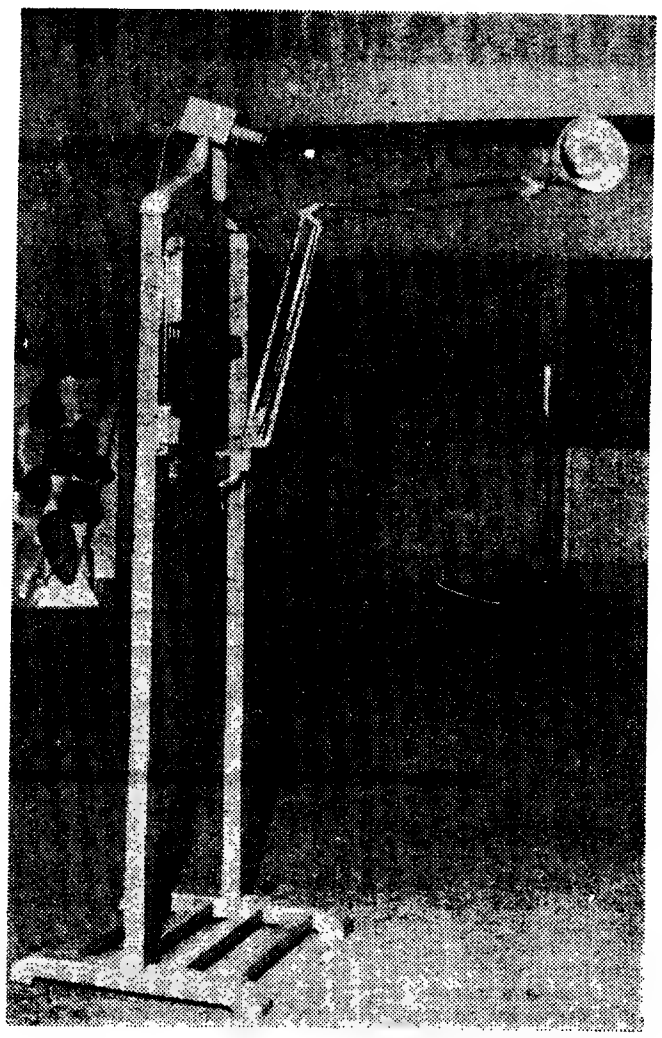
Estrutura cúbica de António Paizana

ramento e uma nova sensibilidade. As soluções de compromisso eram visíveis e a descontinuidade didáctica notória. O júri parecia desconhecer, inclusivamente através das suas transigências perante nomes mais recentes, a existência de muitos artistas ainda obscuros, ainda incipientes, mas que na verdade interpretam uma direcção diferente do facto artístico nos objectos que produzem.

OS JOVENS PRESENTES

Com a nova exposição de artistas jovens, promovida pela Galeria Quadrante, estamos em presença de um conjunto de personalidades que foram sistemàticamente recusadas no concurso atrás referido, tendo apenas duas delas beneficiado de uma permeabilidade restrita. Perante essa exposição, e em face da sua singular juventude, podemos agora confirmar e reforçar a nossa opinião atrás declarada. E admitimos naturalmente que as peças apresentadas pela Quadrante são apenas o exemplo limitado de um mostruário mais vasto que se pode praticar, dividir, relacionar.

Fazem parte do conjunto em referência os seguintes autores: António Ferraz António Paizana, David Evans, Fátima, Fernando Calhau, Helena Lapas, Jorge Nesbitt, José Vaz Vieira, Maria Beatriz e Vítor Pomar. Destes artistas, só dois tinham trabalhos na Exposição do Banco Português do Atlântico, e reduzidos à tolerância de um por cada. Devemos acrescentar, entretanto, que o conjunto é equilibrado e que as experiências, embora de direcções diferentes, parecem deduzidas de um denominador comum: uma juventude atenta, irreverente, divertida nas suas acusações ou nas suas provocações, capaz de investigar disponível, activa e saudável. Sem nenhuma complicação de palavras, propositadamente, e isto o que se pode reconhecer na sala da Galeria Quadrante. Em vez de nos colocarmos na suficiência do rigor técnico, devemos começar pelo espírito que atravessa as pessoas, se os objectos que elas fazem se mostram animados de uma vida nova, se demonstram coragem, se têm um movimento próprio. Claro que não estamos em presença de coisas prodigiosas (nem sabemos se há disso entre nós), mas estamos de certeza em presença de uma atmosfera particular, bem humorada, bem dirigida às pessoas, que decorre de acções já programadas e que não permite a demissão do espectador.



Máquina de J. Nesbitt: provocação pelo humor

APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

António Ferraz: pratica uma arte de objectos, procurando accionar através da sua tridimensionalidade os problemas do espaço, do movimento e da luz. O resultado do seu trabalho é ainda pobre ao nível dos materiais de aparência e do seu manejo, sobretudo na medida em que os objectos desta natureza devem ser muito claros na sua formulação física. Seja como for, a própria irregularidade dos acabamentos, demonstrando a pobreza dos meios, ajuda a delinear um empenho verdadeiro, uma insistência decidida nas ideias. E estas ideias, que não são inteiramente novas, são em António Ferraz particularizadas no *tom* Os seus objectos surpreendem e divertem. Os movimentos que propõem (através de levíssimas esferas brancas impulsionadas ritmica e continuamente por uma corrente de ar dirigida) comprometem-nos numa dinâmica e num espectáculo singulares.

António Paizana: também neste autor o movimento aparece como uma das suas preocupações plásticas. Igualmente um movimento real, imprimido a uma estrutura cúbica constituida por réguas paralelas e pintadas nas quatro faces. As condições da percepção alteram-se assim na sequência do movimento, permitindo uma dinâmica das cores e propondo uma oscilação óptica constante. O mesmo sucede no seu objecto estático, quanto aos efeitos conseguidos, mas partindo da colocação relativa do espectador e da sua capacidade de agir.

David Evans: é curioso reparar como este autor ganhou coerência com a apresentação dos seus dois quadros do mesmo formato. O jogo de estruturas, de sinais e de movimentos que ele nos propõe num quadro, justifica-se e completa-se no outro. Para além das condições do ofício, que são precárias e de resultados pouco rigorosos, os problemas surgem clarificados na confrontação necessária das duas peças. Partindo de uma armadura geométrica muito simples, decorrente de um jogo de perpendiculares e de diagonais segmentadas, David Evans repete uma cadeia de formas definidas por um escalonamento dos tons e dos valores. A sucessibilidade dos elementos consequentes é aqui uma constante formal.

Fátima: o trabalho desta autora decide-se também no objecto, partindo de materiais como a madeira e o plástico. A forma de comportamento irónico, que se aproxima de uma alegria de infância reassumida, tem nesta produção o sinónimo da irreverência. A absurdidade do objecto, a brusca definição dos elementos e das cores, tudo contribui para uma leitura aberta, mas dentro de um apelo táctil e visual irresistíveis. A imaginação é um dado fundamental do mecanismo criador, e a sensibilidade também: ambas se reconhecem na ousadia com que Fátima se exprime.

Fernando Calhau: partindo de estruturas primárias, de cores elementares, e mantendo uma severa vigilância sobre o comportamento dos materiais, este autor insiste no despojamento formal, na construção sintética, procurando decidir uma linguagem directa e uma comunicação imediata.

Helena Lapas: prosseguindo uma actividade já iniciada há anos esta pintora continua a bordar formas murais, num caminho plástico e estético coincidente com o da tapeçaria. A peça que apresenta nesta exposição estabelece o confronto de pontos diferentes e portanto de matérias descontínuas e antagónicas. O seu grau de emotividade, baseado igualmente no barroquismo das figuras, é muito grande. Apesar da sua correspondência com a tapeçaria, este bordado prefere uma leitura próxima, destina-se à intimidade, aceita-se no viver quotidiano.

Jorge Nesbitt: de forma sintomática, o autor em referência envereda também pelo domínio do objecto e é, sem duvida, o que se coloca na posição mais irreverente. Provocando com humor Nesbitt constrói máquinas que irònicamente substituem as máquinas *sérias* de tarefas semelhantes: contar, somar, denunciar, apontar. O espectador da Quadrante é sucessivamente agredido pelo choque da luz, pelo ruído da campainha ou pela secreta e caprichosa acumulação dos números que ele próprio, irremediàvelmente, desencadeia.

José Vaz Vieira: A figuração, em Vaz Vieira, é um processo de abordar a realidade e de construir o quadro. Relacionando a visão comum, no retrato objectivo das coisas, com as associações subjetivas, ele cria simultaneidades significantes. Há no entanto na sua pintura (ainda) uma hesitação ou uma timidez que lhe retiram do corpo a força que poderia ter.

Maria Beatriz: Ainda o objecto, apesar da suspensão contra a parede. Da gravura, na sua preocupação artesanal, Beatriz passa á caricatura inquietante do quotidiano, á criação de personagens. A violência do retrato dessas personagens corresponde á dimensão grotesca e secreta da sua fala.

Vitor Pomar: uma faixa amarela obliqua cortando a tela branca, de alto a baixo. Isto é: uma estrutura dinâmica traduzida da forma mais sintética. Simplificação e despojamento. De outro modo: a secreta exigência do absurdo na substantivação dos meios.

Acaba de sair a 3.ª edição de uma obra fundamental de António José Saraiva

PARA A HISTÓRIA DA CULTURA EM PORTUGAL (vol. I)

Um título imprescindível a todos os estudiosos e a todos os que se interessam pelos problemas básicos da sua pátria.

Col. "Estudos e Documentos" Obra em 2 volumes
1.º vol., 288 págs..... 40$ 2.º vol., 368 págs..... 50$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 3 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 47, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

ALEXANDRE O'NEILL: de pé na soleira

por L. Lafayette Pinto

COM O APARECIMENTO RECENTE do livro de Alexandre O' Neill, «De ombro na ombreira», uma pergunta surge-nos de imediato: Que representa esta publicação dentro da totalidade de sua obra?

Um retrocesso a «Tempo de Fantasmas», seu primeiro livro de poemas, acompanhando o poeta através dos livros que o seguiram permitirá traçarmos a linha evolutiva da sua obra e sua contínua acção desde aí até à última publicação.

A preocupação social faz com que, primeiramente, o poeta se interesse pelo neo-realismo mas há em O'Neill um incessante revoltar-se e uma necessidade de agressão maior do que a acção deste movimento. Liga-se então ao *Grupo Surrealista de Lisboa* e é justamente neste clima de anarquia, revolta e destruição que o poeta desenvolverá seu gosto pela sátira.

Convém lembrar a individualidade dos poetas de vanguarda em Portugal e o pouco que representou o surrealismo como movimento. A importância deste vem exactamente desta tomada de posição diante dos desconcertos do mundo, posição essa que vem desde Baudelaire e que se nota de maneira subtil em alguns poetas de «Orpheu». Em que consiste pròpriamente esta atitude? Diante dos moldes da vida actual, o homem revolta-se, negando-a e criando no irreal, pelas asas da imaginação, o seu mundo: possível porque vivido na sua arte, impossível porque reinventado pela imaginação. Surrealistas foram então todos aqueles que, quer na poesia e literatura, quer nas artes plásticas, cinema e até mesmo fotografia, diante da *«organização-desorganização»* da sociedade de hoje, preferiram negá-lo e destruí-la através da agressão envolta muitas vezes em capa de humor e ironia, criando em oposição uma vida *«desorganização-organização»* nascida do mundo onírico. E, para o poeta, o que será este mundo? Um mundo de sonho no sentido freudiano em que a imaginação visa à liberdade essencial do homem e sua realização através do amor.

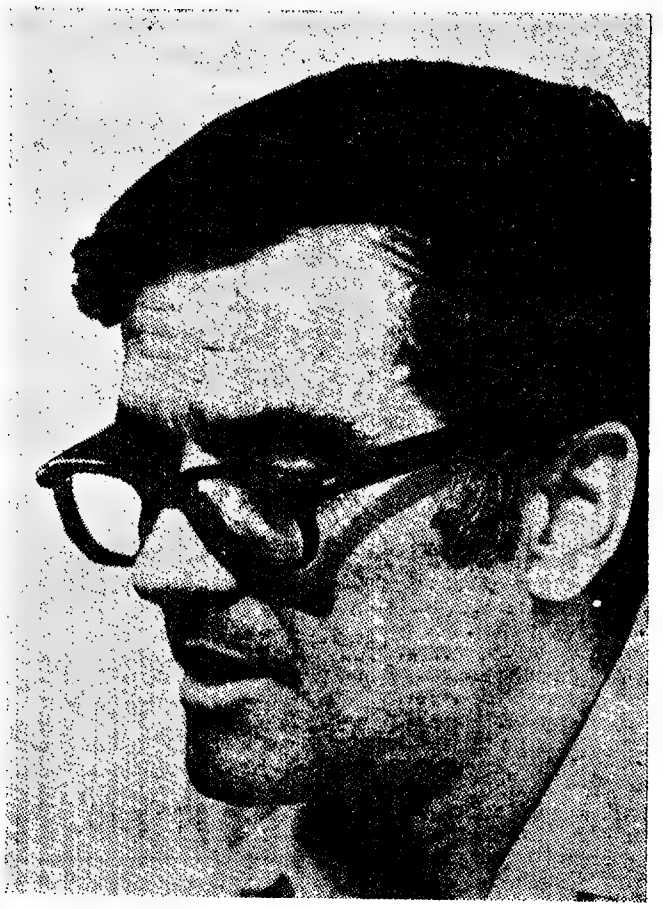
O surrealismo deu então ao poeta, a oportunidade de «libertar-se» e das janelas de seu próprio «mundo», lançar contra a sociedade, a sua maior arma de defesa: *a agressão* através do humor. Este aparece já em «Tempo de Fantasmas» ganhando vulto sobretudo em «No Reino da Dinamarca» com os *Inventários surrealistas*. Quase que um simples jogo ao «cadáver esquisito», os inventários enumeram «os valores» da vida burguesa actual e à medida que são lançados num verso, sofrem forte carga de humor. Este humor realça aqueles valores e os versos definem o desprêza do poeta pelo respeito às aparências da sociedade (não se poupando a ele próprio como integrante desta mesma sociedade). É nesta atitude de despreza e agressão a si e à sociedade que se faz sentir o comprometimento do poeta: fechado em si e procurando abafar o lirismo que por vezes extravasa no poema, através da grande força irónica que impõe a seus versos. O'Neill mostra-se um poeta comprometido na busca do essencial, do verdadeiro, ressaltando as contradições da vida de hoje.

O amor também aparece em sua obra, como realização essencial do homem mas um amar que tenha consequência, completamente afastado do tempo e do espaço do «aqui». No poeta, o amor está directamente ligado ao tempo que é uma constante de sua poesia. Sente-se sobretudo em Alexandre O'Neill, aquela asfixia do *tempo português* encontrada aliás na geração do pós-guerra: os cafés cheios, os combóios que passam carregando o sono para o trabalho e os ponteiros dos relógios a levar consigo, minutos do nada feito, horas estáticas, dias vazios e inúteis, vida não vivida, fora do borbulhar de um mundo que não pára, que marcha, que continua. E o poeta preso a *relógios de ponteiro de visgo* que marcam a vida burocrática, morosa, que a nada leva, que prende e escraviza o homem. Há em seus versos, a amargura do tempo dos relógios do silêncio, das horas que passam e da vida que não se modifica. O tempo configurado pelos *relógios Dali*, a levar o imutável; relógios que não vivem, que não deixam viver, a carregar o que não se fez.

É em «No Reino da Dinamarca» que se nota mais nitidamente a amargura do poeta e o lirismo ganha força apesar do esforço que faz por ocultá-lo. Já em «De ombro no ombro» este foi quase esquecido e é o humor que domina a maioria dos poemas. O humor e a ironia funcionam na obra do poeta como um anticorpo, em constante *destruir-construir* para chegar à essência das coisas.

Forma é fundo aparecendo e a forma do poema guida de uma exdrúxula, estendendo o verso e acompanhando o andar lento de um lagarto ou de uma exdrúxula seguida de paroxítona e fechando o verso com um monossílabo marcando os saltos de uma pulga.

E o poeta dentro desta teia a manejar, lançar, provocar num afã de reunir, de fazer viver a palavra a cada martelada que dá, hábil carpinteiro na construção do verso. Este constante burilar a forma, este lançar-se à busca da palavra exacta faz-nos aproximá-lo de Carlos Drummond de Andrade também preso à tentativa de libertar as palavras em estado de dicionário: *«Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra/*



O'Neill: exemplar representante da sátira

mostrará também este incessante labor de destruir o que já foi dito para que apenas a palavra do momento transmita o essencial e logo se extinga na combustão das próximas *«Palavras que não esperassem / Em sal ou em diamante / O minuto ridículo precioso raro / De sangrar a luz a gota do veneno / / Cativa das entranhas ociosas.*

Torna-se necessário chamarmos a atenção sobre o poema «Animais doentes» de «No Reino da Dinamarca». De tal maneira forma e fundo se identificam que

as palavras (quer como lagartos melancólicos e portanto difíceis de despertar, quér pequenissimas pulgas, rápidas no salto), são definidas por um extraordinário ritmo obtido pela acentuação paroxítona se- */ e te pergunta, sem interesse pela resposta / pobre ou terrível que lhes deres: / / Trouxeste a chave?*

E parece que Alexandre O'Neill tem a chave. Num incansável jogo de abstrair o concreto e concretizar o abstracto, o poeta vai à palavra em si que transmita a essência e elas por vezes tomam corpo para que vivam dentro do poema *«Há palavras que nos beijam / como se tivessem boca»*.

Através de metáforas arrojadas e dinâmicas, consegue dinamizar todo o poema que chega a constituir uma só metáfora. O verso é fulminado no aparecimento do verso seguinte, e, neste momento, só ele existe, só ele é o último instante de poesia a transmitir o mundo do poeta.

«De ombro na ombreira», o poeta observa o mundo numa atitude de simples espectador e verseja, ora guardando a sua palavra lírica, *sem esperança, sem recado na garrafa*, ora lançando-a embebida do humor que nele ganha riqueza e que faz do poeta um exemplar representante da sátira em Portugal.

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

A minoria no poder

Sùbitamente chegam à nossa mesa três livros de jovens poetas: primeiro «Algumas Palavras», **de Eduardo Guerra Carneiro, com a chancela da colecção Nova Realidade (distribuida a partir de Tomar); depois** «O amor e a guerra», **de A. César Oliveira e** «Rotura — homens contra homens», **de J. Vigário Santos Silva, ambos editados no Porto pelos seus autores.**

Fica-se a pensar que César Oliveira e Santos Silva gastaram muito dinheiro para dar a ler estes poemas. Dos três só Guerra Carneiro teve sorte ao ser aceite por um editor corajoso: o livreiro (é assim que ele gosta de imprimir o nome) Júlio Estudante. No fundo ninguém quer lançar jovens autores. Maria Isabel Barreno, a autora de «De noite as árvores são negras», ainda não conseguiu ver publicado o seu primeiro original e quanto ao segundo chegou a desesperar. Por isso ela falou ao nosso suplemento sobre uma cooperativa de escritores novos — nos moldes da Gravura — como sendo «experiência a tentar», já que «os editores temem o risco dum escritor novato» e «julgam jogar pelo seguro editando o que já está aceite».

A quase totalidade dos jovens autopublica-se e nove vezes em dez recebe como resposta o silêncio ou a indiferença. Não temos república das letras nem coisa que se pareça: a minoria instalou-se no poder.

«Um esgar lusíada de troça»

Em edição da Parceria A. M. Pereira, Lda., apareceu nas livrarias um pequeno opúsculo poético de António de Cértima: **«Soldado, Volta!»** Na expectativa de futuros aumentos de tiragem esta vem classificada como 1.º milhar, o que não deixará de causar a inveja mais acesa entre os cultores de versos. Deixamos registado um pequeno apontamento eloquente:

«Não voltes até que, ao lado do teu ir-
[mão de cor,
erguendo-te incomensurável
sobre os covis abjectos das nações,
tu possas gritar a estas,
no esplêndido furor
de um esgar lusíada de troça:
— Para trás, poltrões!
aqui, palmo a palmo, — a terra é
[Nossa!»

Fred Mercey

O «copyright» é da editora espanhola Rollán, o título original também vem em castelhano. Só o nome do autor parece à primeira vista anglo-saxónico, mas os nossos vizinhos do lado têm uma desbordante imaginação neste género de coisas. Queremos falar de **«Vendaval em Angola»**, que a Agência Portuguesa de Revistas meteu na sua colecção «Patrulha de Combate» (n.º 24), em tradução de José de Sá. Trabalho avisado de Fred Mercey, romancista que não conhecíamos, e um roteiro imaginoso com várias cenas de amor copiadas, está bem de ver, de obras semelhantes sobre a Coreia e o Vietnam. Custa poucos escudos e está à venda em todas as tabacarias.

O livro verde de Mobutu

Presidente da República Democrática do Congo, Joseph-Désiré Mobutu inventou o seu pequeno livro verde: **«Paroles du Président»**, tão popular que surgiu agora em Lisboa ao preço concorrencial de 2,5 francos. Lançamento das Éditions du Léopard, de Kinshasa, mas impresso na cidade belga de Tournai à razão de 100 mil exemplares acrescidos de mais 25 encadernados «pleine peau», ou seja com um certo luxo. Extractos de discursos, alocuções e declarações prolongam-se chatamente por 76 páginas. Quando se conhece a vivacidade de Jomo Kenyatta ou a destreza narrativa de Ndabaningi Sithole, para já não falar dos poemas de Senghor, vê-se bem a que ponto o favorito de além-Atlântico transportou para o papel a única linguagem que conhece: a das casernas.

Éluard em português

As publicações D. Quixote, cujos «Cadernos de Poesia» têm tido uma edição média (e mínima) de 2 mil exemplares, lançam por estes dias mais um volume da mesma colecção: poemas de Paul Éluard seleccionados e traduzidos por António Ramos Rosa, que já vertera para português um breve apanhado poético do autor de **«Donner à voir»** em volume das extintas Edições Tempo.

Aliás, tem pelo menos dezassete anos este interesse do poeta algarvio por Éluard: foi em 1952, na também extinta «Árvore», que ele se debruçou pela primeira vez sobre a sua poética.

O «Delfim» não

Constou recentemente com insistência que o último romance de José Cardoso Pires, **«O Delfim»** teria sido submetido à apreciação do conselho de leitura da Fundação Calouste Gulbenkian, por diligência do editor e com vista à sua eventual aquisição para as bibliotecas itinerantes. Mais: o editor teria recebido um «não» redondo.

Consultados o autor e o editor, qualquer deles nega terminantemente essa diligência. A propósito José Cardoso Pires fez-nos a seguinte declaração sobre o assunto: «Considero que seria pejorativo para a dignidade do meu trabalho submetê-lo a um conselho de leitura como aquele que actualmente funciona na Gulbenkian. Os meus editores, pelo menos a Ulisseia e a Moraes, sabem desta minha disposição inequívoca, que de resto foi bem expressa na assinatura dos contratos».

Um jovem realizador português apresenta a sua primeira obra

COM UMA CURTA-METRAGEM de dez minutos, a preto-e-branco e em 35 milímetros (Deambulações do Mensageiro Alado), Edgar Gonçalves Preto (32 anos em Novembro próximo, crítico de cinema, assistente de realização) estreia-se como autor-realizador. O filme, produzido pela Unifilme, fotografado por Costa e Silva e Moedas Miguel e interpretado por Carlos Paulo (o Mensageiro Alado), Herberto Helder, Henrique Espírito Santo e Adelaide João (em curtas aparições), será exibido comercialmente lá para Outubro, aquando da estreia de uma longa metragem igualmente portuguesa. Nós já o vimos, nos laboratórios da Ulyssea, e porque nos não pareceu de boa norma esboçar-lhe antecipadamente a crítica, resolvemos pedir a Gonçalves Preto um depoimento que desde já esclarecesse de algumas das suas características e intenções. Assim, o próprio autor apresenta a sua obra — apresentando-se também.

Moedas Miguel, Gonçalves Preto e Herberto Helder: um filme por prazer e paixão

DEPOIMENTO

de Edgar Gonçalves Preto

DA CRÍTICA À PROFISSÃO

Numa sala obscura, centenas de pessoas sentadas fixam uma tela aonde um filme se desenrola. Em silêncio, emocionam-se, sensibilizam-se, alegram-se, imaginam, exaltam-se, tomam partido por determinadas personagens, julgam.

Depois, se o filme que viram lhes interessa, meditam sobre ele, trocam impressões umas com as outras.

Isto é natural. Acontece com toda a gente. E passou-se comigo, também, desde muito cedo (e quando eu era pequeno ainda não havia a classificação de espectáculos por idades). Por felicidade, o meu pai era amigo dos proprietários dos cinemas do Funchal, o que me permitia ser um quase quotidiano borlista das casas de espectáculos.

Tais circuntancias promoveram-me o interesse pelo cinema.

Entretanto, vou bater a Coimbra, aonde um cineclube com biblioteca me importava mais que as abomináveis sebentas.

Vim então para Lisboa, chumbadíssimo. Mas bem documentado sobre assuntos de cinema, graças aos livros do Cineclube de Coimbra.

Inscrevo-me no Cineclube Universitário. Assisto a debates. Leio os boletins. Formo uma opinião sobre um determinado filme. Escrevo-a e envio-a para um concurso de crítica que o Cineclube promoveu. Tenho um prémio e a crítica é publicada no boletim.

O José Ernesto de Sousa, sempre atento a estas coisas, anexou-me para escrever na revista «Imagem», que ele dirigia na altura, aonde passei a colaborar.

Tempos depois, começava o José Ernesto a rodar o «Dom Roberto». Convida-me para assistente de realização, colaborando num sistema de comparticipação, sem remuneração imediata.

De acordo com os meus pais — que sempre me deram autonomia pra escolher a minha profissão e também os meios para fazê-lo — resolvi abandonar o curso para trabalhar no «Dom Roberto», continuando, eles, a mandar-me regularmente a mensalidade de estudante.

Acompanhei o filme nas fases de rodagem, montagem e sonorização, o que foi uma espécie de estágio.

Acabado o «Dom Roberto», conheci o Fonseca Costa, que me deu trabalho de assistência em filmes de publicidade. Esta colaboração era imediatamente paga, mas irregular, dado que eu ganhava por filme à percentagem, e o Fonseca Costa, nessa época, fazia poucos filmes publicitários.

Surgiu nesse tempo a grande euforia do cinema novo português e das co-produções franco-portuguesas do produtor Cunha Telles.

Foi então que o Fonseca Costa se empenhou em arranjar-me trabalho junto do Cunha Telles, que me deu um lugar de assistente no «Pas de Trois», de Alain Bornet, e, depois, no «Triângulo Circular», de Pierre Kast. (Hoje, estou de novo a trabalhar com este produtor em filmes publicitários).

Mais tarde, o Fonseca Costa organiza-se com a Unifilme, aonde continuei com o meu trabalho de assistanato.

Até que um dia ele se propôs a produzir-me uma curta metragem.

PORQUÊ ESTE TIPO DE FILME?

Aceitei a ideia. Gostava de realizar um filme. Precisava mesmo de fazê-lo. Imaginava histórias, pensava-as, escrevia-as. Depois verificava que elas implicavam muitas deslocações, muito trabalho de preparação de filmagens, e eu não tinha pachorra para isso. Eu tinha de inventar um filme que me divertisse, que me satisfizesse no gozo de criar. Eu queria fazer um filme para tirar daí algum prazer e não para me chatear.

Por outro lado, eu não podia abandonar as minhas tarefas de assistência de realização na Unifilme, durante quinze ou trinta dias, para dedicar-me em absoluto ao filme que pretendia fazer. Teria de filmá-lo aos domingos, quando não tivesse que fazer na Unifilme, com uma equipa reduzida. Tinha de ser, também, uma coisa rodada em exteriores, dado que as filmagens de interiores são mais dispendiosas, com o provável aluguer de projectores, e mais demoradas — e eu não tinha tempo a perder. Sabia que se pensasse num filme, levasse dez ou doze dias de rodagem, isso representaria dez ou doze domingos — logo três meses a filmar.

Concebi o filme em função destas limitações e contando com a amizade da actriz Adelaide João, que eu sabia capaz de meter-se numa aventura destas.

Através dela, conheci um jovem actor — Carlos Pau-

(Continua na 6.ª página)

A lagosta não vencerá!

por Lauro António

«LES DOSSIERS DU B.I.P.E.»
La Langouste ne passera pas!!
de Jean Yanne e Tito Topin
Ed. Casterman, Paris, 1969

COM *LES DOSSIERS DU B. I. P. E.* e o seu primeiro álbum — *La Langouste ne Passera Pas!!* — atinge a história em quadradinhos uma nova dimensão, lançando-se abertamente numa via sátira política já esboçada noutros autores (nomeadamente em *Li'l Abner*, de Al Capp ou em *Jodelle* e *Pravda*, de Pellaert) sem, no entanto, alcançar a sinceridade acutilante desta obra de estreia de Jean Yanne e Tito Topin (de que se anuncia continuação para Outubro próximo em novo álbum, desta feita *Voyage au Centre de la c...ulture*). O aparecimento deste trabalho invulgar merece por isso as honras de acontecimento, tanto mais que, analisado sob um ponto de vista exclusivamente plástico, *La Langouste ne Passera Pas!!* oferece fartos motivos para incondicional admiração, tal é a imaginação patenteada ao longo do arrojado empreendimento e a beleza dos resultados obtidos. Com *Les Dossiers du B. I. P. E.*, Jean Yanne e Tito Topin desenvolvem um caminho pouco explorado e fazem-no num ritmo inventivo que só poderá ser classificado de vertiginoso. Este aspecto parece-nos reflectir bem a maturidade de uma forma de expressão que continuamente se renova.

Les Dossiers du B.I.P.E.: de início vejamos B.I.P.E. A própria história fornece a chave: «*Trata-se da mais formidável organização secreta do Mundo — Bureau d'Investigations pour la Défense des Espèces. A seu lado*, explicam os autores, *o Intelligence Service, a C.I.A., o F.B.I., a N.K.U.D. nada mais são do que miseráveis, ridículos e risíveis grupúsculos que uma simples evocação faz estoirar de riso*». A definição prossegue: «*Pouca gente sabe quais são as suas actividades e muito poucos se poderão aproximar do seu chefe: o príncipe Vrouguard des Alfiges du Tarpoin-Bussuet, que ás mais altas individualidades do mundo citam com infinito respeito, tratando-o por «Monseigneur». «Monseigneur» é, com efeito, o descendente directo das mais célebres famílias da história, como o demonstra a sua árvore geneológica*». Na verdade, ilustrando o texto, aí temos a poderosa árvore geneológica do herói desta história. Partindo do macaco, passando por Darwin, o príncipe conta na família com personalidades como Brigitte (Bardot) Bossuet, Isaac (Dayan) Bossuet, Emile Erckman-Bossuet e Alexandre Chatrian Bossuet, Joe (Trotsky) Bossuritch, Groucho Marx, Lolita, Albertine (Sarrazin-Claude) Mauriac, Charles (V) Bossuet, etc.

Lagosta in the Night: *Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis, Aznavour, Gabin e Lino Ventura*

«*Ce jour-là...* o secretário da ONU, Astra Khan, sobe os Champs-Élysées...

«*Ce jour-là...* 700 milhões de chineses esperam... (todos eles empunhando o *livre rouge*, excepto um que levanta um dissonante *Guide Michelin*).

«*Ce jour-là...* 200 milhões de americanos esperam (Uch!, Hic, Uch!, UCH!).

«*Ce jour-là...* 40 milhões de ingleses esperam...»

«*Ce jour-là...* numa aldeia... duas dezenas de franceses esperam (gritando: «Pompee... doo... pee... doo...»).

Tudo principia, portanto, nesse dia. Dia em que os telefonemas se multiplicam unindo continentes: o o presidente Mao (*Alô, ligue-me a Nixon. O quê? A tomar banho...?*), o presidente Nixon (*Alô, passe-me a Rainha Isabel... O quê? Com sarampo? Na sua idade?...*) a rainha Isabel (*Alô, daqui a rainha. Ligue-me a De Gaulle... O quê? Na ginástica?*) o presidente De Gaulle (*Alô... Aqui Charles... ligue-me para o operário da fábrica de chumbo... O quê? Ainda em greve?*). Nesse dia, Astra Khan, secretário da ONU sentia-se particularmente desanimado quando se re-

(Continua na 6.ª página)

Depoimento

(Continuação da 5.ª página)

lo — que vi representar no Teatro Estudio e cujo convívio me revelou o seu espírito, o seu gosto de representar e a sua inteligência.

Reconciliei a possibilidade de fazer um filme como me apetecia, interpretado por pessoas que punham no desempenho dos seus papeis a mesma aposta de prazer que eu punha na realização.

Entendo que filmar é o gesto lúdico por excelência e o meu filme teria de ser um jogo de inocências.

Tive a sorte de conhecer um outro jovem, meu conterrâneo, que também entra no filme, cujos poemas, á força de espontâneamente inocentes e límpidos, fascinavam numa rigorosa malvadez filotânica FILOTANUS é, para os demonólogos, um demónio de segunda categoria, mas eu considero-o muito importante). Chamava-se Gilberto Spínola. Pelo que dele e dos seus poemas conheci, encontrei um sentido gilbertianista de existir e portanto de criar.

Vi que, quando se dispõe de inocência dentro de nós, pode discorrer-se limpidamente sobre as pequeninas inocências e as pequeninas crueldades, falando para quem o entenda e o mereça.

Assim idealizei um conflito de ironias e inocências de raiz gilbertanista com as DEAMBULAÇÕES DO MENSAGEIRO ALADO.

O ar atrevido e sereno do Carlos Paulo vestido de anjo a passear pela cidade promove uma tentativa de angelicalização do domingo de Lisboa — que as pessoas rejeitam ou acolhem.

O MENSAGEIRO funcionou também para mim como uma espécie de terapêutica, com condão desinibidor, porque o filme é, no fundo, o registo de uma meia dúzia de obcessões que me são gratas, ou pelo menos não me enfastiam.

Achei saudável, por exemplo, fazer passear em frente dum hospital psiquiátrico (Júlio de Matos) um sujeito vestido de anjo.

Pode parecer, outrossim, um acto de crueldade enfiar uma túnica e umas asas de anjo a um jovem de dezassete anos e abandoná-lo á troça dos transeuntes, por vezes á sua violência. Propô-lo a semelhante humilhação pode dar a impressão duma manifestação de sadismo.

Ora tal raciocínio é falso e primário.

Somos nós, espectadores, que na cumplicidade de Carlos Paulo (o Anjo) desfrutamos o gozo de troçar dos passeantes. No filme, já não é o Carlos, mas eles que se tornam ridículos, mesquinhos, grotescos.

Estimo demasiado o Carlos Paulo para obrigá-lo, em vão, a uma situação penosa. Tenho-o na minha cumplicidade e ambos sabemos da experiência de corrosão nos miseráveis fora de nós, para a inauguração da inocência exemplar neste arraial de monstros.

Segui, com a câmara, um Anjo no seu passeio pela cidade, fazendo-o com a disponível cristalinidade que o cinema me exige para sê-lo integralmente.

Também, para ser franco, me importou provar coisas concretas sobre o QUINTO IMPÉRIO e o SEBASTIANISMO, mas interessa-me que as pessoas não dêem por isso. É coisa que reservo para iniciados.

De resto, o MENSAGEIRO é um filme de amplicidade — é a cotovelada do entendimento dirigida a quem a saiba aparar ou á perplexidade de quem a não perceba.

FILMAGENS DE EXTERIORES: OS MIRONES E OS BASBAQUES

Existe um javardo dum monstro no meu filme — a falta de civismo do lisboeta do domingo (e não só). Filma-se numa rua de Lisboa, e logo magotes de basbaques se colocam á frente da máquina «para ficarem na fotografia». Pois bem! Desta vez fiz-lhes o gostinho ao dedo, deixei-os ficar, insolentes e alarves, no campo da objectiva, documentando um tempo, um lugar e um tipo de mentalidade. Interessou-me testemunhar um lisboeta padrão, primário, labrego e mal educado. Não é difícil apanhar exemplares destes. Basta-me sair de casa com a máquina de filmar e carregar no botão na próxima esquina.

Como todo o peso da minha insularidade e a força da minha inocência apega-se-me um grande mal-estar por ter de deslocar-me neste decor metropolitano de trogloditas burocráticos de má formação. Sobretudo os adultos são abomináveis. Com as deambulações, vomito-os, de facto, da minha boca (desculpa a citação, Emanuel).

Daí que o verdadeiro decor do meu filme seja mais o transeunte de Lisboa do que o acidental recorte do Castelo de S. Jorge.

Para mim uma cidade não são as casas, as praças e as árvores. São as pessoas que a habitam.

Ora, nesta cidade neste ambiente, vive um poeta, ferido como eu de insularidade, meu conterrâneo, e meu amigo. Vai poetando por prazer e paixão.

Entendo que assim devemos criar e respirar.

Por prazer e paixão, a Adelaide João e o Carlos Paulo compõem os seus personagens.

Por prazer e paixão, os técnicos colaboraram no meu filme.

Por prazer e paixão, eu o realizarei.

É nesta engrenagem gilbertianista de inocências que participa — que tinha de participar — o poeta Herberto Helder.

O Anjo das deambulações é o portador dum lirismo que já não faz, ou ainda não faz, parte de nós.

A juventude do nosso tempo, prototipada pelos namorados, sem opor-se a esse lirismo, acrescenta-o com um novo elemento — o erotismo, a declarada atenção á aproximação dos corpos, «sem milagre nenhum».

Não só o erotismo vem enriquecer tal lirismo. Também uma ironia de absurdo (o senhor Mendonça, o do eléctrico que sabe que «os anjos não têm costas») e a breve contemplação furtiva da loucura (a passagem em frente ao hospital Júlio de Matos) o podem encarar e devolver compassado com este nosso tempo.

São os poetas que se detêm e amparam este lirismo — descobrem-no, aproveitam-no, fascinam-no (e fascinam-se), apoderam-se dele (ou deixam-se apoderar) e recriam-no com ironia e com sentido erótico.

Tal me parece ser o lirismo específico do nosso poeta Herberto Helder — lírico de modernidade em propostas éticas e em certos casos paragmáticos (inocentes muitas vezes, filotanicas sempre).

O encontro — entendimento entre o Anjo e o Poeta — é o gesto de amor pleno, que Filotanus abençoaria se não fosse um demóniozinho simpático, mas rebelde.

EDGAR GONÇALVES PRETO

NÃO VIAJE PELA

VARIG

Depois, é gastar dinheiro e tempo num restaurante do ponto de destino. Nem valeu a pena sair mais cedo.

É muito melhor comer uma sanduíche e tomar um sumo a bordo.

Os horários da VARIG sempre coincidem com as horas das refeições. Você chegará ao seu destino bem alimentado (o serviço da VARIG é magnífico, todos sabem) - e a passagem afinal de contas ter-lhe-á custado o mesmo dinheiro. Viaje civilizadamente. Pela VARIG.

VIAJE PELA

VARIG

Linhas Aéreas Brasileiras

E almoce (ou jante) a bordo.

McCANN

A lagosta não vencerá!

(Continuação da 5.ª página)

solve dirigir ao quartel general do B. I. P. E., onde espera vir a conhecer o segredo da Paz Vitaminas da Paz. Os monumentais computadores da organização afiançam que antes das cinco horas participarão ao mundo a composição ideal das *vitaminas da paz*, capazes por si só, de suprimirem para sempre as guerras, eliminando do mundo todos os vestígios de desavenças e querelas.

Perito em camuflagem (o príncipe explica: «*Graffiti é o nosso especialista em camuflagem. Nem a própria mãe conseguiu vê-lo nascer.*») eis que surge novo personagem essencialíssimo no posterior desenvolvimento da aventura. Saltando de um quadro dependurado da parede, Graffiti (Che) entra de serviço. Camuflagem e emboscada serão as suas armas. Dele partirá a iniciativa nos momentos decisivos. Ele conduzirá o jogo, estabelecendo-lhe as regras.

Entretanto, ás cinco em ponto, o computador de serviço dá a resposta há tanto tempo esperada, reproduzindo no seu *écran* a imagem inquietante de uma lagosta «*Que significa esta brincadeira?* grita Astra Khan. Mas o computador explicita de imediato: «*A discórdia reina por todo o lado porque os homens têm necessidade de vitaminas L, isto é, vitaminas da paz, vitaminas essas que se encontram ùnicamente na lagosta. Se todos os dias todos os homens consumirem lagosta a paz reinará*»!

A revelação, como fàcilmente se prevê, causa a mais profunda estupefacção entre os delegados da O. N. U. O entusiasmo contamina as pessoas. Será Estaline quem primeiro afirmará: «*Nós já o sabíamos! Há cinquenta anos que exigimos lagosta para a classe operária*». Nos mares, a caça à lagosta é dominante. Os jovens oferecem ramos de lagostas às suas namoradas. Nas fábricas a lagosta passa a fazer parte de todas as ementas. Nas igrejas o latim é modernizado (*Pro Multas Langoustas Deo Gratias*). Na O.N.U., Astra Khan tem novos problemas a resolver: determinados países da Europa, nomeadamente a Suiça (que não tem abertura para o Oceano), tornam-se ràpidamente países sublagostinados. Propõe-se a criação de organismos de repartição mundial das reservas de lagosta. Sùbitamente, porém, as lagostas desaparecem (nos bares de Las Vegas, Frank Sinatra continua cantando *Lagosta in the Night*). Será *Le Sinistre Claudel* (que Graffiti duvida conseguir suportar as novas vagas) que se fará ao mar, perseguindo o mistério. E o mistério existe, enquanto o segredo se mantiver. Donde o silêncio. Silêncio que é da nossa parte uma forma de cumplicidade, um convite ao leitor para tentar ele mesmo penetrar no mundo fascinante de Jean Yanne e Tito Topin. Isto porque *Les Dossiers du B. I. P. E.* é incontestàvelmente a grande revelação deste ano de 1969, tal é a sua poderosa invenção, a riqueza gráfica dos desenhos (coloridos com tons puros e superfícies uniformes, lembrando Pallaert) e a multiplicidade de leituras possíveis. Com *La Langouste ne Passera Pas* entramos no reino do absurdo caminhamos com irreverência na antecipação. Um passeio saudável, alegre, excitante. Jean Yanne e Tito Topin indicam-nos, com inteligência e sensibilidade, uma via de efabulação moderna que cumpre salientar devidamente. O príncipe, Graffiti ou Miss Polly Esther são seguramente os heróis dos nossos dias, os companheiros dessacralizados do mito que perdura. Um mito que não mente.

LAURO ANTÓNIO

José Régio

(Continuação da 1.ª página)

Deserto», onde uma «ars combinatoria» de sonoridades constrói um sistema operativo que merece ser estudado particularmente.

A pesquisa dos estratos semânticos levar-nos-ia longe em «Cântico Suspenso». Poderíamos mesmo desprezar uma leitura temática em que se questionasse o presencismo ou manipulasse teoràticamente um ideário que, apesar de ultrapassado, deixou profundas raízes na literatura portuguesa. Se alguém achar, portanto, que esta leitura temática é, hoje, suficientemente ingénua, ficam as outras, que não serão menos ricas de surpresas. Para atingir-se a global literariedade da poesia de José Régio, até ao local onde, efectivamente, a leitura é refracção (para usar os termos de Aguiar e Silva) muitos aspectos há a descrever no último livro do autor de «Poemas de Deus e do Diabo», ainda que consideremos (o que é duvidoso) já esgotada a análise das correntes de sensibilidade do tempo literário a que, històricamente, ele pertenceu. Pode o gosto do público mudar, podem os problemas culturais e sociológicos ser diferentes de geração para geração — «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades» —, os grandes poetas permanecem, contudo, como há 400 anos permanece o que escreveu este verso. E mal de nós se isso não acontecesse. Que fariamos de tantos poetas de quem nos orgulhamos mas não lemos porque nem sempre estamos dispostos a não achá-los enfadonhos? E esse não é, de forma alguma, o caso de Régio, cuja poesia conserva a surpresa das relações vocabulares, se organiza na singularidade que sempre buscamos na obra literária. A «qualidade de divergência» (Shklovskij), como impulso criador na ocupação do espaço, desfolha-se intensamente nas páginas de *Cântico Suspenso*. Que seja permitido aqui transcrever, inteiro, um poema deste último livro de José Régio.

CONVOCAÇÃO

Vem ter comigo, Noite escura
Com uma sepultura,
Tenho estrelas aos pés para [te dar.
De mim te vai nascer o luar.

Saudade, vem, aperta-me a [garganta
Com tua garra de carícias. [Canta
A boca aberta ao ar que já [lhe falha,
Mas que enchem versos que, [mau grado, espalha.
Vem, Solidão fazer-me com-[panhia,
Remove do meu peito a laje [fria.
Tenho vidas a mais, que não [consigo
Viver senão contigo.

Tristeza e Humilhação, que [procriais rancores,
Vinde, cobrir-vos-ei de flores.
Por ínvios descampados
Chego aos jardins suspensos [enterrados.
Traições, Tédio, Amargor, [Martírios, Agonias,
Enchei as minhas mãos [vazias.
Liberais vo-las trago a rece-[ber-vos:
Tiranos que me fostes, sois-[me servos.

Vem, Desespero! enche-me o [espaço,
Despoja-me do nada a que [me abraço.
Quero embalar-te ao colo da [Esperança
Que nada pede, — tudo al-[cança.
Depois vem tu, quando te [apraza.
Se ainda tremo ao pressentir. [te a Asa,
Já, dada a volta, vou voltando [à Origem.
Vem buscar o teu noivo outra [vez virgem.

No final da leitura ocorrem ao autor do artigo aquelas linhas de Eugénio de Andrade: «Que diremos ainda? Serão palavras / / isto que aflora aos lábios? / Palavras, este rumor tão leve / que ouvimos o dia desprender-se? / Palavras, ou luz ainda?».

Findemos, pois, aqui. José Régio marcou seus passos na poesia portuguesa como quem marca só o que vale a pena deixar («o mais que faço não vale nada»). Foi assim que polarizou o estro criador dos jovens de há 40 anos. É assim que alimenta a vigília poética dos incansáveis «bebedore's nocturnos».

FERNANDO MENDONÇA

Ultrapassagens

(Continuação da 8.ª pág.)

não é um inédito) me irei ocupar. E não visam, porque a poesia de Fernando Namora (que é aquela que hoje constitui o nosso tema) tem um situacão marginal na carreira do escritor. Namora é um grande prosador da língua portuguesa, um grande contador de histórias e inventor de tempos e lugares. É por isso que não nos custa dizer que a sua poesia, agora reeditada, aparece com uma data excessivamente visível, que em definitivo a compromete.

Relendo hoje *As frias madrugadas* (*), encontramos em primeiro lugar poemas que vão de 1937 a 1938, e pertencem a dois livros: *Relevos* e *Mar de Sargaços* O subjectivismo é acentuado, como o pode provar um fragmento da poesia *Indução:*

Há em todas as coisas
a marca estranha
da minha presença

Sons, palavras imagens,
tudo eu desfiguro e desfeio.
As pessoas á minha volta,
têm gestos sonambulos
— os meus gestos imitados.
Rondam-me como espias,
precedem-me como agonias.
As coisas começam onde eu acabo.
Os berros
se atravessam muros e janelas
logo se rasgam
no estilhaço dos meus olhos.

Contudo, e antecipando um futuro tópico «neo-realista» esta poesia de intimismo aparece-nos dilacerada pela consciência da sua inutilidade:

Ladrões de estradas, quando eu [passar — matai-me!
A mim,
que levo estes versos debaixo do [braço
sem um fogo que os consuma!
A mim.
que levo versos em vez de cantigas,
que levo queixas em vez de gritos,
A mim,
de pés esfacelados
das montanhas que não alcanço!

Estes primeiros versos não conseguem já interessar-nos. A influência de Régio (em certos temas, certos vocábulos, certas imagens de mau gosto) é extremamente visível. Há aqui um Régio em parte des-dramatizado, nada mais. São versos mais espontaneos, mais simples, mais simpáticos, mas feitos com lugares-comuns, ritmos estafados, metáforas exangues.

É com o poema *Terra*, escrito em 41, que se opera a viragem. Os aspectos descritivos e narrativos passam a predominar. Hoje, como é evidente, *Terra* é um poema ingénuo. Falta-lhe a força, a frescura, a limpidez da palavra, a estruturalidade do verso. Mas podemos entrever a coragem e novidade desta poesia no seu tempo: a forma como rasgou os limites dos programas ideológicos a rigidez abstracta das proclamações, para se impor pela aproximação da *realidade real* Mas o melhor será citar João José Cochofel, que muito bem definiu o problema: «...o lirismo de Namora foi desde

o início o lirismo de um fundamental temperamento de ficcionista, lirismo em que vai afirmando uma das facetas essenciais do prosador, essa dolorida e difusa poesia das coisas e das gentes que alcançará plena efectivação nas melhores páginas de prosa, como em *Casa da Malta* ou em *Retalhos da Vida de um Médico*. De *Relevos* a *Terra*, os elementos de efabulação, de descritivo e de exposição discursiva vão ganhando cada vez maior importancia na elaboração poemática, até atingirem um ponto limite um ponto inultrapassável sem que estalassem os próprios moldes de versificação. A partir de então o poeta teria de exprimir-se em prosa».

Poeta «ultrapassado»? Sem duvida, diremos nós (mas com risco, porque desconhecemos a actual produção poética do autor). Mas ultrapassado por si próprio E assim vale a pena

(*) Fernando Namora *As Frias Madrugadas*, 3.ª edição, Publicações Europa-América, Lisboa 1969.

EDUARDO PRADO COELHO

Pierre Seghers

(Continuação da 8.ª pág.)

reunindo 265 poetas de 1940 a 1960. E não são muitos, porque são todos bons. Como se a profecia de Lautréamont («La poésie un jour sera faite par tous, et non par un») se tivesse enfim realizado.

O primeiro volume desta obra monumental, publicado em 1966, compunha-se já de uma selecção rigorosa dos poemas e dos poetas desde a aurora da poesia francesa até aos anos 40, nas franjas do crepúsculo europeu... Ao todo, nos dois volumes, setecentas e sessenta páginas de poesia de um valor inestimável que vai certamente contar nos anais da edição de um género pobre em leitores. O sucesso podia e devia esperar-se de um compilador de envergadura de Pierre Seghers, poeta-editor de poetas, como já dissemos, que vive da poesia para a poesia. Nota curiosa: de um autor que publicou recentemente (há pouco mais de um ano) um «Pierre Seghers» de Pierre Seghers editado pelas edições Pierre Seghers, surpreendeu-nos e entristeceu-nos a ausência do seu nome e dos seus poemas numa antologia a que um e outros têm amplo direito. Surpreendeu-nos e contrariou-nos, uma vez que consideramos a sua poesia como uma das mais seguras e representativas destes últimos trinta anos de convulsões diversas. Excesso de virtude ou insuficiência de zelo?... Seja como for, o lapso parece-nos imperdoável, mesmo tido em consideração o valor excepcional do livro. Tanto mais que, ao fim e ao cabo, todos nós somos poetas: poetas do dia-a-dia, poetas naturais, poetas de sempre, «de todas as horas», como diria Novalis. *Car nous sommes tous la, étonnés devant la vie!...* Como os índios Nambikwara, por exemplo, que se escondem na floresta do Mato Grosso durante dias e dias para fabricar, sob os olhos cúmplices da natureza em estado virginal, os seus instrumentos musicais. Poetas do dia e da noite... Poetas de sempre... E ai daquele (ou melhor: ai daquela) que vier, indiscreto, perturbar o ritual do homem oferecido de corpo e alma à poesia que lhe vibra nas cordas da sensibilidade!

Um livro de ouro que vale o seu peso.

ALCIDES DE CAMPOS

O tesouro na gaveta...
Faqueiros de Prata
TOPÁZIO
duplamente trabalhados
valem cada vez mais
Vendem as melhores Ourivesarias

ULTRAPASSAGENS

crítica

por Eduardo Prado Coelho

Se alguma conclusão se pode tirar da «mesa-redonda» sobre a «função social da crítica» que o *Diário de Lisboa* publicou num seu novo suplemento, não é nada que, de perto ou de longe, se relacione com tal «função social» mas outra coisa mais simples, e até deprimente: a relação entre críticos e criticados é (ainda) uma relação tensa e conflituosa. Os criticados, esses, não estão contentes com *esta* crítica, e pedem outra, a ideal. Talvez o conflito se vá extinguindo por si, na medida bastante exacta em que o crítico é (entre nós) um ser em vias de desaparecimento (entre nós, é claro). Mas, apesar de tudo, a violência polémica mantém-se—e, de tal forma, que o diálogo a haver só poderá haver no termo duma longa e (como sempre) interminável psicanálise colectiva. Por enquanto, jogamos o nosso psicodrama—publicamente, e á mesa

Uma das acusações mais frequentes (isto é, em moda...) é a seguinte: o crítico subordina-se ás modas. Ah' as modas futeis mundanas decadentes... Isto até é muito engraçado, porque são sempre as pessoas que se subornam *ás modas ex-dominantes* que consideram como *as modas dominantes*. Para elas, é evidente, *as modas ex-dominantes* escapam ás variações da moda — são intemporais e universais como tudo o que enraiza na natureza humana. E é por isso que *generosamente* nos indicam aqueles critérios *rigorosamente literários* que permitem avaliar a qualidade das obras *independentemente* das levianas oscilações com que a moda dita gostos, preferências ídolos.

Mas grave, irremediávelmente grave, é quando se diz que o escritor X ou o pintor Y fez o que já estava feito. Isso torna-se intolerável. Um autor «ultrapassado»?! Ah, desgraçado século das velocidades em que os valores literários se medem em termos de corrida

Namora: ultrapassado por si próprio

a uma bicicleta: «ultrapassado»? Impossível! Caem então sobre nós as coléricas considerações sobre a tirania da moda e a ingenuidade adolescente dos que nela se deixam envolver. É por causa da moda (dizem) que alguns pensam que o que hoje se faz é a norma a adoptar. É por causa da moda (dizem) que alguns tomam o moderno como um absoluto. E assim, por inexperiência e imaturidade, esquecem que é preciso ver a literatura como um ser plural e diversificado. É preciso (dizem) ter a coragem de recusar a moda! E perguntam: mas Camões, Camões está ultrapassado? Ou ainda: e o Fernando Pessoa não estará já a passar de moda? Perguntam, perguntam sempre, e gente treme com uma tão horrível fragilidade dos valores.

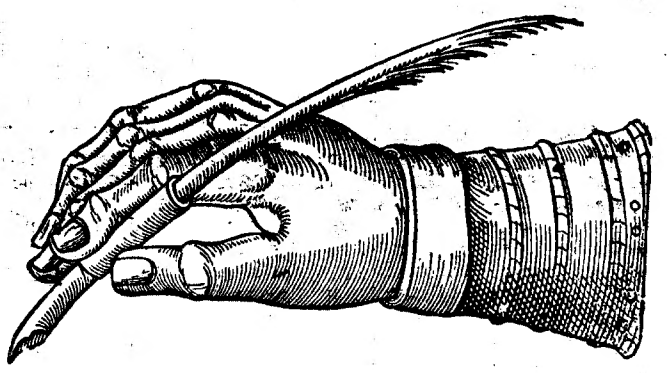
Porque as soluções não podem ser senão duas: ou tudo está sujeito á moda e apenas nos resta assumir até ás suas ultimas consequências essa indeterminação da verdade: ou existe um critério de apreciação que *não depende* da moda é intemporal, objectivo, permanente, e nesse caso é necessário apresentar as *condições teóricas* que fundamentam tal Porque, sem a demonstração, todo e qualquer critério pode ser acusado de ser moda É evidente que o recurso a noções como «intuição», «Beleza» e «bom-senso» é tão absurdo, mistificador e reaccionário como a utilização da noção de «natureza» em domínio político. A «naturalização das coisas» é sempre o modo ideológico de fazer aparecer como definitiva uma situação histórica em dado momento dominante.

Que podemos nós entender por escritor «ultrapassado»? Vejamos. Todo o escritor elabora a sua linguagem através dum progressivo sistema de diferenças em que cada palavra vale na sua relação com as outras. O discurso do escritor elabora o próprio código que utiliza Elabora-o utilizando-o. É dessa recíproca dependência que resulta a impossibilidade de os *fixarmos* em definitivo. Entre código e discurso existe uma inadequação constante que os movimenta e altera. Quando o escritor possui um código relativamente elaborado, dizemos nós que ele criou um *estilo* Trata-se até de um momento de perigo. Quando alguém julga ter criado um estilo tende a institucionalizá-lo, detendo o dinamismo que o produziu. Dá-se então o seguinte: o escritor *explora* o seu estilo porque desiste de o continuar a *produzir*. Ora um estilo que se limita a viver de repetição das suas diferenças, e não visa *a produção da diferença*, é um esttilo morto. O escritor «ultrapassado» é aquele que utliza um estilo morto. Morte que recebeu como herança. Ou morte que ocorreu porque ele deixou que o estilo lhe morresse nas suas próprias mãos. Morto, porque é um estilo saturado, esgotada a sua capacidade de informação, que (como a teoria da informação indica) resulta da improbabilidade das diferenças produzidas. Se a teoria da informação é insuficiente, porque ser novidade não é por si só garantia de valor, ela é indispensável: não há informação (estética) sem um determinado grau de novidade Novidade que não precisa de ser espectacular (ao contrário do que o experimentalismo supõe). Mas novidade que trabalha. Porque dizer em pleno Verão que está calor não é novidade nenhuma. Mas dizê-lo no inverno já o é. Ignorar estas coisas para ficar em éxtase com o bom-senso e a intuição não se afigura acertado.

Em literatura, há quem *explore* códigos e há quem *produza* códigos. Há ainda quem explore os códigos que produziu. Há pois os *exploradores*, que, como todos os *exploradores*, estão historicamente condenados. E há os outros, classe de *produtores*, e neles reside a instancia do futuro e a origem da verdade.

Estas considerações não visam directamente o livro de que muito brevemente (uma vez que

(Continua na 7.ª página)



PIERRE SEGHERS

«O livro de ouro da poesia francesa»

por Alcides de Campos

DE CADA VEZ que aparece no mercado literário uma antologia, seja ela de Prosadores ou de Poetas, apareça ela em França, em Portugal ou na Cochinchina — a massa de críticos mete o pé atrás e, de olhar vesgo, começa a fazer um beicinho desconfiado a partir do nome do compilador, que nem sempre «é dos nossos»... Depois, *baseado* nesta primeira impressão e formado no conhecimento dos amigos do autor da antologia-réu, o zeloso e competente crítico (profissional quase sempre) lança-se ao trabalho com unhas e dentes *(au propre et au figuré, cela va sans dirs)*, disposto a quebrar a «panelinha» de alto a baixo. Panelinha: toda a gente sabe que uma antologia não é, não pode, nunca poderá ser outra coisa senão um «complot» de velhas amizades, conjuração subterrânea, golpe de estado na Republica-das-Artes-e-das-Letras (um momento: esta saborosa união faz-me pensar numa outra forma de poder-suculento: a monarquia alfacinha d'El-rei Sem Nome, precária imitação de Luís XIV o Menor, pavoneando-se na redacção de um Versalhes miniatura vulgo *Letras e Tretas*, ou vice-versa, cuja divisa é este lindo poema... *romantico:* «Versez-moi votre or avant que je ne fasse verser votre talent». E o mais engraçado é que, mesmo depenados, os tristes cortesãos ainda se apresentam de cara fresca e sorridentes, só pelo prazer de poderem continuar a escarrapanchar-se nas colunas marmóreas do mini-Trianon *et autres lieux de luxurs* (oh Platão!), á sombra do falso monarca falsamente teso). E é isto: uma antologia, sobretudo poética, é o diabo da breca!.. Nestes ultimos anos, apareceram várias em França, das quais uma em que ninguém pôs os olhos, assinada por um tal Georges Pompidou, banqueiro e homem publico (afinal de contas, uma mulher publica o que é?) que para se dar uns arzinhos de seriedade (!) gosta de meter a sua colherada na salada das «belas letras»: aos sábados e domingos, como e quando outros se dão á tasca ou ao futebol, á bisca ou ao «tricot». Ninguém a leu, nenhum crítico falou dela senão de raspão, e parece-me inutil dizer porquê. Ou talvez valha a pena, pois é «dogma» que nos concerne. Quando um livro, ou um quadro, ou outra coisa qualquer não tem por onde se lhe pegue (a não ser a cândida ilusão do ingénuo) — o melhor é passar-se-lhe por cima como sobre uma «excrecência tombal»: *aqui jaz um sonho desmedido!* Monsieur de Boisdeffre

Seghers: editor-poeta

(ah, celui-là!) deu-se igualmente (Pompidou-II), há cerca de dois anos, a idêntico trabalho de selecção... amical. E, ou muito nos enganamos ou a sua antologia era ainda de pior factura que a de Monsieur Pompidou (Georges). Mais recentemente, Jean Rousselot deu á estampa um «Dictionnaire de la poésie française contemporaine», revelando nada menos do que 749 autores! Um verdadeiro fogo de lágrimas, em Santo-Tirso... Como se os poetas caissem do céu assim «de caras», ás primeiras horas... da amizade! Ora bolas!...

Mas, atento, o Olimpo fez o milagre necessário, enviando-nos sob os cuidados e a assinatura de Pierre Seghrs (poeta e editor de poetas do mundo inteiro, que se interessa bastante á nossa criação literária. Autêntico: mandem-lhe os vossos livros, os vossos melhores poemas. Prometo-vos que ele vos dará uma resposta). Pierre Seghers, diziamos, apresentou-se há dias com o segundo volume do seu «Livre d'or de la poésie française» (bolso-Marabout),

(Continua na 7.ª página)

LER
E
DEPOIS
por ÓSCAR LOPES

QUESTÕES TEÓRICAS GERAIS. OS CONCEITOS DE REALISMO E DE MUNDO INTERIOR. FIGURAS LITERÁRIAS PORTUGUESAS: GIL VICENTE, SÁ DE MIRANDA, CAMÕES, MENDES PINTO, MANUEL DE MELO, BOCAGE, CAMILO, RAUL BRANDÃO, PESSANHA, ANTÓNIO SÉRGIO, FERNANDO PESSOA E AQUILINO RIBEIRO. DOIS ESCRITORES BRASILEIROS: GUIMARÃES ROSA E JOÃO CABRAL DE MELO NETO.

COLECÇÃO CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

EDITORIAL INOVA/PORTO